

PB Educa gerou mais de dois milhões de horas de conteúdo

Iniciativa surgiu no início da pandemia para alimentar o ensino remoto na Rede Estadual e, este ano, deverá ser ampliado. [Página 3](#)



Foto: Mano de Carvalho/Divulgação

Cultura, arte e tecnologia no Centro Histórico

Instalação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, do Governo do Estado, cria oportunidades para revitalizar o coração da capital paraibana com o incentivo a projetos que ofereçam soluções inovadoras para a área. [Página 19](#)



Ilustração: Tônio

Quem foi Marinês Conheça a homenageada do Festival de Música da Paraíba de 2022, a "Rainha do Xaxado" que gravou mais de 40 discos e é influência para uma série de cantoras nordestinas. [Página 9](#)

Almanaque



Foto: Evandro Pereira

Centenário As histórias por trás da estátua erguida há 100 anos em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes, no Centro da capital. [Página 25](#)

Entrevista



Foto: Arquivo pessoal

Ciência Professor da UFCG, Diogo Oliveira comenta a importância das pesquisas científicas. [Página 4](#)

Esportes

Campeonato Paraibano tem início na próxima quinta-feira

Dez equipes vão lutar pelo título estadual, diferente do ano passado, quando nove estavam na disputa. [Página 21](#)

Economia

Idosos têm buscado, cada vez mais, independência financeira

Aposentados e pensionistas, que têm grande impacto na economia, estão cuidando mais do próprio dinheiro. [Página 17](#)

Colunas

/// No plano específico da interlocução social, realinhar o olhar para o ódio que impera, hoje, no mundo (...) é uma preocupação que deveria estar na agenda de prioridades. [Página 2](#)

Editorial

/// Quem expulsou o invasor holandês do Nordeste não foi o Reino de Portugal, sob jugo espanhol, mas o povo nordestino. [Página 2](#)

Sitônio Pinto

77
Conversa com o GOVERNADOR
NA RÁDIO TABAJARA
FM 105,5
TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H
facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba
Tabajara

Correio das Artes
Ecos do Modernismo

Correio das Artes

Às vésperas do centenário da Semana de Arte Moderna, matéria de capa da edição de janeiro foi buscar, junto a especialistas, o legado do movimento e a repercussão dele na Paraíba.

Consciência influencia no voto e no futuro
Importância do incentivo à votação

Conscientização no pulsar da vida cotidiana
"Não pulsa, só se vê o sorriso nos olhos de verdade"

Para além de um partido ou candidato: a consciência
Até onde as pessoas estruturam as suas posições políticas?

Alma em carne e osso

Juntas, redes sociais e artes potencializam a conscientização política

Consciência Política Até onde as pessoas, de fato, vivenciam na pele os problemas políticos? Questionamento é discutido por especialista no caderno Pensar.

Editorial

Sossegar a voz

Estudiosos das relações humanas contemporâneas têm alertado para o alto índice de violência na comunicação entre pessoas e grupos sociais. As redes sociais, por exemplo, tornaram-se um campo propício às manifestações de intolerância, de variada ordem, porém com maior virulência nas discussões (ou agressões) referentes à ideologia, religião e gênero.

O desafio é construir as bases de uma comunicação social não violenta, inspirada, por exemplo, nas lições do escritor russo Liev Tolstói (1828-1910), autor de “Guerra e Paz”, e do líder espiritual indiano Mahatma Gandhi (1869-1948), idealizador de duas ferramentas teóricas para a luta pacifista: “Ahimsa” (não violência) e “Satyagraha” (a força da verdade).

No plano específico da interlocução social, realinhar o olhar para o ódio que impera, hoje, no mundo, em uma escala talvez nunca vista antes, de maneira a romper com o ciclo de contaminação interpessoal, é uma preocupação que deveria estar na agenda de prioridades tanto do poder público como do empresariado e da sociedade civil organizada.

A intransigência manifesta-se cada dia com maior assiduidade e ousadia na vida cotidiana das pessoas. Há discussões e confrontos físicos (inclusive, com vítimas fatais) no trânsito e nas filas de farmácias, bancos, padarias, supermercados etc. Diminui a cada dia o número de pessoas que procuram resolver os conflitos com paciência e diálogo.

À menor contrariedade, eleva-se o tom de voz e uma linha invisível é estabelecida entre os dois lados, sendo declarado inimigo quem primeiro ousar tocar o outro, mesmo que para um aperto de mão ou outro sinal qualquer de conciliação. Dedos indicadores em riste, apontados para o rosto, substituíram o indicador e o médio em “v”, pedindo paz e amor.

Entende-se que todas as formas de violência só poderão ser superadas quando as pessoas individualizarem também as ações direcionadas à paz coletiva. Não basta apenas reagir ao mal; é preciso saber como contrapor-se à brutalidade, sob pena de colaborar para a sua permanência e agravamento. Pensar duas vezes antes de haver-se ainda é um ótimo ensinamento.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A Bossa Nova

Tive a felicidade de viver a fase de transição da adolescência nos anos 60, a década das transformações. O mundo experimentava mudanças em todos os sentidos. Os paradigmas eram quebrados. Os costumes eram alterados. Os conceitos questionados e reformulados. O sentimento de liberdade era o estímulo para o grito por renovação.

Dentre as mutações que se verificavam no mundo, uma delas era em relação à música. A novidade no Brasil era o movimento chamado “bossa nova”. O maestro Júlio Medaglia dizia que pela “bossa nova” se desenvolvia uma nova forma de expressão musical, o canto-falado, o cantar baixinho, quase coloquial. Porém, mantinha a tradição musical brasileira tendo o samba como referência, embora dialogando com o jazz norte-americano quanto à forma de apresentação, merecendo por isso algumas críticas com o discurso de que ela estava perpetuando nossa “colonização cultural”.

Mesmo tendo seu início oficialmente considerado como datado de 1958, quando João Gilberto, a quem se atribuía a condição de pai da bossa nova, e Tom Jobim, lançaram o compacto simples com as músicas “Chega de Saudade” e “Bim Bom”, esse movimento ganhou força a partir de 1962, oportunidade em que surgiu “Garota de Ipanema”, que passaria a ser, como é até hoje, uma das músicas brasileiras mais tocadas no mundo. Esse gênero musical não tinha apelo popular, era preferido pelos intelectuais e pela juventude engajada politicamente.

O nome “bossa nova” surgiu por acaso. Conta Roberto Menescal que Sylvinha Teles teria convidado o grupo precursor do novo ritmo musical, frequentador do apartamento de Nara Leão, em Copacabana, para uma apresentação na Hebraica, no Rio, e lá chegando seus integrantes foram surpreendidos com um cartaz

que anunciava: “Hoje Sylvia Teles e o Grupo Bossa Nova”. Ronaldo Boscollí, ao ver aquilo, disse imediatamente: “Gostei, esse é o nome”.

Importante registrar o famoso show do Carnegie Hall em Nova Iorque, realizado em 1962, quando Tom Jobim e Vinícius de Moraes, ao lado de outros artistas, apresentaram suas canções à América. O show rendeu diversos convites de trabalho e abriu as portas para a música brasileira. Frank Sinatra, inclusive, passou a gravar vários sucessos da dupla brasileira. A bossa nova ultrapassou nossas fronteiras.

Quem estava antenado com o momento de renovação da música brasileira adquiria discos de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Baden Powell, Carlos Lyra, João Gilberto, Marcos Valle, Nara Leão, Toquinho, Roberto Menescal, Ronaldo Boscollí, os grandes nomes da bossa nova. Nem será preciso dizer que era disco de vinil, formato em LPs e compactos simples e duplos.

Minha discoteca já possuía vários deles. Passava horas me deliciando na audição que me era proporcionada por sua execução na radiola de minha casa //

Minha discoteca já possuía vários deles. Passava horas me deliciando na audição que me era proporcionada por sua execução na radiola de minha casa. Para os atuais, radiola era uma vitrola, um

toca-discos. São músicas que nunca morrem, eternizaram-se, tais como “O Barquinho”, “Eu sei que vou te amar”, “Corcovado”, “Águas de Março”, “Samba de uma Nota Só”, etc.

O caráter intimista e rebuscado da bossa nova funcionou como uma recriação da MPB, o momento do samba moderno, sinalizando o principiar de uma nova era da música nacional. Ouvir as canções que marcaram o tempo da bossa nova não é saudosismo, é revelar-se um apreciador da boa música, perceber que a excelência musical não se perde com o avançar dos anos. Tudo que nasce a partir da genialidade, da competência, do talento, fica atemporal. A bossa nova ainda está viva na produção contemporânea.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A Casa da Pólvora

As forças armadas brasileiras são autoras de 11 golpes de estado e um contragolpe:

- O Golpe da Independência, que Dom Pedro I aplicou no pai, Dom João VI; o Golpe da República, que Deodoro aplicou no compadre Pedro II; o Golpe de 1930, contra o Presidente Washington Luís e o Presidente eleito, Júlio Prestes, nas vésperas de sua posse; o Golpe de 1937 - um endurecimento do Golpe de Trinta; o Golpe de 1945, fim do Golpe de 1930/37; o Golpe de 1954, contra o ex-ditador e presidente eleito Getúlio Vargas; a Conspiração do Clube Militar e o contragolpe do Marechal Lott, em 1955; as Intenções de Jacareacanga, em 1956; e de Aragarças, em 1959; o Golpe de 1964, que depôs o presidente João Goulart; o Golpe de 1968, que endureceu o Golpe de 64; e o Golpe do Desarmamento, de 2003, que recolheu as poucas armas do Povo, inerte diante do Estado.

Fala-se em arrotar o Estatuto do Desarmamento por meio de um plebiscito e de leis ainda mais proibitivas. Os mais radicais propõem a proibição da fabricação de armamentos e munições no país - uma conquista alcançada com a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, quando nasceram a Casa da Pólvora, a Casa da Moeda, o Banco do Brasil, a Imprensa, o ensino superior, a Biblioteca Real, o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o Reino Unido, e a abertura dos portos.

A criação da Casa da Pólvora era indispensável para garantia dessas conquistas. Napoleão acabava de invadir Portugal. O mundo sempre tem um conquistador de plantão. Daí a necessidade da Casa da Pólvora, de que Dom João VI dotou o Rio de Janeiro. Em 13 anos - de 1808 a 1821 - Dom João VI realizou mais de que todos os governos brasileiros. Antes da era de D. João VI o Brasil era proibido de fabricar qualquer coisa, principalmente pólvora. Não convinha à Corte Portuguesa a existência de uma colônia armada, que tivesse Imprensa para abrir a boca e escolas para abrir os olhos. Agora, querem fechar a Casa da Pólvora

e as fábricas de armas no Brasil, e desarmar seu Povo, na comoção nacional provocada pelo massacre de doze adolescentes, pistolados pelo maluco que invadiu uma escola no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro. Os golpistas querem se aproveitar da comoção nacional provocada pela tragédia para recrudescer o Estatuto do Desarmamento e desarmar ainda mais o Povo. A tragédia de Realengo não tem peso estatístico. Incidentes como o de seis de abril não são frequentes no país. Foi o primeiro. E o louco da tragédia não é representativo da população.

O que seria das famílias de Mossoró, se seu povo não tivesse reagido à agressão de Lampião? Querem desarmar Mossoró porque um louco tiroteou uma escola, matando uma dúzia de adolescentes - que deveriam ter sido treinados pelo Estado em artes marciais para desarmar um agressor.

Quem expulsou o invasor holandês do Nordeste não foi o Reino de Portugal, sob jugo espanhol, mas o povo nordestino. Os historiadores são unânimes em que dessa reação nasceu o Exército Brasileiro. Desde o pau de tinta que o Brasil é alvo da cobiça estrangeira. Como se defenderá o Brasil do olho grande nas jazidas petrolíferas do pré-sal? Com a Casa da Pólvora fechada? O Rio Grande do Norte tem seu petróleo debaixo de seu solo, e um dos maiores litorais do Brasil. Se os lampiões de ultramar vierem buscar o petróleo do RN, como será possível a reação, com o Povo desarmado?

A população civil deve ser o manancial de um exército, como no Vietnã, onde o povo armado e organizado matou 50 mil soldados americanos, inclusive quatro generais. Os marines chegaram a ter 500 mil soldados ocupando o Vietnã, mas foram expulsos pelo povo armado - como deve ser qualquer povo. Principalmente se tiver petróleo, Amazônia, a quarta produção de alimentos do mundo, a quinta extensão territorial, 12% da água doce do planeta, e as mulheres lindas do seu Carnaval.

Fotolegenda

Foto: Marcos Russo



Agricultura que dá certo

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

PB Educa tem mais de dois milhões de horas em conteúdo audiovisual

Programa foi implantado para fornecer material para o ensino remoto na Rede Estadual durante a pandemia de Covid

Ítalo Arruda
Especial para A União

Desde que foi implantado como alternativa ao ensino-aprendizagem durante a pandemia de Covid-19, o programa Paraíba Educa produziu uma gama de materiais didáticos em formato de videoaulas voltados para o ensino remoto dos estudantes matriculados nas escolas da Rede Estadual. A estimativa, segundo informações da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), é de que tenham sido produzidos mais de dois milhões de horas de material audiovisual, considerando todos os recursos utili-

O programa, que funciona sob o regime especial de ensino instituído pela Portaria N° 418, de 18 de abril de 2020, atende cerca de 258 mil alunos matriculados nas escolas estaduais dos 223 municípios, com a colaboração de, aproximadamente, 14 mil professores.

Os vídeos, assim como os programas educativos executados, são produzidos pela equipe docente, conforme o que está estabelecido pela Proposta Curricular da Paraíba, em seus próprios ambientes (a maioria em domicílio).

De acordo com o secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, o objetivo principal da plataforma Paraíba Educa é apoiar professores, gestores escolares e estudantes no enfrentamento aos desafios impostos à seara educacional – em decorrência do distanciamento social imposto pela pandemia –, a partir de estratégias tecnológicas.

“As tecnologias hoje são indispensáveis para o desenvolvimento pedagógico entre professores e alunos. Isso ficou claro em toda parte do mundo, sobretudo, com a pandemia. Então, este é um programa importantíssimo para a Educação do Estado, que, além das ações de inclusão digital, permite a inovação das práticas pedagógicas e da formação de professores”, pontuou Furtado.

O titular da SEECT também destacou que as ferramentas utilizadas pelo Paraíba Educa, como a produção de aulas em vídeo, material sonoro como podcasts, além de cadernos de estudos e bibliotecas digitais, representam um marco



Foto: Divulgação

Produção do PB Educa está disponível em videoaulas, podcasts, cadernos de estudo e biblioteca digital; e expectativa é que a iniciativa seja ampliada este ano

A parceria com a ALPB viabiliza, de forma inédita na Paraíba, a circulação de conteúdos didáticos e uma programação educativa, incluindo o EJA

zados pela plataforma de ensino, como a TV Paraíba Educa, o aplicativo do programa, entre outros.

Para 2022, com o retorno gradativo das aulas presenciais, a expectativa é que seja ampliada a programação transmitida pela TV, cuja parceria com a Assembleia Legislativa viabiliza de forma inédita na Paraíba, através do canal aberto de televisão (8.3), a circulação de conteúdos didáticos e uma programação educativa para os estudantes de todas as séries de ensino dos níveis Fundamental e Médio, incluindo, também, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

na história da Educação paraibana. Além disso, segundo Cláudio, as ações adotadas para a manutenção das aulas durante o sistema híbrido de ensino serão de grande utilidade no futuro.

“Mesmo que a gente tenha, durante 2022, uma transição para o ensino totalmente presencial, as ferramentas híbridas permanecerão no dia a dia da escola, e serão de funda-

mental importância daqui para a frente, na construção de um novo modelo de ensino, mediado por tecnologia”, ressalta.

Todos os vídeos, bem como os cadernos e pla-

nos de ensino, produzidos pelos professores estão disponíveis na plataforma Paraíba Educa, com acesso ilimitado aos estudantes e docentes cadastrados no sistema.

+ Acesso não exige o uso de dados móveis

Além da plataforma e da TV, o programa Paraíba Educa utiliza outros recursos para desenvolver as atividades escolares e de gestão e formação pedagógica.

Entre eles destacam-se o aplicativo Paraíba Educa, cujo acesso não exige o uso de dados móveis (internet); a plataforma Google Classroom, que auxilia no gerenciamento dos

ambientes escolares e das salas de aulas virtuais; redes sociais; e material impresso, que tem como objetivo levar o conteúdo ministrado aos estudantes que não dispõem de meios necessários para acesso às mídias digitais.

Existe, ainda, a produção de mídias sonoras, como podcasts, por exemplo, que abordam temáticas educativas e matérias

especiais, além de programas radiofônicos, com transmissão pela Rádio Tabajara AM.

“Essas ferramentas foram essenciais, do ponto de vista tecnológico, junto com outras ações, como a questão da franquia de dados e a compra de chips [telefônicos] para os estudantes, porque nos ajudaram a potencializar as novas metodologias de ensino”, avaliou Cláudio Furtado.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

RACHA NO PSD: VEREADOR DO PARTIDO SE DIZ PERPLEXO COM DECISÃO DE ROMERO: “TUDO ISSO É MUITO ESTANHO”



Foto: Divulgação

A decisão de Romero Rodrigues de apoiar a pré-candidatura de Pedro Cunha Lima (PSDB) ao governo, recuando de uma adesão à base governista, já nutriu um resultado: o PSD está rachado. As declarações da vice-presidente estadual do partido, Eva Gouveia, já anteciparam isso: ela foi enfática ao dizer que não existe uma decisão partidária, mas de cunho pessoal. Outro indício de que algo muito estranho aconteceu, podemos assim afirmar, nos últimos dias, ficou por conta da fala de outro aliado de Romero, o vereador de Campina Grande Pimentel Filho (foto), que também já anunciou que ficará com o grupo do governador João Azevêdo (Cidadania). Ele destaca que esteve, dias atrás, na Granja Santana, ao lado do irmão de Romero, o deputado estadual Moacir Rodrigues (PSL), em reunião com o governador, e que o roteiro que até então se desenhava era da vinda do ex-prefeito de Campina Grande para a base. “Estou na política há 32 anos. Tudo isso é muito estranho”, disse o vereador, ressaltando que, “pouco tempo atrás”, ele, Eva e Moacir conversaram com Romero sobre decisões relacionadas ao movimento do PSD em aliar-se ao governador João Azevêdo. Há quem aposte que, em breve, o PSD terá um novo presidente estadual.

“NÃO MUDA EM NADA”

O secretário de Comunicação da Paraíba, Nonato Bandeira, afirma que a decisão de Romero Rodrigues não irá alterar as estratégias do grupo político do governador João Azevêdo para as eleições. “Não muda em nada nossa estratégia, em Campina Grande ou em qualquer região do estado. Continuaremos ampliando [o leque de alianças]”.

VOLTA DE SESSÃO ON-LINE

A sessões presenciais na ALPB poderão ser suspensas, devido ao recrudescimento dos casos de Covid-19 na Paraíba. Na próxima terça-feira, de acordo com o presidente Adriano Galdino (PSB), os deputados irão deliberar sobre o assunto. “Essa decisão não será da Mesa Diretora, será do colegiado”, disse, destacando que assembleias em outros estados estão retornando ao modelo on-line.

FALTOU CITAR O FREI

Extensa matéria da Folha de S. Paulo, tratando do foco do PT para eleger “bancada expressiva de deputados federais de esquerda para dar sustentabilidade” ao possível novo mandato de Lula, faz referência aos candidatos por estado. Ao citar a Paraíba, registra-se que “o PT lançará Luiz Couto”. E que “o ex-prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, é opção”. Faltou citar Frei Anastácio, que vai à reeleição.

DEFINIÇÃO À VISTA

A união do Cidadania e do PSDB em federação deverá ser definida nesta próxima semana, quando ocorrerá reunião da direção nacional do Cidadania para deliberar sobre a aliança. A tendência é que a união entre os partidos seja efetivada – na quinta-feira passada, os tucanos deram um sim à criação da federação partidária. Parece fava contadas.

RETORNO ÀS DISPUTAS

Quem anunciou retorno às disputas eleitorais foi Inaldo Leitão, que já ocupou cadeira na Câmara Federal. Irá disputar mandato de deputado federal pelo MDB. A decisão foi anunciada após reunião com o presidente do partido na Paraíba, senador Veneziano Vital do Rêgo. O irmão dele, Mikika Leitão, preside o diretório do partido em João Pessoa.

NONATO SOBRE A FEDERAÇÃO: “PARECE CASAMENTO ARRANJADO”

Nonato Bandeira voltou a rechaçar a proposta de federação com o PSDB – sua opinião contrária, que espelha também o que pensa o governador João Azevêdo, inclusive, já foi dita ao presidente nacional do Cidadania, Roberto Freire: “Não vai prosperar na Paraíba. O governador deixará o partido. Isso parece casamento arranjado para enganar a população”.

Diogo Oliveira,
Pesquisador

“É preciso que as pessoas saibam como se faz pesquisa”

Para professor de comunicação e pesquisador, ciência não é um produto pronto e, como atividade humana, ela pode conter falhas



“O resultado prático das medidas anti-ciência do Governo Federal é que nós não atingimos todo o nosso potencial de vacinados ao lançar uma desconfiança sobre ciência e seus benefícios”

Foto: Arquivo Pessoal

José Alves
zavieira2@gmail.com

Em entrevista ao Jornal A União, o professor de comunicação e pesquisador Diogo Oliveira fez um desafo ao afirmar que a ciência no Brasil vive um péssimo momento. Para ele, a ciência sofre com a descontinuidade

de interesses políticos e econômicos, com a falta de verbas e infraestrutura, entre tantos outros pontos. O país sofre com constantes cortes de investimentos na área. Para se ter uma ideia da situação, na última segunda-feira (24), ao sancionar o Orçamento de 2022, cerca de R\$ 3,18 bilhões foram corta-

dos da pesquisa e da educação. Devido a esse descaso com a área, grandes pesquisadoras e pesquisadores brasileiros estão optando por construir suas carreiras no exterior pelo fato do Governo Federal ser notadamente negacionista.

Diogo Oliveira é professor de Comunicação Social da Universidade Federal de

Campina Grande (UFGG), professor permanente da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Secretário Regional na Paraíba da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

No período entre março de 2019 a março de 2021,

ele foi professor visitante do Departamento de Comunicação da Cornell University, em Ithaca, nos Estados Unidos. Diogo também é Mestre em Comunicação Científica, Médica e Meio Ambiental pela Universitat Pompeu Fabra (2007), mesma instituição onde obteve o título de doutor em Comunicação Pública.

Seus trabalhos já foram apresentados em congressos internacionais no México, na Espanha, na Itália, na Nova Zelândia, nos Estados Unidos e na Escócia. Atualmente, ele faz parte de entidades científicas e de comunicação científica Public Communication of Science and Technology (PCST).

A entrevista

Qual a sua avaliação do atual momento da ciência no Brasil?

Em primeiro lugar, é preciso sempre ressaltar a robustez da ciência brasileira, apesar de todas as dificuldades. Temos um material humano incrível, criativo e versátil. A história da ciência no nosso país mostra exemplos notáveis como Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz, Carlos Chagas, por exemplo. Eu foco nestes cientistas brasileiros porque são referências da saúde pública mundial e responsáveis pela erradicação de doenças graves no Brasil do início do século XX. Em segundo lugar, a ciência não é um produto pronto. Ela é uma atividade humana e, portanto, também falha. Ainda assim, é a melhor forma que a humanidade encontrou para entender-se a si mesma e aos fenômenos que a cercam.

Quais os impactos práticos negativos dos constantes questionamentos feitos pelas autoridades federais, especialmente o presidente Jair Bolsonaro, com relação a temas defendidos pelos cientistas?

O resultado prático das medidas anti-ciência do Governo Federal é que nós não atingimos todo o nosso potencial de vacinados ao lançar uma desconfiança sobre ciência e seus benefícios. Nós temos uma grande cultura de vacinas que foi construída ao longo de muitos anos de campanhas intensas, bem formuladas, baseadas em dados. É assim que se faz política pública. Há quase dois anos do início da pandemia, o Brasil nunca teve uma campanha nacional de conscientização da importância das medidas não farmacológicas (distanciamento, uso da máscara e higienização constante das mãos), nem da vaci-

na contra a Covid-19, a partir de janeiro de 2021. Sempre houve uma fuga constante do Governo Federal de suas responsabilidades. Posso citar alguns exemplos de ações danosas do governo do país no combate à pandemia: a minimização da gravidade da Covid-19; a aposta em medicamentos e tratamentos ineficazes; a troca constante de ministros da Saúde; os ataques rasteiros às instituições científicas públicas brasileiras e xenófobos à China (principal produtora de insumos das vacinas). O pior é que o ministro Quei-

“Porque as pessoas têm medo do que desconhecem. Nesse sentido, é fundamental o papel da divulgação científica no combate ao desconhecimento”

roga, pura e simplesmente para se manter no poder, não consegue se posicionar a favor da ciência, mesmo tendo sido ex-presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Com essa atitude ele joga a carreira científica dele no lixo.

O Brasil vacina pessoas há décadas, porque existe tanto negacionismo com as vacinas atuais para gripe e Covid-19?

Porque as pessoas têm medo do que desconhecem. Nesse sentido, é fundamental o papel da divulgação científica no combate ao desconhecimento. É preciso que as pessoas saibam como se faz pesquisa, cada uma de suas fases e seus mecanismos. Isso proporciona autonomia, cidadania e participação direta no debate

público, nos rumos do país. Mais do que nunca, aqueles que prezamos pela ciência, precisamos unir forças no combate aos movimentos anti-ciência. Ou encaramos essa luta ou nossa democracia, nosso bem-estar, nossa cidadania e o nosso estágio civilizatório estarão ainda mais comprometidos.

Apesar de tudo existem aspectos positivos diante desse cenário, como o posicionamento da maioria da população e das instituições em defesa da ciência?

As pesquisas de percepção pública da ciência mostram que as brasileiras e os brasileiros têm grande interesse pela ciência. Em 2019, 73% das pessoas entrevistadas disseram que ciência e tecnologia trazem “só benefícios ou mais benefícios que malefícios para a sociedade”. Esse número já foi de 82%, em 2010 (CGEE, 2019). Por outro lado, a pesquisa recente do Centro Sou Ciência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) mostra que 40% das pessoas não sabem o que se faz numa universidade pública e somente 11% citaram “ciência” como uma das atribuições das universidades. Acho que o nosso grande desafio é equalizar esse interesse e confiança na ciência com a falta de engajamento de boa parte da nossa população no debate público, que tem na ciência, é claro, um de seus pilares.

O Brasil tem perdido jovens cientistas?

Em outubro do ano passado, após um novo corte do orçamento para a Ciência e a Tecnologia no Brasil - dos R\$ 690 milhões, a pasta receberia apenas R\$ 55,2 milhões. Houve uma grande mobilização por parte das associações e sociedades científicas

para reverter essa decisão, entre elas, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que represento na Paraíba. Esse corte significou uma redução de 92% de um orçamento que já não era robusto e que seria investido em bolsas de estudo, em projetos de pesquisa e em instituições científicas. Em 2021, apenas 12,8% de 3.080 projetos de pós-doutorado no país receberam bolsas de pesquisa científica. Ou seja, somente 396 pesquisadores puderam dar continuidade a seus estudos acadêmicos. O que eu quero dizer com esses dados, é que a situação do Brasil é crítica. Nenhum país que pretenda ser genuinamente soberano terá êxito sem investir em ciência, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento. Eu não culpo quem deixa o país. Não os enxergo como pessoas que abandonam o barco. São profissionais qualificados que buscam a realização financeira e profissional que o Brasil, hoje, não oferece. Simples assim.

O que pode ser feito para reverter essa situação?

Investimento maior em ciência e tecnologia em todos os níveis, valorização do papel do pesquisador com salários condizentes com a importância da função. O envolvimento da iniciativa privada em pesquisa também seria bem interessante, para fazer com que os nossos jovens talentos se sintam acolhidos para fazer ciência no Brasil. Como divulgador científico, acho que precisamos mostrar ainda mais à sociedade o papel que a ciência cumpre na vida de todos nós. Fazemos um excelente trabalho tanto institucionalmente como porta-voz das universidades quanto na relação das universidades com a sociedade para o exercício

pleno da cidadania. Mas, sem dúvida, precisamos fazer ainda mais.

Qual o maior desafio para a ciência brasileira hoje?

Aponte alguns nas respostas anteriores. Valorizar e consequentemente manter os nossos talentos. Aumentar os investimentos na área e mostrar para a sociedade a importância que a ciência tem desde o âmbito mais local como na resolução de problemas cotidianos, até os debates macro sobre os rumos do país.

“As pesquisas de percepção pública da ciência mostram que as brasileiras e os brasileiros têm grande interesse pela ciência”

Quais os campos científicos em que o Brasil está na ponta e quais precisam melhorar?

Nós temos diversos exemplos de sucesso no país: a Petrobras e suas pesquisas em águas profundas e apoio à cultura nacional, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) e a Empresa Brasileira de Compressores (Embraco). Essas são algumas das empresas brasileiras de ponta, que geram empregos no país e no exterior aliando a pesquisa ao alto valor agregado aos seus produtos. Deveríamos investir mais em astrofísica e temos os exemplos do Bingo, em Aguiar, no Sertão paraibano e do Cherenkov

Telescope Array (CTA), no qual cientistas brasileiros lideram o maior observatório de raios gama do mundo. Nós temos um agronegócio pujante, mas que precisa adequar sua produção a padrões internacionais de sustentabilidade, por exemplo. Entendo que precisamos investir mais em ferrovias, hidrovias, portos, gasodutos, oleodutos. Chegamos a alcançar resultados promissores num passado recente, mas, como eu disse no início, isso precisa ser consolidado. Mais do que nunca, ficou demonstrado que precisamos investir nos nossos laboratórios como a Fiocruz e o Butantan. Precisamos pensar coletivamente, unindo quem produz ciência e quem investe em ciência porque todos nós nos beneficiamos de seus avanços.

Como motivar, criar condições para o surgimento de novos cientistas?

Eu acredito bastante no papel das atividades da educação informal que complementam os nossos currículos nas escolas. A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, os festivais de ciências e os projetos como o SBPC vão à Escola. Evidentemente, professores preparados, remunerados e com infraestrutura à sua disposição são capazes de desenvolver seu potencial criativo, estimulante e norteador. Precisamos contrapor a ideia de que professores são pessoas que trabalham por vocação e por isso devem enfrentar todas as barreiras possíveis. Só descobrimos novos talentos com entusiasmo e um bom ambiente de construção do conhecimento de forma coletiva, estimulante e viva. Isso vale do Ensino Básico ao Superior e para a vida, além dos anos previstos no nosso currículo formal. O aprendizado é valor para a vida inteira.



Combate à hanseníase e luta contra o preconceito

Pacientes enfrentam o estigma da doença, que é curável; Paraíba diagnosticou mais de 350 casos no ano passado

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Hoje, o último domingo do mês de janeiro, é marcado como o Dia Mundial da Hanseníase. José Ferreira tinha seus 20 e poucos anos quando recebeu o diagnóstico da doença. Era a década de 1980 e o mundo, bem como o Brasil, estava começando a aprender a tratar a doença e seus pacientes com o devido respeito. Conhecida no passado pelo termo "lepra", a hanseníase é uma patologia contagiosa causada por uma bactéria, como a *Mycobacterium leprae*, que possui tratamento e cura, oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Na Paraíba, mais de 350 casos foram diagnosticados no último ano.

Atualmente com 66 anos, José relembra que até o diagnóstico da doença possuía muita dor, dormência na região dos pés e também nas mãos. Os desafios ao longo do processo tam-

bém foram muitos, como a dosagem forte dos remédios que precisava tomar. Apesar disso, talvez a parte mais difícil até hoje seja lidar com o preconceito que, segundo ele, nunca teve um fim. "O maior preconceito foi o distanciamento das pessoas", comentou José Ferreira. Ao longo do tratamento, os remédios causaram algumas mudanças no seu corpo, como o crescimento da orelha e escurecendo seu tom de pele. A partir desse momento, ele conta que as pessoas começaram a lhe dar uma série de apelidos.

José Ferreira é natural de Mamanguape, veio de uma família com sete irmãos, dos quais cinco já faleceram, assim como seus pais, e por um tempo morou junto com uma companheira. Com quatro filhos e aposentado por invalidez, hoje em dia ele reside no Hospital Colônia Getúlio Vargas, localizado na cidade de Bayeux, na grande João Pessoa. O local também

é conhecido como o Centro de Referência no Tratamento da Hanseníase e por muito tempo foi chamado de "Leprosário".

A colônia foi fundada em 1941, inicialmente no bairro Rio do Meio e depois no Mario Andreazza. Sua construção abrigava laboratórios, enfermarias, capela, diretoria, área de lazer, cemitério, almoxarifado, casas para os abrigados, dentre outras coisas. Em alguns períodos chegou a ter mais de 200 pacientes. O objetivo do hospital é abrigar e auxiliar no tratamento de pessoas com hanseníase de toda a Paraíba e até mesmo de outros estados.

De acordo com Midian Araújo, diretora geral da Colônia Getúlio Vargas, o lugar funciona como uma "casa assistencial e de abrigo aos pacientes internos, que moram no local, e externos, que recebem acolhimento pelo Hospital Clementino Fraga". As pessoas chegam ao lugar encaminhadas desde



Foto: Marcos Russo

Colônia Getúlio Vargas, em Bayeux, que serve de local abrigo para pacientes em tratamento no Hospital Clementino Fraga

a Atenção Básica de Saúde até o Clementino Fraga, que é o hospital de referência no tratamento da hanseníase na Paraíba.

Desde sua fundação até hoje em dia, Midian relembra que diversas mudanças precisaram acontecer no lugar,

seja referente a infraestrutura do local, que era antiga, como em relação ao atendimento, a partir do apoio do Complexo Hospitalar Clementino Fraga.

Com a experiência de quem conviveu por muitos anos com os estigmas

da doença e a esperança de quem olha para frente e vê novos caminhos, José Ferreira deseja que não haja mais preconceito com as pessoas acometidas pela hanseníase e que as pessoas sejam mais humanas, mais empáticas com as outras.

Causa, tratamento e cura da doença

A desinformação sobre a hanseníase é o principal caminho que leva ao preconceito – e, portanto, é o que deve ser combatido. Ela é causada por uma bactéria também conhecida como o bacilo de Hansen. Existem formas clínicas distintas da patologia, que se diferem a partir do número de lesões na pele e também no acometimento de outros órgãos.

Os principais sintomas e indicadores da doença são manchas esbranquiçadas, avermelhadas ou amarronzadas em qualquer parte do corpo, sem pelos e que não causam coceira. Na região também, em geral, ocorre alteração de sensibilidade, seja ela tátil, dolorosa ou térmica, bem como da força muscular. "A bactéria tem predileção por células da pele e dos nervos periféricos. Por isso, a forma mais comum da doença manifestar-se é através de lesões na pele, que geralmente não coçam, não doem e podem ser dormentes. Alguns pacientes podem apresentar acometimento das mãos e ou pés, como dormência, inchaço, câimbras e falta de força", explicou a dermatologista e hansenóloga, Luciana Trindade.

Para a médica dermatologista, o preconceito que existe em relação à hanseníase é causado pelo desco-

nhecimento das pessoas de que é uma doença curável, "de que a maior parte da população é resistente à bactéria e de que o doente deixará de ser um transmissor após um mês de tratamento". "Nós tememos o desconhecido. Quando as pessoas entendem que é uma doença como várias outras, compreendem também que quem tem hanseníase pode ter vida normal, convivendo socialmente, estudando e trabalhando como qualquer um", disse Luciana Trindade, médica do ambulatório de Dermatologia Sanitária do Hospital Clementino Fraga.

Tempo

Tratamento da hanseníase é feito com medicação e dura entre seis meses e um ano

O mês de janeiro marca a campanha intitulada de "Janeiro Roxo" que visa, justamente, conscientizar e combater a hanseníase. Iniciativas como essa são importantes para "estimular as pessoas a entender que a doença existe e que, embora a maior parte da população seja resistente à bactéria, qualquer um pode desenvolver hanseníase. E, se as pessoas sabem que existe a doença e que uma lesão em sua pele pode ser hanseníase, tenderão a buscar ajuda médica mais pre-

coceamente", alertou Trindade.

Na Paraíba, o último boletim epidemiológico da doença identificou uma taxa de 9,2 casos para cada 100 mil habitantes do estado em 2021, equivalente a 373 novos casos.

De acordo com Anna Stella Pachá, chefe do Núcleo de Doenças Crônicas e Negligenciadas e coordenadora estadual do Programa de Controle da Hanseníase na Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba (SES-PB), o Brasil é o segundo país no mundo em número de casos de hanseníase. Ela relembra que, por ser uma doença infectocontagiosa com alto poder incapacitante, precisa ser "diagnosticada e tratada precocemente".

O tratamento é feito nas Unidades Básicas de Saúde e é acompanhado pela equipe de saúde: "É feito com o uso de poliquimioterápicos nas apresentações adultos e infantil. A medicação é gratuita e distribuída de forma exclusiva pelo SUS. O tempo de tratamento irá depender da forma da doença, sendo de seis meses para a forma paucibacilar e 12 meses para a forma multibacilar".

A forma paucibacilar é quando as pessoas doentes possuem baixa carga bacilar e, por conta disso, não transmitem a doença. Já no caso multibacilar, como o nome sugere, existe uma carga alta de bacilos. Sendo assim, esse último compõe um grupo considerado importante na cadeia de transmissão da doença, porque seguem infectando outras pessoas até que o tratamento adequado seja iniciado.

Fim de Semana com FUTEBOL na Tabajara



AO VIVO NA RÁDIO TABAJARA



Professor de Patos desenvolve atlas escolar sobre o município

Wendell Jackson elaborou o material didático com as características e a formação geográfica e dados históricos da cidade

Lusângela Azevêdo
lusngela013@gmail.com

O professor de Geografia e pesquisador, Wendell Jackson de Caldas Monteiro, produziu um Atlas Escolar de Patos. A ideia da produção do equipamento de ensino nasceu a partir da falta de materiais didáticos e informações que pudessem ser utilizados com os alunos do Ensino Fundamental e Médio nas aulas sobre a geografia que forma o município.

O material irá possibilitar ao aluno observar, conhecer, entender e refletir criticamente sobre as características do espaço local, sem perder de vista o global, através de subsídios didáticos, como os espaços de vivência cotidiana, da escola, da rua, do bairro, da cidade, e na escala regional – os espaços de convivência remota, do município, dos limites entre o urbano e o rural, da área de influência do município e vários conjuntos de temas que podem ser abordados em sala de aula.

“Os livros didáticos que são oferecidos pelo governo geralmente eles trazem uma abordagem mais regional, nacional e global. Então a ideia de produzir o atlas do município de Patos foi justamente de atender essa necessidade de oferecer um material

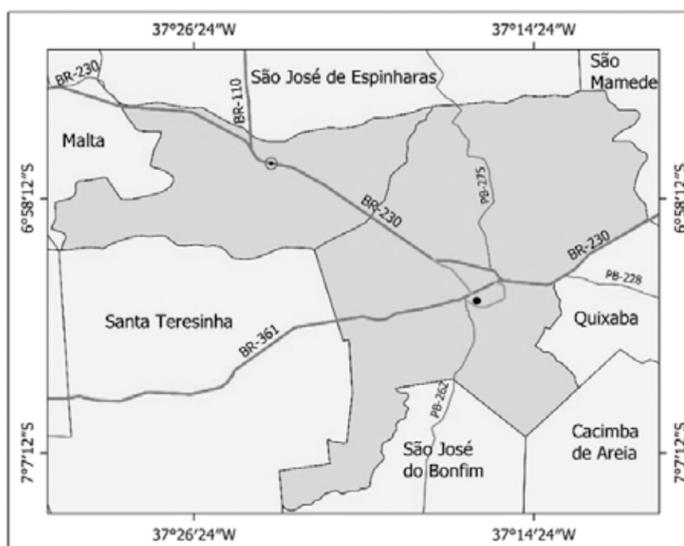
de aporte de orientação suplementar para o professor e o aluno conhecer um pouco mais da realidade de seu espaço de vivência e os seus diversos aspectos,” explicou Wendell Jackson.

Ao mesmo tempo, em que o geógrafo necessitava de colaboração e informações para desenvolver o seu relatório, o mundo se fechava por causa da pandemia da Covid-19. “Foi um grande desafio, porque a minha pesquisa foi feita em plena pandemia. Cheio de decretos e protocolos, mais tive que continuar, visto que, já estava na parte final da pesquisa. Claro com uso de máscaras e álcool, seguindo todos os protocolos de segurança.”

As informações foram obtidas a partir da pesquisa de campo, ou seja, através da coleta, análise e interpretação dos espaços urbanos e rurais. No levantamento, mapas (da cidade de Patos por bairros), tabelas, fotos e outros recursos didáticos foram utilizados na composição do atlas.

Wendell Jackson disse que foram coletados informações atuais, como por exemplo, dados estatísticos sobre a população, sobre a quantidade de bairros oficiais que tem em Patos. De acordo com o zoneamento presente na Prefeitura Municipal de Patos, a cidade tem oficialmente 23, cinco regionais e um distrito.

Atlas Escolar de Patos



LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB

- Legenda**
- Sede de Patos-PB
 - ⊙ Distrito Santa Gertrudes
 - Rodovias federais
 - Rodovias estaduais
 - Vias interurbanas
 - ▭ Limite: Patos
 - ▭ Municípios da Paraíba
 - ▭ Região Nordeste
 - ▭ Brasil



Base de dados: IBGE (2015);
Elaboração:
Wedell Jackson de Caldas Monteiro;
Anderson da Silva Santos
Ano: 2020

História e curiosidades

Wendell Jackson revela que o atlas escolar também traz vários contos históricos, curiosidades e mistérios que envolvem a cidade de Patos. Inclusive o título de ser a “Morada do Sol”. “Muitos pensam que Patos é a ‘morada do sol’ por causa das suas elevadas temperaturas. Porém, o fato marcante na história da cidade é que ela nos anos de 1940 astrônomos estiverem no município e perceberam que aqui seria o melhor lugar para se visualizar um eclipse solar que ocorreria. Isso foi um fato bem interessante porque, na época, muitas pessoas não tinham o conhecimento de tanta tecnologia, então isso foi um espanto para os moradores e a partir disso, os próprios astrônomos, estabeleceram que aqui seria a morada do sol”, revelou o professor. No local da observação feita pelos astrônomos foi reguido um obelisco.

Segundo Wendell, durante o trabalho foi possível observar que a depressão sertaneja apresenta um cenário belo e único com uma vegetação de plantas nativas (cactos, xique-xique) e algumas espécies exóticas, perfeitamente adaptadas ao clima quente e seco. Algumas conseguem armazenar água e passar pela época de estiagem ainda verde, como é o caso do mandacaru. “As raízes por serem profundas conseguem captar água do subsolo dando condições de resistência no período de seca. Logo quando vem o período chuvoso, nós teremos o reflorescimento, onde as folhas surgem com suas folhas e dominam a paisagem de uma forma diferente, onde o verde predomina na paisagem sertaneja”.

O relevo ondulado de Patos se destaca pela cadeia de inselbergs (elevações definidas por erosão preferencial entre rochas graníticas sem vegetação) que aparecem de forma solitária ou em grupo. São nove corpos graníticos que circulam a cidade: Moro do Carioca, Serra Negra das Onças, Serrote da Lagoa, Serrote da Pia, Serrote Espinho Branco, Serrote Farinha dos Gatos 1, Serrote Farinha dos Gatos 2, Serrote Pedro Agostinho e Serrote Trapiá.

Formação da cidade

Segundo Wendell, a pecuária e o Rio Espinharas foram os grandes responsáveis pelo desenvolvimento na região. O Espinharas nasce dentro de Patos, formado a partir das confluências dos rios do Cruz e Farinha, atravessa toda a cidade e segue até o Rio Grande do Norte, onde deságua no Rio Piranhas. Todavia, as interferências sofridas (crescimento desordenado e poluição), ao longo da urbanização da cidade, deixaram marcas negativas como a ampliação das áreas periféricas e a diminuição da qualidade de vida dos cidadãos.

“O Rio Espinharas foi uma fonte de abastecimento muito importante para abastecimento, caça, pesca. Como também para a produção de pastagens para a criação de animais. Foi isso que deu condições suficientes para o desenvolvimento da urbanização. Porém, esse processo de urbanização descontrolada, sem planejamento, sem uma infraestrutura adequada, resultou ao longo do tempo numa poluição jamais controlada. E o Rio Espinharas, hoje infelizmente, se tornou num depósito de esgotos,” frisou o professor.

O projeto do “Atlas escolar de Patos” (gráficos, editorial, diagramação) já está pronto, porém, conforme Wendell Jackson faltou recursos para publicar. “O material foi produzido de uma forma que atendesse a educação do município, porém, esse material ainda não foi publicado devido à falta de recursos financeiros. Mas ele já está pronto, já está no forno, só falta tirar e ir para a editora,” finalizou.

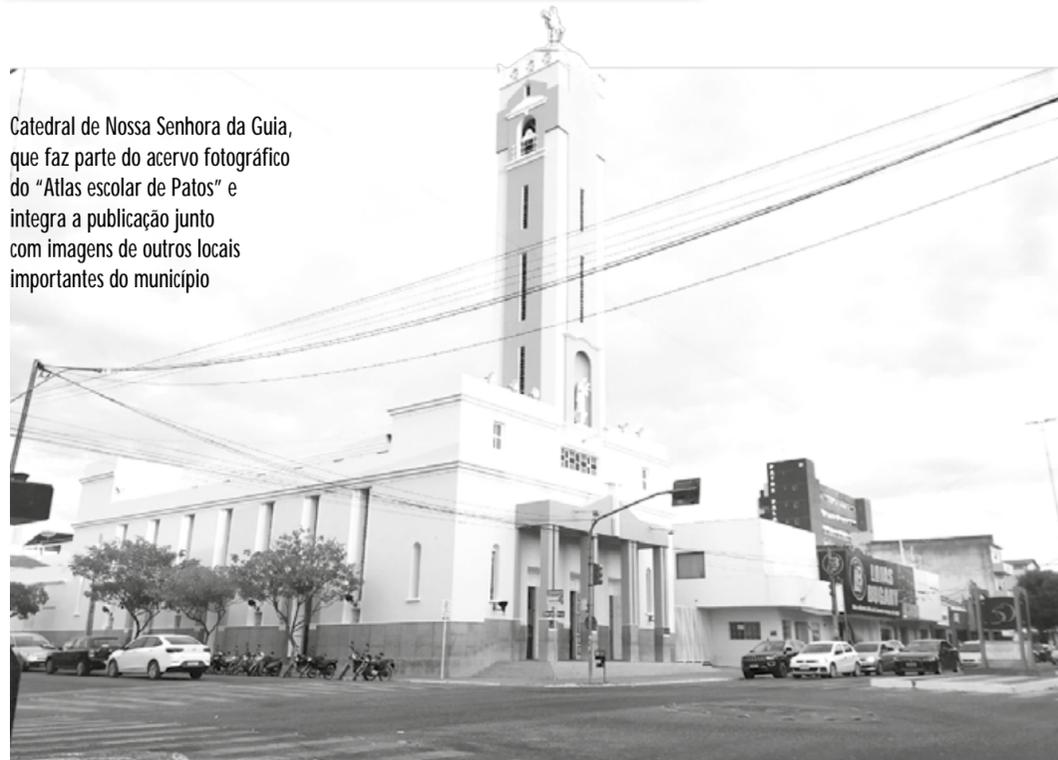
Obelisco que marca a visita dos astrônomos a cidade de Patos o ano de 1940 para a observação de um eclipse solar e que deu origem ao título de “Morada do Sol”, pelo qual o município é conhecido



Foto: Wendell Jackson/Divulgação



Foto que integra a pesquisa do professor Wendell Jackson e mostra como a cidade de Patos cresceu ao longo de sua história; ao fundo, é possível ver uma das elevações que caracterizam o relevo local



Catedral de Nossa Senhora da Guia, que faz parte do acervo fotográfico do “Atlas escolar de Patos” e integra a publicação junto com imagens de outros locais importantes do município

Excesso de velocidade resultou em quase 180 mil multas em JP

Número representa cerca de 70% de todas as notificações de infração de trânsito aplicadas pela Semob nas vias da cidade

André Resende

andresendejornalismo@gmail.com

Um levantamento feito pela Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP), a pedido de A União, apontou que das 266.599 multas aplicadas em 2021 pela Semob nas ruas da capital, 68% foram somente por transitar em velocidade superior à máxima permitida na via. A maior parte das infrações por excesso de velocidade, 157.105 infrações no total, foram de motoristas que superaram o limite em até 20% do permitido, enquanto 24.953 multas foram aplicadas em condutores que passaram acima da velocidade permitida em mais de 20%.

As duas categorias de infração, aliás, lideram o ranking das cinco infrações mais comuns nas vias de João Pessoa em 2021. As outras três que completam o top 5 foram: avançar o sinal vermelho (10.654), estacionar em local ou horário proibido (9.692), e conduzir veículo sem uso de cinto de segurança (9.262).

Para o diretor de operações da Semob-JP, Sanderson Cesário, os tipos de infrações mais cometidas estão relacionadas diretamente ao modelo de fiscalização adotado pelo órgão para o trânsito pessoense. Aproximadamente 69% das multas aplicadas no ano passado pela Semob foram feitas pelos redutores eletrônicos de velocidade (REV), conhecidos popularmente como radares.

“Esse tipo de infração nós atribuímos o aumento, primeiro a nossa capacidade de fiscalização, nós investimos em mais equipamentos de fiscalização eletrônica, ampliando de 49 para 52 radares, como também atribuímos à desatenção dos motoristas, que tendem dirigir com os problemas pessoais na cabeça, distraídos, e esquecem que estão inseridos no trânsito, que requer atenção e exige uma direção defensiva para evitar infrações e também acidentes com colisões traseiras, que são o maior número de casos, por desatenção”, explicou Cesário.

Duas infrações que ainda são

muito comuns entre os motoristas, como uso do celular na condução do veículo e a direção após ingestão de bebida alcoólica, não apareceram entre as principais infrações registradas pela Semob. Sanderson Cesário explica que é possível que haja uma subnotificação por conta da forma como se dá o registro da multa nesses casos. Para as duas categorias é mais comum o registro por meio da fiscalização nas ruas pelos agentes de mobilidade, um modelo de monitoramento que foi afetado pela pandemia.

“No caso do celular ao volante, é necessário uma equipe de agentes fiscalizando. Ano passado tivemos uma redução, tendo em vista a contaminação pela Covid-19, tivemos uma perda da capacidade presencial de fiscalização, por isso os celulares não tiveram esse alto índice para estar entre as principais infrações, mas é bastante cometida. Como é a embriaguez ao volante. Por isso que essas duas infrações não constam no rol das mais cometidas, mas são infrações que não tiveram uma redução no cometimento, acredito que a subnotificação esteja atrelada às questões da pandemia”, acrescentou o diretor de operações da Semob.

Mesmo cenário em CG

A realidade do trânsito da segunda maior cidade do estado, que também é dona da segunda maior frota, Campina Grande, não é muito diferente da capital. Um levantamento feito pela Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos (STTP) indicou que a infração de trânsito mais comum em 2021 foi a de transitar em velocidade superior à máxima permitida.

O ranking das cinco infrações mais cometidas no ano passado na cidade é completado por: estacionamento em desacordo com as regras vigentes, avanço do sinal vermelho no semáforo, deixar condutor/passageiro de usar o cinto e por fim, dirigir segurando telefone celular. Ainda de acordo com a assessoria da STTP, o ranking registrado em 2021 foi o mesmo notificado pelo órgão em 2020.



Investir em fiscalização eletrônica é o caminho

O professor do curso de Engenharia Civil da UFPB, doutor em planejamento de transporte pela Universidade de Southampton na Inglaterra, Nilton Pereira, explica que a tendência de investimento maior em modelos de fiscalização eletrônica por parte dos órgãos de controle do trânsito é o mais correto, tanto por questões econômicas, por ser mais barato, como também do ponto de vista da eficácia do monitoramento.

“É um sistema que é aferido pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) e existe a comprovação através de registro fotográfico, que pode passar por auditoria. Quando é multado por um agente por estar dirigindo sem cinto, você pode questionar. Como o poder público não tem condições de colocar agentes espalhados na cidade, sai muito caro contratar muitos agentes e distribuir em pontos estratégicos o tempo todo, 24 horas, é menos dispendioso e eficaz da mesma forma distribuir equipamentos eletrônicos que vai registrar toda vez que alguém cometer algum tipo de infração”, comentou Nilton Pereira.

A Semob-JP informou que somente em 2021, houve um aumento de 30 novas câmeras de monitoramento, passando de 70 para 100 câmeras no total. Além disso, houve também um acréscimo de três radares eletrônicos nas ruas da capital.

De acordo com Sanderson Cesário, estudos técnicos já estão em fase de desenvolvimento para que haja a instalação de mais radares em pontos estratégicos da cidade. A próxima via a receber um novo radar será a que liga o bairro dos Bancários com o Altiplano, passando pela comunidade do Timbó.

Sanderson Cesário explica que o aumento das blitzes, da fiscalização nas ruas, geram um impacto imediato no número de acidentes registrados no período. “A fiscalização de trânsito integra um tripé do Código Brasileiro de Trânsito, junto a engenharia e a educação para o trânsito, é fundamental para combater acidentes e mortes no trânsito. Por exemplo, no Retão de Manaira, a gente vinha registrando um alto índice de acidentes, inclusive com duas mortes, e desde o dia 4 de janeiro com o período punitivo do radar, instalado nas proximidades da UPA Oceania, não registramos mais acidentes de trânsito. Então, temos a certeza, através dos números, que uma fiscalização mais rigorosa, traz mais segurança viária para todos” finalizou.

Reduzir velocidade e fiscalizar

O fato do excesso de velocidade aparecer

como a principal infração cometida nos dois maiores trânsitos da Paraíba acende a luz vermelha para o controle da velocidade nas ruas das grandes cidades do estado. Nilton Pereira explica que as grandes cidades têm adotado cada vez mais a redução da velocidade máxima permitida nas vias e investido em fiscalização eletrônica como forma de garantir o monitoramento permanente.

Nilton Pereira explica que o ideal, se tratando de monitoramento de trânsito, seria o controle da velocidade em todas as vias da cidade, uma vez que o fator velocidade é muito forte na produção de acidentes. Ele aponta que um carro a 50 quilômetros por hora permite uma manobra de desvio, a frenagem, caso apareça um imprevisto, diferentemente de um veículo a 80 quilômetros por hora, por exemplo, que não dão margem para uma reação defensiva do motorista.

“Por isso que os acidentes ocorrem e com uma gravidade maior. Por isso existe a necessidade de baixar a velocidade, até porque 50 quilômetros por hora é um limite tranquilo para se deslocar dentro da cidade. Algumas cidades, como Nova Lorque, o limite de velocidade das ruas é de 30 quilômetros por hora na cidade inteira. Com isso você consegue reduzir muito os acidentes, que se vierem a ocorrer, serão apenas de um dano material leve”, explica.

É natural do ser humano incorrer na imprudência, em tender a transgredir as regras, por isso a fiscalização por meio de um equipamento fixo, permanente, implica um cuidado maior por parte do condutor, que vai saber que em determinado local existe um radar ou uma câmera monitorando qualquer infração que ele venha a cometer.

“Se a pessoa sabe, por exemplo, que em determinado local existe uma fiscalização permanente, como por exemplo uma lombada eletrônica, automaticamente ele já vai reduzindo a velocidade naquele ponto. O motorista pode até voltar a aumentar a velocidade depois que passar, mas naquele trecho ele vai reduzir”, diz o especialista.

Parafaseando a célebre obra de George Orwell, “1984”, e atualizando a problemática para os dias modernos, sobretudo pelo furor causado pelos reality shows, a tendência é de que um trânsito mais vigiado gera menos acidentes e, por consequência, menos mortes.

Ao que parece, de acordo com os especialistas, cada vez mais o “Grande Irmão” vai sair das telas e passar às ruas, dando lugar à segurança, ao invés do entretenimento.



Investimentos em fiscalização eletrônica e redução dos limites máximos de velocidade são os caminhos apontados para tornar o trânsito mais seguro



Uma das principais festas é de Santos Reis, no dia 6 de janeiro, data em que se comemora a padroeira da município, Nossa Senhora do Rosário

Caiçara: comércio de rua é a base da economia local

Na década de 50, o município teve seu período de muita fartura com a produção de algodão, aguardente e fumo de rolo

José Alves
zavieira2@gmail.com

Em sua história, o município de Caiçara já teve períodos de muita fartura e foi destaque no estado, com a produção de algodão, aguardente e fumo de rolo, na década de 1950. Atualmente, sua força econômica é garantida pelo comércio de rua que emprega muita gente e pela agricultura familiar, uma das principais fontes de renda dos habitantes, com a plantação de mandioca, batata-doce, arroz e feijão.

As pedreiras também continuam ativas. A informação é do professor pesquisador Jocelino Thomaz de Lima, revelando que a feira

livre da cidade completou, este ano, 160 anos de existência.

Caiçara tem como principais pontos turísticos os antigos casarões e sobrados, no entorno da igreja matriz, marco arquitetônico da história da cidade. De acordo com o pesquisador, a igreja foi construída exatamente onde havia sido construída a primeira capela da cidade há cerca de 200 anos. E em janeiro deste ano, os habitantes do município comemoraram os 150 anos da chegada da imagem de Nossa Senhora do Rosário, trazida de Portugal. A comemoração atraiu centenas de pessoas da região.

O parque da lagoa, que

no passado, chegou a abastecer a cidade, atualmente se tornou uma área de atividade física, principalmente de caminhadas para a população. Outro ponto turístico do município é a Pedra Pão de Açúcar, que fica a quatro quilômetros da cidade. “Na verdade, contou Jocelino Lima, a Pedra do Pão de Açúcar pertence a cidade de Tacima, mas como o principal acesso se dá por Caiçara, o local é tido como uma das principais atrações turísticas locais, mas geograficamente pertencente a Tacima.

O município se limita com o estado do Rio Grande do Norte e tem como municípios vizinhos na Paraíba, os municípios de Jacaraú, Pedro

Regis, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz, Belém e Campo de Santana. A cidade fica a 142 quilômetros de João Pessoa e tem uma população estimada em 7,5 mil pessoas.

As principais festas da cidade são a de Santos Reis e o São Pedro. A festa dos Santos Reis acontece, em comemoração a padroeira, Nossa Senhora do Rosário, todos os anos no dia 6 de janeiro. No total, são três dias de festa e consegue reunir milhares de pessoas da região. Caiçara tem uma população predominantemente católica, mas mesmo assim, já ganhou outras religiões a exemplo da protestante e de matrizes africanas.

Os moradores de Caiça-

ra se orgulham de alguns de seus cidadãos ilustres, que fizeram história. A exemplo de Francisco Lima, que foi padre; João Batista, historiador; o bispo Dom Epaminondas, o ator e cantor Rafael de Carvalho, que já atuou em 36 filmes e cinco novelas, entre elas Saramandaia, O Bem Amado e Gabriela. Ele também lançou sete discos e mais de 20 cordéis sobre o folclore da Paraíba.

Outro filho de Caiçara, que orgulha a população, foi Valderedo Ismael de Oliveira, primeiro tradutor dos livros de Sigmund Freud, “pai da psicanálise”, para a língua portuguesa. Ele também escreveu o primeiro livro sobre psicanálise no Bra-

sil. Na música, o destaque foi o maestro Joaquim Pereira, tido como um dos maiores compositores de dobrado do Brasil e um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba.

No esporte, o jogador de futebol mais famoso da cidade foi o Esquerdinha (José Marcelo Januário de Araújo). Ex-jogador do Botafogo da Paraíba, eleito o melhor lateral esquerdo do Vitória da Bahia. Em sua carreira, também brilhou em times de Portugal e Espanha. Outros destaques de Caiçara foram José Jacson Carneiro, primeiro reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e o artista plástico, Hermano José.

Fotos: Divulgação

+ Potiguaras: os primeiros habitantes

Caiçara está na região Agreste, antes, chamada pelos índios Potiguaras de Cupaóba. Segundo o professor historiador, Jocelino Lima, o povoamento do local teve início com os padres Jesuítas distribuindo sesmarias (grandes porções de terras), para que os portugueses ocupassem e explorassem a área. Assim, em 1619, Raphael de Carvalho, obteve a sesmaria de nº 13 da Capitania da Paraíba, que abrangia a área onde fica Caiçara, provavelmente o primeiro morador da localidade.

No século 18, as terras continuaram a ser distribuídas e divididas. A região foi sendo cada vez mais destinada à criação de gado e o vaqueiro teve papel importante no desbravamento da região. O nome Caiçara surgiu de um tipo de ‘decercado’ de madeira a margem do rio para embarque do gado e provavelmente foi esse significado que fez com que os tropeiros chamassem os currais construídos por Manoel Soares de ‘Caiçarás’. A partir daí, o nome acabou passando para o vilarejo.

Houve uma sugestão, do Padre Ibiapina, por volta de 1870, para que o nome mudasse para Marianópolis, mas a população não aceitou. No início da história política, os prefeitos eram nomeados e não havia vereadores, só conselheiros. Só em 1935 a população pode votar e o primeiro prefeito eleito foi Francisco José da Costa. Porém, um golpe fez com que as nomeações voltassem e as eleições só voltaram em 1947, período em que foi eleita a primeira

mulher para a câmara de vereadores.

Em 1908, Caiçara tinha suas ruas iluminadas por tochas. Pouco depois as tochas foram substituídas por lâmpadas e, em 1928, veio o primeiro motor de energia, que funcionava apenas das 16h às 21h. Em 1965 chegou a energia elétrica através da usina Paulo Afonso, que trouxe a televisão e as antigas radiodifusoras, até as atuais rádios comunitárias FM.

A modernidade de Caiçara chegou de trem. Quatro anos antes da emancipação, uma estação foi instalada em Logradouro e tudo passou a girar em torno do trem. Foram marcantes as viagens no chamado “Bacurau”, que seguia às 4h, para a capital e voltava às 19h. Os trens de passageiros pararam nos anos 1970, e em 1999 a linha foi desativada de vez. Vieram os “Mistos” (meio ônibus, meio caminhão) e as chamadas “Sopas”, espécies de ônibus adaptados que se podia entrar por várias portas. Em 1994 surgiram os táxis.

A fundação da cidade teve início em 1822, quando os primeiros moradores construíram suas casas. Em seguida, o local se transformou em rota dos tropeiros que aos domingos, vinham com jumentos carregando suas feiras das cidades de Guarabira e Mamanguape. Essa movimentação começou a atrair pessoas que acabavam construindo suas moradias na localidade. Logo depois, em sete de novembro de 1908, foi sancionada a lei emancipando Caiçara definitivamente.



A religião predominante é a católica, mas há adeptos de outras crenças, a exemplo da protestante e de matrizes africanas



Os antigos casarões e sobrados, no entorno da igreja matriz, marco arquitetônico da cidade, são os principais pontos turísticos



Foto: Reprodução

Marinês é a homenageada do Festival da Música da Paraíba

Quinta edição, que acontecerá neste ano, celebra a “Rainha do Xaxado”, que representa a força da mulher nordestina

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Inês Caetano de Oliveira, a Marinês (1935-2007), que morreu há 15 anos, será a grande homenageada da 5ª edição do Festival de Música da Paraíba em 2022. Além de uma obra de qualidade, que deixou registrada em muitos discos, o legado da “Rainha do Xaxado” também inclui o fato de ter sido uma das pioneiras na abertura de espaço para o surgimento de mais cantoras de forró, numa época em que a predominância era dos homens. Os reflexos da ousadia da cantora e compositora ainda são percebidos atualmente, no cenário nacional, pela presença de artistas, inclusive paraibanas, que admitem terem influências dela em suas carreiras.

“A importância de Marinês está no fato de ser a primeira mulher a se destacar em um meio essencialmente masculino, como era o forró”, disse o jornalista e pesquisador paraibano Rosualdo Rodrigues. “Ela se destacou pelo talento e pela personalidade determinada. Marinês enfrentou, com garra, tanto os percalços do mercado fonográfico quanto os problemas que vivia dentro de casa, típicos de toda mulher em um universo de acentuado machismo”, explicou o coautor, com o seu conterrâneo Carlos Marcelo, do livro *O fole roncou! Uma história do forró*, lançado em primeira edição – já esgotada – no ano de 2012, pela Editora Zahar, do Rio de Janeiro, que foi adquirida pela Companhia das Letras.

Rosualdo Rodrigues lembrou que eram tempos bastante difíceis os vividos por Marinês naquela época. “O meio do forró era muito masculino e, por tradição, era machista, mas ela conseguiu atravessar com brilhantismo e com o seu talento. Para mim, por tudo isso, Marinês se destaca não apenas como artista, mas também a considero como um símbolo, uma figura bastante representativa da força da mulher nordestina”, disse ele.

O jornalista comentou que a obra *O fole roncou!* traça toda a trajetória da cantora e compositora Marinês, desde as primeiras apresentações como caloura, na Rádio Difusora, na cidade de Campina Grande. Relata o princípio da carreira, registrando as apresentações pelo interior do Brasil, ao lado do marido, o sanfoneiro Abdias, até a morte da artista, em 2007, aos 71 anos de idade. “Nossa principal fonte foi Marcos Farias, filho da Marinês e Abdias, que tem uma memória privilegiada e contou histórias até então não publicadas, tanto da vida pessoal quanto profissional. Marinês ocupa um espaço bacana e importante na obra, com um capítulo inteiro de-

dicado a ela”, disse Rodrigues, acrescentando que a memória do filho da cantora foi o fio condutor para a produção do capítulo.

Uma curiosidade de Marinês ressaltada por Rosualdo Rodrigues foi a decisão da cantora de integrar a “tropa de choque” do “Rei do Baião”. “Ela ainda não conhecia Luiz Gonzaga, mas já o admirava. Quando ficava sa-

brasileira, tendo aberto o caminho para o surgimento de outras cantoras, que já reconheceram a influência artística de Marinês, como Elba Ramalho e Lucy Alves. Marinês faz parte da tríade sagrada do forró, ao lado de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro”, disse ele.

Carlos Marcelo destacou o disco *Marinês canta a Paraíba*, que a cantora gravou

Teatro Municipal Severino Cabral”, apontou Marcelo. “Um grande amigo da vida inteira de Marinês foi Genival Lacerda, que admirava a obra dela. Os dois se conheceram em programa de auditório em Campina Grande”, afirmou o pesquisador.

“O legado de Marinês é inestimável. Ela gravou mais de 40 discos, foi pioneira, foi guerreira, precursora no universo da música e, principalmente, no universo do forró, numa época em que predominavam os homens, e ela conseguiu se impor, fundamen-

te, ao lado de quem a batizou de ‘Rainha do Xaxado’, ressaltou o jornalista e pesquisador Fernando Moura, que também é o presidente da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

Fernando Moura observou que, no período da morte de Marinês, a cantora e compositora já não tinha tanta visibilidade. “Mas ela gravou um disco com a Orquestra Sinfônica da Paraíba, que é muito importante para a discografia nordestina. É um trabalho primoroso. Na Paraíba, ela tinha esse reconhecimento, mas, como todas as grandes cantoras do passado, as novas gerações, os novos ritmos, os novos

de e ele vivia cobrando isso, uma cobrança de brincadeira. Provavelmente, ela deve ter repassado o dinheiro, mas ela mesma estimulava a divulgação disso por aí, pois é uma forma de manter meu nome em evidência e eles eram *cumpadres* e tinham convivência muito próxima”, disse Fernando Moura.

A outra faceta da vida da artista “paraibana de coração” relatada por Moura está relacionada à Rainha da Borborema. “Marinês nasceu em São Vicente Férrer, mas chegou a Campina Grande muito cedo, ainda criança, e a paixão dela por Campina era tal que raramente vinha um disco dela que não tinha em uma canção, algum forró, xote ou xaxado que não fizesse referência a Campina Grande. Tanto é que ela partiu de Campina, se projetou nacionalmente, morou no Rio de Janeiro, morou em São Paulo, se não me engano, mas, ao fim da vida, retornou para Campina, onde faleceu”, afirmou o pesquisador.

Tributo

A iniciativa do Governo do Estado em homenagear Marinês na 5ª edição do Festival de Música da Paraíba, evento realizado pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comunicação (Secom-PB) e Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), foi elogiada pelos pesquisadores.

“O governador João Azevêdo deu demonstração, mais uma vez, de que a essência do educador está sempre presente nas decisões administrativas, porque Marinês, além do aspecto da homenagem em si, da história e da importância dela, pode ser um fator impulsionador para as novas gerações, na medida em que mais jovens, mais criança, mais estudantes, mais professores mergulhem no conhecimento, principalmente no repertório musical dela, o que pode estimular o surgimento de outros artistas, novas cantoras e novas intérpretes e compositoras, o que também não impede no campo masculino”, disse Fernando Moura. “A essência da música de Marinês influencia, reflete e, no mínimo, nos traga momentos prazerosos de conhecimento da nossa música. Então, mais uma vez o governador acerta e está sempre antenado com o que é útil e relevante para a educação dos nossos jovens”, disse.

“Nenhuma homenagem a Marinês é exagero. Todo reconhecimento para ela é merecido e essa iniciativa do Governo da Paraíba é até interessante para preservar a memória de Marinês para as novas gerações”, justificou Rosualdo Rodrigues. “Este é um momento muito oportuno para valorizar uma artista que demonstrava força feminina na música e na vida”, declarou Carlos Marcelo.



Artes: Tônio

Com mais de 40 discos gravados, Marinês faz parte da tríade sagrada do forró, ao lado de Gonzagão e Jackson do Pandeiro, enfrentando o machismo do mercado fonográfico

acompanhada ela Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) em 2005, na cidade de João Pessoa. No repertório, músicas que ela apreciava, a exemplo de ‘Asa Branca’ (de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), ‘Meu Cariri’ (de Rosil Cavalcanti) e ‘Aquarela Nordestina’ (de Rosil Cavalcanti e Dilú Melo). “Marinês era pernambucana, natural de São Vicente Férrer, morreu em Recife, mas se considerava paraibana de coração, tendo sido sepultada em Campina Grande, depois do velório no

talmente, pelo talento. Ela chama a atenção, inclusive, do próprio Luiz Gonzaga, que passa a adotá-la, praticamente, ela e seu grupo, a ‘patrulha de choque’ do Rei do Baião, antes de ser chamada Marinês e sua Gente. Eles abriam os shows de Luiz Gonzaga e isso deu visibilidade muito importante para a carreira dela, mas isso só aconteceu porque tinha talento. Gonzaga tinha o Brasil em suas mãos, tinha o domínio do público, das rádios, da mídia e não ia colocar qualquer

Artigo Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A quem interessa a guerra?

A crise na Ucrânia se agravou na última semana. As negociações entre Rússia, EUA e Otan não avançaram. A exigência russa de que a Otan recue da ideia de ter a Ucrânia entre os seus membros foi negada em resposta formal, entregue a Moscou na última quarta-feira (26). O governo dos EUA, por sua vez, ordenou a saída de familiares de diplomatas da Ucrânia, medida que seria seguida pelo Canadá e o Reino Unido, fortalecendo o argumento de que a guerra é iminente.

Continua sendo improvável um conflito em escala global. O que não significa que a possibilidade de guerra localizada esteja descartada. Esse parece ser o interesse dos norte-americanos e britânicos que, numa sanha piromaniaca, parecem se satisfazer quando as coisas pegam fogo.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido perdeu muito poder. A maneira como atua no conflito mostra que Londres procura se recolocar como grande protagonista político global. Essa necessidade de afirmação se tornou mais importante depois de sua saída da União Europeia (UE). O tom belicoso adotado pelo primeiro-ministro britânico Boris Johnson, em parte, é uma cortina de fumaça aos escândalos em que está metido. Johnson promoveu festas durante o período de lockdown e vem sofrendo pressões para renunciar ao cargo. Sua estratégia tem sido mudar o foco da opinião pública e do parlamento, colocando os holofotes em cima da crise russo-ucraniana.

Para os EUA, uma guerra prolongada entre Rússia e Ucrânia produziria, em tese, algumas vantagens geopolíticas e econômicas. Conflitos militares de longa duração tendem a criar problemas graves. Os custos financeiros são altos, assim como os humanos. Considerando a assimetria de poder, as chances da Rússia vencer uma guerra contra a Ucrânia são enormes. Mas, se isso realmente acontecer, terá que lidar com a difícil tarefa de manter o controle do país derrotado, num contexto caótico. Além dos complicadores internos que poderiam, de certo modo, arruinar a própria Rússia.

Uma guerra russo-ucraniana levaria naturalmente a sanções econômicas contra Moscou, que incidiriam sobre as exportações de gás e petróleo. Os EUA e o governo britânico tratam a guerra como uma oportunidade de atingir economicamente a Rússia e diminuir a sua participação no mercado europeu, dando espaço

para suas companhias de combustível. O governo norueguês também tem interesse nessa disputa, porque deseja aumentar sua participação na exportação de gás para a Europa.

Tirar a Rússia da condição de maior fornecedora de gás da Europa não é fácil. A tentativa de alterar o atual cenário pode criar problemas ainda maiores. O Governo alemão possui grandes receios que essa guerra ocorra. Não é interessante para o país detentor da maior economia da Europa perder o acesso ao gás russo. Setores importantes da burguesia alemã estão em desacordo com um eventual apoio ao conflito. Cada dia fica mais claro que os interesses alemães não coincidem com os norte-americanos e britânicos, criando assim uma divisão no interior da Otan.

O temor dos alemães é que os custos de produção aumentem com a disparada no preço do gás impulsionada por uma provável escassez. É de se esperar que o mercado do petróleo seja atingido de modo a provocar efeitos globais que serão sentidos no Brasil. Especialmente porque a Petrobras adota uma política de preços dolarizada. O valor dos combustíveis pode chegar a patamares que paralisariam o país.

Um dado curioso é que os estoques de gás na Europa, em janeiro, estão em níveis muito baixos (ria.ru/20220126/gaz-1769649019.html). No final de 2021 o preço do combustível atingiu US\$ 2.190,4 por mil metros cúbicos. O que é explicável pela tentativa de substituir as fontes de energia tradicionais por alternativas renováveis, sem que houvesse as condições ideais para isso.

Na resposta oficial que a Otan deu à Rússia, o presidente da Aliança Militar negou que exista divergências internas na Organização: "Todos os aliados estão a bordo, todos os nossos aliados concordaram". Ele frisou ainda que a Otan tem um caráter defensivo e que recusar de antemão a entrada da Ucrânia iria contra o princípio da instituição de reconhecer o direito de autodeterminação dos povos. E acrescentou que a Otan possui "planos em vigor que podemos ativar em um prazo muito curto", o que inclui a mobilização imediata de 5.000 soldados da Força de Resposta da Otan e mais 8.400 dos EUA.

De acordo com a agência de notícias russa RIA Novosti, o Kremlin consultará a China sobre a tréplica que enviará a Otan e aos EUA. Tudo segue muito incerto.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

"A sociedade do espetáculo"

O livro *Dialética do Esclarecimento* (1947), escrito pelos filósofos e sociólogos alemães Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969), apresenta o conceito de "indústria cultural", que é uma definição que expõe a atuação dos meios de comunicação e sua dimensão econômica e os procedimentos de grupos empresariais na manipulação em uma informação. Nesse contexto, várias empresas – que possuem uma grande quantidade de patrimônio financeiro – influenciam comportamentos individuais e coletivos e agem defendendo seus próprios interesses, a fim de acumular mais riquezas. Dessa forma, esses "empreendimentos" são considerados como parte de uma mesma instituição social com os produtores de mensagens, que utilizam recursos tecnológicos. A partir disso, nos dias atuais, observa-se uma alienação no processo de pensar em relação a produção cultural, que está influenciada e massificada em redes sociais. Um dos sintomas desse fenômeno é a perda do respeito e da sensibilidade, que estão potencializando a demência, o embrutecimento, a psicopatia e os valores anticivilizatórios. Essas doenças destroem a consciência ao bem-estar social e a preservação da dignidade humana.

O conceito de "indústria cultural" influenciou o escritor francês Guy Debord (1931-1994) para escrever seu livro *A Sociedade do Espetáculo* (1967). Nessa obra, uma das teses apresenta o perigo da destruição causado pelo consumo; outra, apresenta ser contra a um perverso sistema de exploração dos recursos naturais e humanos; também expõe estratégias que buscam resistir à alienação diante de um poder repressor e de terror em uma sociedade. Sua tese afirma que a "renúncia a si mesmo" é uma consequência da superexploração de um cruel programa financeiro que extrai ao máximo a força de trabalho de um cidadão. Outra causa – da alienação – é o resultado de uma desarmoniosa organização social, que assume novas formas e conteúdos em seu processo de conflitos de separação e coisificação da vida humana. Pode-se concluir que o conceito de "espetáculo" é uma forma de impor uma dominação. As teses de Debord atribuem a decadência dos valores morais e espirituais as forças econômicas que dominaram os países após a "falsa modernização" decorrente do final da Segunda Grande Guerra, de 1939 a 1946. Ele faz uma crítica aos dois



Foto: Reprodução

Segundo o escritor Guy Debord: "O espetáculo é o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens"

sistemas políticos, tanto ao "espetáculo de mercado do Ocidente capitalista", é o que cria o espetacular impreciso; quanto o "espetáculo de estado do bloco socialista", é o que produz o espetacular concentrado. Nesses dois grupos, Debord analisa a força de feitiço de uma mercadoria ou de um ídolo.

Debord afirmou que o "espetáculo" é o conjunto das "relações sociais" mediadas pelas imagens. E é impossível a separação entre essas relações sociais e as relações de produção e consumo de mercadorias. Entende-se que a "sociedade do espetáculo" corresponde a uma fase específica de uma sociedade, quando há uma interdependência entre o processo de adquirir mais riquezas e o processo de acúmulo de imagens. Por exemplo, a força que produz o efeito do marketing descreve esse fenômeno nas relações humanas. Debord afirma: "Das relações interpessoais à política, passando pelas manifestações religiosas, tudo está mercantilizado e envolvido por imagens. Mas, se a "sociedade do espetáculo" só pode ser compreendida dentro do contexto de uma sociedade capitalista, isso não quer dizer que só nessa forma de vida social ocorre a produção de espetáculos". Nessa afirmação, pode-se concluir que o "espetáculo" dá-se em todo tipo de sociedade ou comunidade, seja em qualquer sistema político, isto é, pode ser capitalista, socialista e comunista. Também surge – o "espetáculo" – em todas comunidades religiosas, grupos e instituições.

A produção de imagens e a valorização da dimensão visual da comunicação, como instrumento do poder do Estado e de dominação social, tudo isso existe em todas as sociedades onde há desigualdade social, que é um sintoma da desumana e perversa distribuição de renda. E o que caracteriza a "sociedade do espetáculo" é a quantidade incalculável de "espetáculos" produzidos e seu vínculo com a produção e o consumo de mercadorias feitas em larga escala. Isso é uma estratégia que – geralmente – ocorre vinculada à ação do Estado, de forma concentrada, com a produção de imagens para justificar o poder exercido por seus dirigentes políticos e líderes empresariais.

O conceito de "indústria cultural" com a tese da "sociedade do espetáculo" faz parte de uma crítica contra todo sistema político que apresenta uma alienação e uma desumana distribuição de renda. O objetivo – da crítica – é contribuir na construção da dignidade humana e ao bem-estar social em todo sistema político, na sociedade, nas comunidades, nos grupos e instituições.

Concluo com o poema *Casa no campo*, do cantor e compositor carioca José Rodrigues Trindade (1947-2009):

Eu quero uma casa no campo / Onde eu possa compor muitos rocks rurais / E tenha somente a certeza / Dos amigos do peito e nada mais

Eu quero uma casa no campo / Onde eu possa ficar do tamanho da paz / E tenha somente a certeza / Dos limites do corpo e nada mais

Eu quero carneiros e cabras / Pastando solenes no meu jardim / Eu quero o silêncio das línguas cansadas / Eu quero a esperança de óculos / E meu filho de cuca legal / Eu quero plantar e colher com a mão / A pimenta e o sal

Eu quero uma casa no campo / Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé / Onde eu possa plantar meus amigos / Meus discos e livros e nada mais.

Onde eu possa plantar meus amigos / Meus discos, meus livros e nada mais / Onde eu possa plantar meus amigos / Meus discos e livros e nada mais.

■ Sinta-se convidado à audição do 354º Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer a vida e interpretações da letã meio-soprano Elina Garanca (1976).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Um Borges, uma bússola

Poucas pessoas me falam de Borges, pouquíssimas. O meu pai que leu apenas um livro, não gostava de ver as nuvens magras do Sertão. Borges estava nele, na sua beleza no entardecer – um homem do olho azul que adorava Thiago de Mello. Pena que não leu *O livro dos seres imaginários*, de B.

"É a nuvem, a imemorable nuvem, é a glória, do entardecer que afunda os subúrbios abrasado", diz Jorge Luís Borges em *Poemas do Quarto Elemento*.

Numa memorável nuvem, no entardecer, que às vezes me entristece, só poderia ser Borges a me salvar por esses trópicos, tretas, carne e espírito – único que sempre esteve intrigado com a dança das palavras e seus significados.

Não posso dizer que a sua imensa e complexa literatura – de uma vida toda – foi em torno do mistério, que vem das palavras, das palavras que ferem, que marcam, que assolam, que socam, dão vida ao texto e que nunca morrem. Se pudessem as palavras substituiriam revólveres ou a própria irrealidade, mas as palavras precisam da sua liberdade para desenhar textos.

É como se a realidade fosse a irrealidade e também não fosse uma matemática – caótica ou organizada – de palavras. Não sei se posso pensar assim. Talvez, lendo Milton Marques, eu consiga ser mais preciso. Ou impreciso. Tanto faz. Milton sabe das coisas.

As palavras não são apenas metáforas da boca pra fora ou o bater em portas, além dos signos que procuram representar, as coisas que empancam, que adormecem numa mesa, como a pera da canção de Milton Nascimento. É tão linda essa canção.

Palavras são mais – sangue, fígado, pulmões e candeiros. São fome, fartura, fevereiro.

As palavras de Borges não são antigas, petrificadas, e são modernas. Um discurso metafórico, alegórico, simbólico, é uma combinação de múltiplas pequenas metáforas – os vocábulos – alinhados por um sujeito (ou vários), marcado por tempos verbais e por predicados portadores de qualidades ou quantidades. É uma mistura de línguas, é um colosso.

Para entender o discurso do outro, diz Borges, temos que esquecer o caráter metafórico dos vocábulos unitários para melhor compreender o sentido geral daquela fala, talvez, uma metáfora que indique signos, com mais cenários e símbolos outros.

Em *Uma Bússola*, poema dedicado Esther Z. de Torre, Borges, diz: "Todas as coisas são palavras lidas. Na língua em que Algo ou Alguém, noite e dia, escreve essa infinita algaravia".

Borges ensina que a história é do mundo, nunca nossa. Borges com sua bússola nos indica as palavras exatas, inexatas, as que representam de fato nosso tempo, o que não entendemos, aprendemos, espalhamos. Pena que milhares não leem Borges.

Dizia ele: "O que é um homem para encontrar uma palavra que possa substituir uma das coisas do universo?"

O pudor da História, a refutação do Tempo, a ética do Sistema, que ele tanto ignorava.

O nome dele era comprido, Jorge Francisco Isidoro Luís Borges Azevedo, nasceu em Buenos Aires, em 24 de agosto de 1899, e faleceu em Genebra, em 14 de junho de 1986. Antes de falar espanhol, aprendeu com a avó paterna a língua inglesa, idioma em que fez suas primeiras leituras.

Imaginem bem, o que é civilização, aprendizado e conhecimento. A avó ensinou a língua inglesa. Ah, Brasil!

Em 1919, nova mudança – agora para a família foi mora na Espanha. Lá, Borges ligou-se ao movimento de vanguarda literária do ultraísmo (movimento estético de 1918). De volta à Argentina, publicou três livros de poesia na década de 1920 e, a partir da década seguinte, os contos que lhe dariam fama universal.

Borges é imenso. "Como nos sonhos, atrás das altas portas não há nada, nem se quer o vazio". É dele, essa assertiva. Até.

Kapetadas

1 - Isso aí que você falou é algo sem pé nem cabeça, isso aí que você falou é uma minhoca. Não entendi.

2 - Tô precisando de dinheiro pra comprar mais dinheiro e depois investir esse dinheiro em dinheiro pra comprar mais dinheiro. Loucura, né?

3 - Som na caixa: "Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer / Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou", Vicente Celestino.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Ator Engin Altan Düzyatan (E) e a garotinha Gülizar Nisa Uray (D), em 'O Violino do Meu Pai'



Fotos: Divulgação



“O Violino do Meu Pai”: uma obra que transcende a própria música

Quem acompanhou o seriado *Ressurreição*, da Netflix, há de se lembrar muito bem da figura do guerreiro Ertugrul vivida pelo ator turco Engin Altan Düzyatan. Afianço, um papel totalmente diferente do musicista que hoje ele interpreta em *O Violino do Meu Pai*, humanamente falando.

No início desta semana, como já vinha sendo esperado, lançamento da Netflix. Mais um drama turco, inclusive aguardado por minha esposa que acompanhou do mesmo ator o seriado *Ressurreição*, sobre a trajetória de um herói da Anatólia, durante a Guerra dos Tronos, no século 13.

Pois bem, por indicação da parceira Lili, assistimos ao filme da diretora turca Andaç Haznedaroglu, *O Violino do Meu Pai*. E qual foi a nossa surpresa ao ver o ator Engin Altan Düzyatan não mais com a truculência de “Ertugrul”, mas de um sofrido personagem vivido por um músico torturado, sobretudo por memó-

rias de família e de um passado infantil bastante sofrido.

Beirando o melodrama, como é próprio das narrativas dessa categoria, mesmo assim o filme surpreende com a figura de uma estrelinha graciosa a nos despertar o sentimento de muito carinho por ela, que é a da garotinha de nove anos de idade, Özlem (Gülizar Nisa Uray). O que logo me fez lembrar do meu netinho Arthur, em suas aulas de música e piano na Escola Cidade Viva.

A relação forçada da pequena Özlem, após a morte de seu pai, com o tio Mehmet (Engin Altan Düzyatan), cria nova atmosfera narrativa, ocasionando mais esperanças de vida e sentimentos aos personagens do filme. Inclusive à jovem esposa do músico, também pianista, papel interpretado pela também conhecida atriz turca Belçim Bilgin.

A história de *O Violino do Meu Pai* se passa numa das maiores cidades da Turquia, que é Istambul. E como toda me-

trópole tem seus bairros humildes, sendo ali que inicia a história da garotinha Özlem. Ela dança e canta ao som de um trio de músicos falidos, nas praças da cidade, buscando gorjetas de pessoas mais sensíveis que por ali passam. Seu pai, viúvo, bastante doente falece no começo do filme, criando problemas sérios para a criança, que é o de abandonar o grupo para ir morar em um orfanato. Senão, viver com o seu tio (Mehmet), influente músico da região, mas com muitas decepções do passado, inclusive com o seu próprio irmão e pai da pequena sobrinha.

Do *slogan* do próprio filme – “Uma narrativa comovente sobre a perda e o poder da música” –, é possível se mensurar não só essas perdas e poderes musicais, mas outras perdas e poderes também. Como as emocionais vividas por todos os personagens de *O Violino do Meu Pai*. Vale a pena ser assistido. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC homenageia e relembra seu pioneiro

Academia Paraibana de Cinema (APC), neste final de janeiro de 2022, em nome da sua diretoria e demais membros da entidade, homenageia um dos seus pioneiros e do cinema paraibano, relembando os 10 anos de falecimento do cineasta Linduarte Noronha. Ele ocupava a Cadeira 1 da APC, cujo Patrono é Walfredo Rodriguez. Em janeiro de 2012, Linduarte Noronha morreu em João Pessoa, devido a uma parada respiratória.

Ao realizar o documentário Aruanda tornou-se o mais destacado de sua época, na Paraíba, e um dos nomes do moderno cinema brasileiro. Além de Aruanda, Linduarte realizou o documentário Cajueiro Nordestino e um ficção, em longa-metragem, O Salário da Morte. Sua vida e obra continua sendo objetos de estudos universitários e edições de obras as mais diversas.

Em cartaz

ESTREIA

O BECO DO PESADELO (Nightmare Alley. EUA, México. Dir: Guillermo del Toro. Suspense. 16 anos). Quando o sem sorte Stanton Carlisle (Bradley Cooper) se torna querido para a vidente Zeena (Toni Collette) e o seu marido mentalista Pete (David Strathairn) numa feira itinerante, ele ganha um bilhete dourado para o sucesso, usando o conhecimento adquirido com eles para ludibriar a elite rica da sociedade de Nova York dos anos 1940. Com a virtuosa Molly (Rooney Mara) lealmente ao seu lado, ele planeja enganar um magnata perigoso. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h (dub.) - 17h15 (dub.) - 20h30 (leg.).

BELLE (Japão. Dir: Mamoru Hosoda. Animação. 12 anos). Suzu é uma estudante que mora em uma aldeia rural com o pai. Por anos, ela foi apenas uma sombra de si mesma. Um dia, ela entra em um mundo virtual de 5 bilhões de membros na Internet, mas lá ela não é mais Suzu. Ela é Belle, cantora mundialmente famosa. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 15h45 - 18h30.

SPENCER (EUA, Reino Unido, Alemanha, Chile. Dir: Pablo Larraín. Biografia e Drama. 12 anos). Nos anos 90, Diana (Kristen Stewart) passa o feriado do Natal com a família real em Norfolk, Reino Unido. Apesar das bebidas, brincadeiras e comidas em que sabe o roteiro, esse final de ano vai ser diferente. Após rumores de traição, a princesa se vê em um impasse quando percebe que o seu casamento com o Príncipe Charles (Jack Farthing) não está dando certo. Mesmo com os dois filhos, ela decide o deixar. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h30 - 18h15 - 21h.

CONTINUAÇÃO

AGENTE 355 (The 355. EUA. Dir: Simon Kinberg. Ação e Suspense. 14 anos). Ao ficarem sabendo que uma organização global de mercenários que ameaçam o mundo quer adquirir uma arma ultrasecreta, uma agente da CIA (Jessica Chastain) terá que unir forças para essa missão, com a agente alemã (Diane Kruger); uma especialista em computadores (Lupita Nyong'o); uma psicóloga (Penélope Cruz), e com uma mulher

misteriosa (Bingbing Fan) que está rastreando todos os seus movimentos. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h; CINE SERCLA SERCLA 3 (dub.): 17h.

EDUARDO E MÔNICA (Brasil. Dir: René Sampaio. Romance e Drama. 16 anos). Em um dia atípico, uma série de coincidências levam Eduardo (Gabriel Leone) a conhecer Mônica (Alice Braga) em uma festa. Uma curiosidade é despertada entre os dois e, apesar de não serem parecidos, eles se apaixonam perdidamente. CENTERPLEX MAG 4: 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 16h15 - 18h50 - 21h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 18h - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 2: 20h; CINE SERCLA SERCLA 3: 20h.

HOMEM-ARANHA - SEM VOLTA PARA CASA (Spiderman - No Way Home. EUA. Dir: Jon Watts. Ação, Fantasia, Super-Herói. 12 anos). Peter Parker (Tom Holland) precisará lidar com as consequências da sua identidade como aracnídeo ter sido revelada pela reportagem do Clarim Diário. Incapaz de separar sua vida normal das aventuras de ser um super-herói, Parker pede ao Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) para que todos esqueçam sua verdadeira identidade. Entretanto, o feitiço não sai como planejado. CENTERPLEX MAG 3: 17h (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h40 (dub.) - 16h45 (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (3D, dub.): 14h15 - 17h30 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (3D, dub.): 15h - 18h15 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h15 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h35 - 17h25 (3D) - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h35 - 17h25 (3D) - 20h15.

JUNTOS E ENROLADOS (Brasil. Dir: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Comédia e Romance. 12 anos). Após dois anos de união e economia financeira, Júlio e Daiana finalmente alcançaram o sonho de realizar a festa de casamento. Tudo parece estar indo bem, até que o noivo recebe uma mensagem em seu celular antes da cerimônia começar. Uma confusão generalizada acontece, mas a festa precisa continuar. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h45.

MY HERO ACADEMIA - MISSÃO MUNDIAL DE HEROIS (My Hero Academia: World Heroes Mission. Japão. Dir: Kenji Nagasaki. Animação e Aventura. 12 anos). Os alunos da My Hero Academia enfrentam a maior crise da história da instituição. Eles terão duas horas para salvar o mundo de uma ameaça sem precedentes. Será que Izuku Midoriya, Katsuki Bakugo e Shoto Todoroki conseguem? CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 16h30.

PÂNICO (Scream. EUA. Dir: Matt Bettinelli-Olpin e Tyler Gillett. Terror e Suspense. 16 anos). Vinte e cinco anos após uma série de crimes brutais chocar a tranquila Woodboro, um novo assassino se apropria da máscara de Ghostface e começa a perseguir adolescentes. Agora, a repórter Gale Weathers (Courteney Cox) e o xerife Dewey (David Arquette) se reúnem com Sidney Prescott (Neve Campbell) para enfrentar um novo psicopata. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h30 (dub.) - 17h (dub.) - 19h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., exceto seg.): 14h15 - 17h - 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h20 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h20 - 20h30.

SING 2 (EUA. Dir: Garth Jennings. Animação, Aventura, Comédia. Livre). Na glamorosa Redshore, Buster Moon e a galera enfrentam seus medos, fazem amigos e superam seus limites em uma jornada para convencer o reduto astro Clay Calloway a subir aos palcos novamente. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 16h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h10 - 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub., exceto seg. e ter.): 13h30 - 16h - 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h10; CINE SERCLA SERCLA 4 (dub.): 16h10.

TURMA DA MÔNICA: LIÇÕES (Brasil. Dir: Daniel Rezende. Aventura e Comédia. Livre.). Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão fogem da escola. Agora, terão que encarar as suas consequências, e elas não serão poucas. Nesta nova jornada, a turma descobrirá o real valor e sentido da palavra amizade. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h40; CINESERCLA TAMBIA 2: 15h50; CINESERCLA PARTAGE 3: 15h50.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Vozes que amo

Ontem bebi todas, com todas as vozes que amo.

Lá no Lipa, ouvi Núbia Lafayette entre os incícios rituais de três ou quatro uísques. Uísque suave e seco, um Old Parr, que pode se conformar ao veludo quente de sua voz e à convicção de que ninguém canta a dor de cotovelo, os dissabores do ciúme, como ela. Nem mesmo Lupicínio Rodrigues, que sabe tudo de amor não correspondido.

Sempre gostei de Núbia. Tive a pequenina glória de a conhecer pessoalmente e, mais, de lhe pagar um trago, lá num bar-restaurant de Lagoa Seca. A noite estava linda, um frio serrano cortava minha alma, e Núbia cantou. Cantou para mim e para todos, naquele momento em que a tristeza e a melancolia vestiam o mistério da noite.

Mais adiante era Esperança, cidade do poeta Silvino Olavo, onde Maysa me esperava com sua voz rouca, quente e desesperada, no mais sublime ‘Ne me quittes pas’. Sempre estou com Maysa, quando a tristeza não tem fim e me ronda os azeiros do coração. Sua voz possui o poder de sacralizar a dor e a vontade de morrer, principalmente se baixa aquele crepúsculo sem saída, a se espedaçar no desencanto do mundo.

Elis Regina é outra que não largo, faça sol, faça chuva. Gosto de ‘Corsário’, ‘Como nossos pais’, ‘O bêbado e o equilibrista’ e ‘O lixo ocidental’, na sua voz perfeita, feita de cristal e santidade. Elis é daquelas criaturas que não podem nem devem viver muito. O mal-estar da civilização não comporta a agônica poesia que se faz na sua voz que canta.

Dalva de Oliveira, Elizete Cardoso, Dolores Duran, Ângela Maria, Maria Bethânia, Gal Costa e Adriana Calcanhoto também compõem o itinerário de meu périplo pelos mares da boemia. Não tanto como aquelas, porém, presentes nas pontuações ocasionais de minha melomania íntima e amorística.

Mais uísque, mais solidão, mais vozes que amo, mesmo que o país se deixe abater pela violência, indecência, corrupção e desigualdade social. A propósito, é muito bom sair por aí, sem lenço nem documento, como na canção de Caetano Veloso, só para prostrar consigo e escutar as vozes que amo.

É chegada a hora de Joan Baez, vinda pelas janelas do vento lá dos vales do Alabama. Gosto do tom e do timbre de sua voz campestre, suave e aberta para os sortilégios da fantasia. Não sei por que, sempre alterno suas canções com as canções de Cesária Évora, talvez pelos vocativos telúricos e pela densidade lírica que as podem unir numa determinada circunstância ou distanciá-las em tantas mais.

Noite alta, mais uísque, mais vozes que amo.

Bessie Smith, Billie Holiday, Areta Franklin, Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Nina Simone. O blues, o jazz, rasgados no lamento de cada voz e cadenciado num compasso que paradoxalmente dói e alivia. Há, nestas vozes, inquietação e repouso; realidade e devaneio. Bendita a dádiva de viver só para tê-las no silêncio e na solidude de um bar que fecha!

Enfim, o fado. Adoro fado!

Concluo meu périplo, ouvindo Amália Rodrigues: ‘Nem as paredes confesso’, e Maria da Fé: ‘Valeu a pena’. Escuto duas ou três vezes. Descanso um pouco. Agora vou tomar o último uísque na companhia de Ana Moura e Marisa, a me deleitar com as suas respectivas interpretações do fado ‘Loucura’, para mim, o mais belo e o mais intenso de Portugal, ‘Ó, poetas de meu país’.

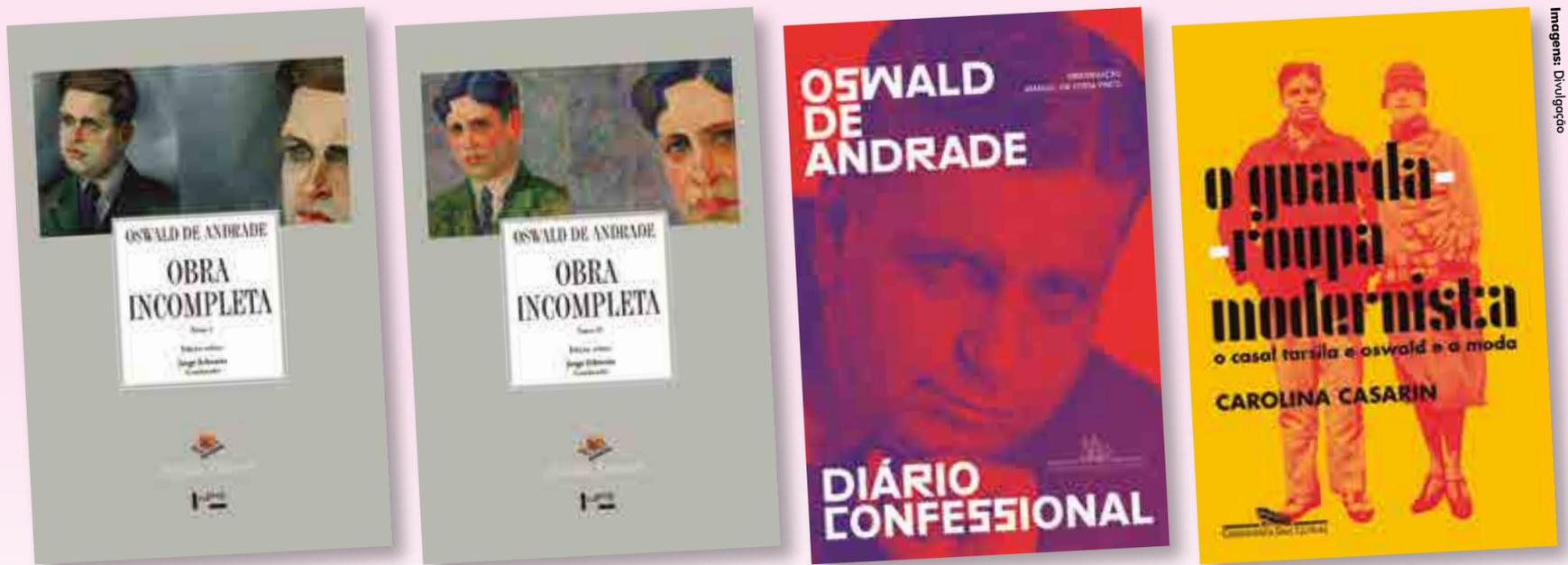
Foto: Reprodução



Cantora, atriz e fadista portuguesa Amália Rodrigues (1920-1999)

Serviço

• Funesco [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambaí [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



Imagens: Divulgação

Entre as novas publicações, três se destacam (da esq. para dir.): “Obra Incompleta” (Edusp), em dois tomos, “Diário Confessional” (Cia. das Letras) e o “O Guarda-Roupa Modernista - O Casal Tarsila e Oswald e a Moda” (Cia. das Letras)

Livros mostram as revelações de Oswald de Andrade

Centenário da Semana de Arte Moderna faz várias obras do escritor paulistano - e sobre o trabalho dele - chegarem às lojas

Ubiratan Brasil
Agência Estado

O centenário da Semana de Arte Moderna, que será celebrado em fevereiro, motivou as editoras a lançarem uma enxurrada de obras sobre o evento, desde ensaios até testemunhos históricos. E o saldo positivo de tantos volumes é reafirmar a importância do trabalho de Oswald de Andrade (1890-1954), para muitos críticos o principal nome do movimento modernista. E, entre as publicações, três se destacam: o monumental *Obra Incompleta* (Edusp), cujas 1.656 páginas se dividem em dois tomos; *Diário Confessional* (Companhia das Letras), que traz justamente apontamentos ausentes naquelas obras; e o curioso *O Guarda-Roupa Modernista - O Casal Tarsila e Oswald e a Moda* (Companhia), elucidativa pesquisa feita por Carolina Casarin.

Tal espalhamento se explica, em parte, pela forma caótica com que Oswald trabalhava. “Enquanto Mário de Andrade catalogou e guardou todo seu material em sua casa, facilitando o acesso a praticamente tudo o que escreveu, Oswald não pensava na posteridade, não tinha uma preocupação de gabinete”, observa o crítico Jorge Schwartz, um dos principais conhecedores do trabalho oswaldiano e que coordenou a edição crítica de *Obra Incompleta* novamente auxiliado pela pesquisadora Gênese Andrade.

Um trabalho minucioso e paciente – há muitos destaques nos dois volumes, como um texto inédito de Antonio Candido que faz uma breve, mas elucidativa, síntese da obra de Oswald, enfatizando sua personalidade. “Um texto impressionante, pois, mesmo já tendo analisado vários aspectos do modernista ao longo dos anos, o professor Candido trouxe aqui um olhar original”, comenta Schwartz, que destaca ainda outra precisidade, o texto *A Retirada dos Dez Mil*.

Fascismo

Publicado em 1935, no jornal *A Platea*, o artigo traz uma dura crítica ao escri-

tor Plínio Salgado que, no comando dos integralistas, flertava com o fascismo daquela época. “É um libelo sarcástico e até violento, uma crítica política rara de se ver no Brasil”. Oswald, de fato, era um dos poucos autores da sua época a apresentar um texto mais cerebral, argumentativo e não apenas preocupado em narrar uma história.

A multiplicidade da obra de um dos principais incentivadores da Semana de Arte Moderna de 1922, cujo objetivo declarado era “assustar a burguesia que cochila na glória de seus lucros”, se revelava em trabalhos fundamentais como o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928), além da introdução da prosa experimental no Brasil, com *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924). Era o criador de uma poética que restaurava o arcaico para se libertar do passado.

A fama de bufão, no entanto, pode esconder a dedicação de Oswald a seu trabalho, confirmada pela bibliografia organizada por K. David Jackson, que aponta 498 títulos de autoria de Oswald, entre poemas, manifestos, romances, artigos, conferências e entrevistas, publicados em português e em outras línguas. Outro destaque levantado por Schwartz é o artigo Gênese da Semana de Arte Moderna, publicado em um periódico em 1944.

Ali, além de uma avaliação positiva do movimento, Oswald revela a perda de um poema, escrito em 1911

ou 1913, que teria sido o texto pioneiro do Modernismo no Brasil. A sensação de incompletude, portanto, sempre o acompanhou, o que marca também o título de *Obra Incompleta*.

Acervo

O material para esse trabalho foi descoberto no acervo de Marília de Andrade, filha do escritor, fonte também para *Diário Confessional*, organizado pelo crítico Manuel da Costa Pin-

acervo particular de sua filha, Marília. Pode-se afirmar que é a única obra que restou ao mesmo tempo inédita e completa no conjunto de seis dos 16 cadernos”.

Trata-se de uma sequência de textos com marcações de dia e mês entre 1948 e 1954. Foi um período turbulento na vida de Oswald, marcado por problemas financeiros que o obrigaram a vender bens para saldar dívidas cotidianas, como o pagamento da escola de seus filhos.

empréstimos, negociar hipotecas – termo que surge ao lado de palavras recorrentes como ‘promissória’, ‘letra’, ‘título’, ‘anticrese’, ‘pagamento’, pertencentes a um jargão hoje em desuso para designar os compromissos assumidos com instituições de crédito e, sobretudo, agiotas que se aproveitavam da situação de Oswald com empréstimos a juros extorsivos, que aumentavam seu endividamento”, escreve Costa Pinto.

E, como acontece em *Obra Incompleta*, aqui também um dos destaques são suas observações sobre a Semana de 1922. São anotações e insights que funcionariam como um rascunho de um provável texto futuro. “O tom ácido das anotações oswaldianas sobre os protagonistas (ou algozes) do movimento é característico de um caderno íntimo e talvez fosse amenizado numa eventual versão publicada pelo próprio autor”, acredita o crítico.

Oswald é impiedoso com colegas como Manuel Bandeira e, principalmente, Mário de Andrade, com quem manteve uma relação de amor e desprezo. “Eles se somam”, observa Jorge Schwartz. “São duas personalidades e literaturas diferentes, mas que se completam”.

Moda como reflexo

Para a elaboração de seu doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a pesquisadora Carolina Casarin escolheu um tema instigante: como a indumentária de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade era

fruto de sua apropriação da moda, uma das formas que o casal escolhia para deixar uma marca. O resultado está no livro *O Guarda-Roupa Modernista*, lançado agora pela Companhia das Letras.

Carolina compara a aparência e o vestuário desses artistas com o projeto estético e ideológico do modernismo brasileiro, especialmente no trabalho de elaboração de uma identidade nacional.

É bom lembrar que Tarsila e Oswald, que foram casados, eram de famílias ricas da burguesia paulista, o que possibilitava inúmeras viagens na década de 1920 à França, onde mantinham relações especialmente com a *maison* Paul Poiret – foi ele quem fez, por exemplo, seu vestido de noiva no casamento com Oswald, a partir do traje de casamento de sua mãe.

“Tarsila e Oswald tiveram uma elegância ousada – ou uma ousadia elegante, modo de dizer que melhor revela que o casal dominava os códigos dos grupos que frequentava – e buscavam originalidade, recorrendo a um costureiro cujo estilo estava associado à ideia de ‘exótico’”, escreve Carolina, no livro.

Silhueta

Segundo ela, o apreço de Tarsila e Oswald pelos figurinos de Poiret revela gosto por uma silhueta volumosa e roupas ornamentadas, denotando um luxo exuberante – mesmo que Poiret fosse considerado antiquado em seu país.

Enquanto Tarsila esmerava-se em trajés elegantes, Oswald muitas vezes foi fotografado usando roupa esportiva o que, segundo Carolina Casarin, é fundamental para se compreender a gradativa modernização e a consequente informalização que ocorre no vestuário masculino durante a primeira metade do século 20. O casal, assim como Mário de Andrade, investiu na elaboração de suas aparências “como um modo de expressão estética e artística que fosse incluído no projeto ideológico de brasilidade modernista”.



Imagens: Reprodução

“Retrato de Oswald de Andrade”, pintura assinada pela modernista (e futura cónjuge) Tarsila do Amaral (1886-1929), no ano de 1923

to. “O conjunto inclui uma gama variada de anotações esparsas, esboços de textos”, observa o jornalista, na introdução do livro. “O material permaneceu guardado todos esses anos em meio aos manuscritos do escritor – mais especificamente, em 16 cadernos pertencentes ao

“Se há uma tônica dominante no *Diário Confessional*, é exatamente esta: a insegurança econômica que pouco a pouco vai ocupando espaço cada vez maior no registro de um cotidiano atormentado por credores e por infrutíferas iniciativas de vender bens, conseguir



Foto: Agência Brasil



Deputados estaduais acreditam que campanha pautará debates

Parlamentares preveem ano atípico no Legislativo por causa do processo eleitoral e da votação de projetos polêmicos

Petronio Torres
petroniotorres@yahoo.com.br

Os trabalhos na Assembleia Legislativa da Paraíba serão retomados depois de amanhã, dia primeiro de fevereiro. Para os deputados, será um ano atípico, diferente dos demais. A opinião e o pensamento são da maioria dos parlamentares estaduais para este que será o último desta Legislatura, que se encerrará em janeiro de 2023. Como 2022 será marcado por eleições em outubro, os parlamentares estarão com as atenções voltadas, principalmente, para suas reeleições e outros buscando novos espaços. Mas, as pautas e obras importantes, além da continuidade da retomada econômica, também serão temas de preocupações e certamente de debates acalorados que serão abordadas na Casa Epitácio Pessoa, sejam eles nas sessões presenciais, híbridas ou virtuais, neste último caso, por causa da

nova variante da Covid-19, a Ômicron.

Para o deputado Chió (Rede Sustentabilidade), ele entrará neste último ano da atual Legislatura focado em obras hídras estruturantes na região do Brejo, que, segundo ele há mais de 20 anos sofre com a crise hídrica.

“Cidades como Esperança, Remígio, Arara, Casserengue, Bananeiras e Solânea

Parlamentares estarão com as atenções voltadas, principalmente, para suas reeleições

colapsaram, e nossa batalha na Assembleia continuará sendo pelo início imediato da Adutora do Brejo, que trará as águas do São Francisco para nossa região”, explicou o parlamentar.

Ele também endossou que abordará questões de infraestrutura rodoviária, a exemplo da estrada de Cepilho em Remígio, e da restauração da PB-079. “Estas estradas são esperadas pela população há mais de 30 anos e consolidadas pelo nosso mandato, também serão prioridade nossa em 2022. Estamos acompanhando de perto cada etapa de execução da obra, para que brevemente esses problemas crônicos de mobilidade, segurança viária e até econômico sejam resolvidos, já que estamos tratando de uma das regiões mais produtivas da Paraíba”, completou Chió.

Já a deputada Camila Toscano (PSDB), a Assembleia Legislativa tem muitos temas importantes para discutir nesse retorno, sobretudo a questão da segurança pública que é mais urgente.

“Nessa volta aos trabalhos vamos discutir também outros pontos como a violência contra a mulher e a crise

+ Segurança pública, tema sensível

O deputado Tovar Correia Lima (PSDB) aposta nos temas principais para o retorno dos trabalhos legislativos serão questões ligadas a segurança pública, crise hídrica na Paraíba e a volta do crescimento econômico do estado, afetado pela pandemia causada por a Covid-19.

“Vamos colocar na pauta principal da Assembleia Legislativa da Paraíba as discussões para encontrarmos uma solução para a questão da Polícia Militar. Estamos atentos. Os deputados devem ser uma ponte para resolver esse problema”, complementou o parlamentar.

Já o deputado Hervázio Bezerra

(PSB) disse que a sua primeira ação, quando a Assembleia Legislativa voltar os trabalhos é buscar aprovar matérias de interesse do povo paraibano. E para isso irá fazer uma revisão das leis aprovadas pela Casa Epitácio Pessoa para facilitar e melhorar a vida do parlamento e da população.

“A meta é ‘descartar’ aquelas leis inócuas, que não servem para nada, basicamente, e dá uma maior ênfase, de fato, aquelas que ajudam o paraibano. E claro, tem o fator eleitoral que vai pesar muito, pois todos os deputados estarão com suas atenções voltadas para o pleito”, explicou o parlamentar.

hídrica no Brejo. É um retorno esperado porque temos pautas importantes para tratar, para discutir e resolver. Nosso trabalho continuou durante todo o recesso, mas a volta do funcionamento da Assembleia reforça a nossa

atuação, sobretudo com os debates em plenário”, disse.

Para Jutay Meneses (Republicanos) o retorno dos trabalhos da Assembleia Legislativa será fundamental para a promoção de debates importantes de temas importantes

para os paraibanos. Para o deputado, temas voltados à pesca que enfrenta dificuldades pela pandemia e a agora a estiagem, além dos idosos que diariamente sofrem com falta de cuidados e falta de inclusão.

Retomada da economia será um dos temas principais

Além do ano eleitoral e dos temas mais acalorados, os deputados estaduais apostam num tema específico para os debates e sugestões para os setores provado e, sobretudo, público para um aquecimento, mais amplo do setor produtivo e da economia de um modo mais amplo.

“Irei contribuir para que o debate da retomada econômica seja uma das prioridades da Assembleia, porque a fome, o desemprego, e as dificuldades enfrentadas pelos pequenos empreendedores representam um dos grandes

desafios dos Poderes Públicos em 2022. Precisamos estimular a economia criativa e socorrer os pequenos, defendendo que a Casa de Epitácio ajude o Estado a criar excelentes políticas públicas que auxiliem na retomada econômica da Paraíba, e que esse debate aconteça sempre de mãos dadas com a saúde sanitária e a vida da população”, frisou o deputado Chió.

O deputado Tovar Correia Lima (PSDB) também tocou neste ponto como um dos temas principais para o retorno dos trabalhos legisla-

tivos. “Vamos centrar discussões neste setor. Temos muito que debater e encontrar soluções para que a Paraíba possa avançar cada vez mais”, afirmou.

Segmento importante

Para o deputado Jutay Meneses a pesca é um dos mais importantes segmentos da economia em algumas regiões paraibanas. Ele destacou que a inclusão deste tema, dentro da pauta de retorno dos trabalhos na Assembleia Legislativa, será fundamental no debate voltado para a

continuidade da retomada da economia estadual.

“Temas voltados à pesca, por exemplo, que enfrenta dificuldades pela pandemia, e agora a estiagem, tem que se discutir. Este segmento é muito importante na nossa economia. Vamos buscar ter um olhar diferenciado para esta parcela de nosso setor produtivo. E espero e torço para que a Assembleia Legislativa seja protagonista nesta área, também”, explicou o parlamentar.

Inclusive, dentro desta fomentação da pesca no es-

tado, o deputado se reuniu na última quinta-feira com o secretário de Desenvolvimento Humano, Tiberio Limeira, para solicitar a inclusão de pescadores no programa do Governo do Estado, Cartão Alimentação. Para o parlamentar, o benefício vai proporcionar mais oportunidades aos pescadores.

“Entendemos que esse setor vem sofrendo com a redução de renda no período de pandemia e agora agravado com a estiagem. Com a inclusão deles no programa vamos garantir segurança alimen-

tar”, destacou Jutay.

A solicitação foi ouvida pelo secretário Tiberio Limeira que se comprometeu em encaminhar a solicitação. “Foi um diálogo positivo. O secretário se comprometeu em atender a nossa demanda. Lembrando que toda documentação deverá ser cumprida como estabelece a Lei. Considerando ainda que esse período em que os pescadores recebem o seguro-defeso, o Governo do Estado promova um incremento de renda para esses trabalhadores”, enfatizou Jutay.

Partidos miram a propaganda para alavancar presidenciais

Pré-candidatos que patinam nas pesquisas de intenção de voto terão poderosa ferramenta para se lançarem nacionalmente

Lauriberto Pompeu
Agência Estado

Os pré-candidatos que hoje patinam nas pesquisas de intenção de voto terão uma poderosa ferramenta para se tornar nacionalmente conhecidos antes do período oficial de campanha. É que, com a volta da propaganda partidária de rádio e TV, a partir de março, as legendas vão usar os programas e inserções para ampliar a exposição de suas apostas eleitorais. Especialistas alertam, porém, que embora não seja proibida a participação de nomes que estarão nas urnas em outubro, transformar as inserções em promoção pessoal pode configurar propaganda antecipada e resultar em punições como multa e cassação de tempo.

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), recorrerá à vacinação contra a Covid-19, por exemplo, para mostrar que foi ele quem primeiro trouxe o imunizante para o país. Doria precisa "nacionalizar" sua campanha e escolheu o ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia (sem-partido-RJ) para coordenar seu programa de governo como parte dessa estratégia.

A partir de março, as legendas vão usar os programas e inserções para ampliar a exposição de seus candidatos

Além de Maia, outros nomes fora de São Paulo confirmados para a equipe de Doria são o ex-deputado por Pernambuco e atual presidente do PSDB, Bruno Araújo, que comandará a campanha, o secretário estadual da Fazenda, Henrique Meirelles, e a economista Ana Carla Abrão, ambos de Goiás.

Não é só Doria, no entanto, que vai usar as inserções para se apresentar aos eleitores. O Podemos do ex-juiz Sérgio Moro e o PDT do ex-ministro Ciro Gomes confirmaram que os presidenciais também terão destaque nas propagandas. O PL, por sua vez, vai exibir o presidente Jair Bolsonaro, que é candidato à reeleição.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, afirmou que "Ciro estará em todas (as inserções), inclusive nas estaduais". A Secretaria de Comunicação do Podemos observou, por sua vez, que "como a legislação permite



A propaganda partidária no rádio e na TV está de volta nas eleições deste ano e se torna uma ferramenta importante para os candidatos impulsionarem suas campanhas

a participação de filiados no programa, não há impedimento legal para que Moro apareça na propaganda partidária".

Líder nas pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também será a estrela dos programas do PT. O partido

pretende ir "dosando" a participação de Lula, começando com menos aparições em abril e chegando ao máximo em junho, mais perto do início

oficial da campanha. Em São Paulo, o partido vai destacar o ex-prefeito Fernando Haddad, pré-candidato do PT ao Palácio dos Bandeirantes.

+ Campanha eleitoral será realizada de 16 de agosto a 1º de outubro

O período oficial de campanha eleitoral, que é diferente da propaganda partidária, vai de 16 de agosto a 1º de outubro, véspera da eleição. Nos casos de segundo turno, de 7 a 29 de outubro. Antes mesmo do início oficial das campanhas, porém, os pré-candidatos já se atacam em entrevistas e nas redes sociais.

Moro tem usado as redes para criticar Lula e Bolsonaro. Para não parecer que é candidato focado apenas em ideias para combater a

corrupção, o ex-juiz comenta temas como teto de gastos e orçamento secreto.

Da mesma forma, Ciro tem veiculado vídeos nos quais também ataca Lula e Bolsonaro - os dois pré-candidatos que estão à frente nas pesquisas - e expõe as propostas do PDT. O marqueteiro da campanha de Ciro é João Santana, que no passado foi responsável pelos programas de TV de Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff.

A propaganda partidária havia sido revogada em

2017, com a justificativa de que os valores envolvidos seriam revertidos para o Fundo Eleitoral, mas voltou à cena política após Bolsonaro sancionar uma nova lei aprovada pelo Congresso, no fim de 2021. Em anos eleitorais como este, as peças somente podem ser exibidas no primeiro semestre, antes do período das convenções que definem os candidatos à Presidência, de julho a agosto.

Restrições
Especialistas consultados

pelo Estadão não veem problemas na participação de pré-candidatos nos programas dos partidos. A advogada eleitoral Marina Moraes, integrante da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep), observou, porém, que ficam proibidas práticas como pedido explícito de voto e exaltação de realizações individuais. "Essa propaganda visa engajar as pessoas no ambiente partidário, nas filiações, na simpatia por aquele partido", disse a advogada. "Qualquer

situação que valorize a pessoa, as habilidades de um pré-candidato específico já estaria violando essa proibição."

De acordo com o professor Raimundo Augusto Fernandes Neto, da Universidade de Fortaleza (Unifor), em vez de promover candidatos, trata-se de uma publicidade institucional: "Essa propaganda objetivaria, antes de tudo, o conhecimento para a população de qual o viés ideológico e os programas partidários"

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Eu e W. S. Solha temos algo em comum: não vendemos nossos livros

W. S. Solha é escritor, artista visual, ator de cinema e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, radicado na Paraíba desde a década de 1960. Ele está com novo livro na praça. Mandou mensagem para os amigos e leitores, entre os quais me incluiu, pedindo endereço para remeter a obra pelo correio. "Como não vou fazer lançamentos, nem colocar esse meu novo livro à venda, diga-me, por favor, seu endereço postal, para que eu lhe remeta a obra, sem quaisquer ônus", informar Solha.

Eu também não gosto de vender livros ou promover noite de autógrafos. Na tal noite, o que você gasta papapicando os convidados é muito mais do que ganha com a venda de 30 ou 40 livros, quando vende! Há anos tive a infeliz ideia de levar um compadre meu para Itabaiana, esperando lançar seu livro em evento cultural naquela cidade. Para nossa perplexidade, só vendemos um único livro, assim mesmo fiado.

Eu não vendo meus livros. Eles circulam através de amigos, ou em promoções como a Ginca-

na Cultural dos estudantes, badalação juvenil que inventei em Itabaiana, onde venderam mais de 300 exemplares de "A Voz de Itabaiana e outras vozes" em favor do Ponto de Cultura Cantiga de Ninar. Mesmo porque os livrinhos por mim lançados foram patrocinados por órgãos públicos. Esse da gincana teve a chancela do Banco do Nordeste do Brasil. Alguns amigos comercializaram uns exemplares para ajudar as ações do Ponto. Eu faço como Solha: aos raros compadres que me pedem, mando pelo correio. Se eu tivesse um esquema terceirizado profissional para comercializar os livros, tudo bem. Mas, sair vendendo livro, meu atestado de antecedentes não permite. Sou reprensor de uma determinada seita conhecida pela sua determinação em vender livros de porta em porta.

Mais fácil vender um rim. No meu reduto de conteúdos malucos, a Toca do Leão, publiquei anúncio de venda do rim, só de bandalheira. Pouca vergonha a que me permito na minha toca, com minha timidez, meus sonhos e invenções. Recebi

mensagens de compadres e comadres preocupados com a possibilidade de eu vender um rim para pagar as contas do Ponto de Cultura. "Pelo amor de Deus, não sacrifique um órgão tão importante, embora tenha dois. Seus amigos, entre os quais me encontro, tenho certeza de que todos estão dispostos a lhe ajudar a sair desse sufoco", acudiu uma comadre minha, a inesquecível Lourdinha Luna. Respondi, tranquilizando: "É tudo lorota, caríssima! Não vou vender rim nem qualquer parte deste corpo velho. No máximo, posso ceder temporariamente a consciência, mesmo sem prestabilidade aparente". Lourdinha foi sincera: "Fiquei na dúvida, porque todo poeta é doido, conforme dizia Celso Mariz, o historiador. Mas, doido no sentido de generoso, sonhador e magnânimo, que dá tudo de si para concretizar as utopias que pensa".

Meu projeto de troca de livros usados tem estante na Justiça Federal em João Pessoa, na Rua João Teixeira de Carvalho, 480, no bairro Pedro Gondim. Atualmente moro na divisa entre Bana-

neiras e Solânea. Nessas cidades, montei pontos de troca de livros em quitandas de hortifrutigranjeiros. Em um desses pontos, comparece quase que diariamente um Testemunha de Jeová para deixar revistas doutrinárias da seita e levar bons livros que eu deixo na estante. Escambo escancaradamente desfavorável para este velhusco descrente. Nessas trocas livres, tem sempre aqueles clientes de segunda linha. Um deles deixou uma agenda usada, do ano anterior, e levou Carlos Drummond de Andrade. Semana passada, encontrei na estante um livrinho de desenho infantil. O cara trocou as primeiras experiências estéticas traçadas no papel pelo seu infante por um exemplar das "Aventuras de Biu Penca Preta no reino da fuleragem". Comportamento no mínimo bizarro. Algo assim como você trocar a coleção de cartas de suas namoradas por um exemplar do folheto "A mulher que levou cangalha do marido e sua juventa", autoria do cordelista mais brega do Brasil, meu compadre Bento Júnior.

SUS vai atender pessoas com Síndrome da Fadiga Crônica

Projeto de lei que tramita no Congresso determina a realização de campanhas de esclarecimento público, capacitação de recursos humanos e pesquisas



Cleia Viana
Câmara dos Deputados

O Projeto de Lei 2812/21 cria a Política Nacional de Atenção Integral à Pessoa com Encefalomielite Miálgica ou Síndrome da Fadiga Crônica no Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo a autora, deputada Erika Kokay (PT-DF), o objetivo é assegurar aos pacientes o acesso aos serviços de saúde de forma integral, para o atendimento ao conjunto de todas as suas necessidades relacionadas com a prevenção, a proteção e a recuperação da saúde.

O texto determina que as pessoas com a Síndrome da Fadiga Crônica terão direito aos benefícios de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez com isenção do período de carência.

A política nacional proposta deverá ser estabelecida pelo Ministério da Saúde e garantir aos pacientes, entre outros, o acesso a terapias experimentais e equipamentos como cadeira de rodas, cadeira de rodas motorizada, ou qualquer outro acessório necessário ao bem-estar e qualidade de vida do pa-

ciente, incluindo terapias com infusão de colágeno.

O projeto também determina a realização de campanhas de esclarecimento público, capacitação de recursos humanos, incentivo à pesquisa científica e parcerias com entidades privadas, entre outros.

Erika Kokay destaca que a criação de uma política pública específica para as pessoas com esse diagnóstico vai permitir a melhoria do processo de diagnose, da definição de protocolos clínicos e de diretrizes terapêuticas que contemplem a doença em seus variados graus de manifestação.

A deputada ressalta ainda o papel das parcerias e da realização de ações de esclarecimento. “Essa ação voltada ao esclarecimento da população também se revela útil no combate à discriminação e à promoção de inclusão social dos pacientes.”

Tramitação

A proposta tramita em caráter conclusivo e ainda será analisada pelas comissões de Seguridade Social e Família; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania

Tramitando

Eletrodomésticos destinados ao preparo de alimentos podem receber classificação

Paulo Sergio
Câmara dos Deputados

A classificação de eletrodomésticos destinados ao preparo de alimentos quanto a facilidade de limpeza será tratada agora no Projeto de Lei 2891/21.

A medida também se aplica a equipamentos industriais com a mesma finalidade.

Segundo a proposta, a comercialização desses equipamentos no mercado

nacional fica condicionada à certificação do Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro), que deverá classificá-los quanto à facilidade de limpeza de partes e componentes sujeitos à contaminação por microrganismos.

O Poder Executivo regulamentará procedimentos, exigências e prazos para a certificação e concessão do selo do Inmetro. Autor do projeto, o deputado Bibó Nunes (PSL-RS)

afirma que um aspecto fundamental de alguns produtos tem causado prejuízos à saúde de consumidores.

“Foco potencial de contaminações e infecções gastrointestinais, a má higienização dos produtos voltados ao preparo alimentício pode ser enfrentada com a implementação de selos de qualidade que assegurem que os produtos comercializados podem ser

adequadamente limpos”, disse. “O selo vai classificar esses bens de acordo com a facilidade de sua higienização”, concluiu.

Tramitação

O projeto será analisado, em caráter conclusivo, pelas comissões de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços; de Defesa do Consumidor; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Projeto torna imprescritível crime ambiental por uso de lavra mineral

Agência Câmara

O Projeto de Lei 643/19 torna imprescritíveis os crimes ambientais cometidos em atividades de lavra mineral e veda o parcelamento de multas aplicadas por órgãos públicos devido a desastres ambientais decorrentes dessas atividades. Já aprovada no Senado, a proposta tramita na Câmara dos Deputados.

O texto também impede que empresas responsabilizadas por desastres ambientais decorrentes das atividades de lavra mineral participem de mecanismos de renegociação tributária nos moldes do Refis.

A proposta é do senador Veneziano Vital do

Rego (MDB-PB) e busca, segundo ele, “garantir que, de fato, as atividades de mineração se realizem em condições de segurança e de preservação ambiental, e não apenas de mera geração de valores econômicos”. O projeto altera a Lei dos Crimes Ambientais.

Condições

O texto também torna mais rígidas as condições

de autorização de funcionamento e de fiscalização das atividades de lavra mineral.

O plano de aproveitamento econômico da jazida, apresentado pelo titular da outorga de exploração, deverá incluir projetos relativos à segurança das instalações de lavra e beneficiamento mineral, dos trabalhadores envolvidos na exploração e a proteção

da qualidade do ambiente.

A proposta estabelece ainda que as condições de segurança das instalações deverão ser avaliadas por empresa independente de auditoria, contratada pelo titular da mina. Caso as eventuais irregularidades nas instalações não sejam sanadas no prazo de 30 dias, a lavra será suspensa até a devida regularização. Estas medidas são inseridas no Código de Mineração.

Comissões

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado pelas comissões de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; Minas e Energia; Finanças e Tributação; e Constituição e Justiça e de Cidadania.

CAS deve votar nova licença paternidade

A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) já tem 29 projetos prontos para votação, após a retomada dos trabalhos, em fevereiro, com o fim do recesso parlamentar. Entre eles, o projeto de Paulo Paim (PT-RS) que assegura ao companheiro o período remanescente da licença-maternidade, quando a mãe não puder usufruí-la por incapacidade psíquica ou física (PLS 442/2017). O relatório de Mara Gabrilli (PSDB-SP) é pela aprovação da proposta.

Pelo texto, nos casos em que houver incapacidade psíquica ou física da mãe, fica assegurado ao cônjuge (inclusive companheira) o gozo por todo o período da licença-maternidade, ou pelo tempo restante a que teria direito a mãe. E este período não poderá ser inferior a 30 dias.

A proposta ainda expli-

cita que nos casos da incapacidade psíquica ou física da mãe que não for empregada ou segurada da Previdência Social, nos 120 dias seguintes ao parto ou da data de adoção, o pai (companheiro ou companheira) terá direito ao período da licença-maternidade remanescente.

Em todos estes casos, quem gozar a licença-maternidade deverá informar os fatos ao empregador, apresentando atestado médico, além de informar o período de licença já gozado pela mãe, se for o caso.

O direito à licença-maternidade remanescente estende-se ao empregado (companheiro ou companheira) que obtiver a guarda judicial de recém-nascido ou de menor por adoção, assim como empregados ascendentes ou descendentes que, comprovadamente, tiverem de assumir a guarda.



Foto: Rosilândia Melo

Texto também torna mais rígidas as condições de autorização de funcionamento e de fiscalização das atividades de lavra mineral

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA seleciona pessoas com deficiência (PCD). Os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187, Catolé. Campina Grande.



Ruy Dantas, Da Paz Gonçalves, Flávia Medeiros, Suzana Brindeiro, Marcos Luna, Renato Moura, Ildenice Lacerda, Jonas Lourenço, Cida Lobo, Beto Brito, Marianne Gaudêncio, Otto Navarro Cruz são os aniversariantes da semana.



Naná Garcez, a jornalista que preside a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), festejou as suas bem vividas sessenta primaveras ao lado do seu marido Aginaldo Almeida, da filha Vanina e de outros familiares que vieram à nossa capital especialmente para o evento. A foto é de Edson Matos.



O Sebrae-PB já nos preparativos finais para a realização da Expo Turismo Paraíba, que acontecerá no Espaço Cultural, em João Pessoa, de 10 a 12 de março deste ano. O hotel Ba'ra, dirigido pelo executivo Gefferson Alves (na foto com a gestora de turismo do Sebrae, Regina Amorim), deve participar do evento, que ocorrerá de forma presencial e contará com a participação de municípios de onze regiões turísticas.



Lara Ramos Rodrigues de Andrade, filha do casal Romero e Ana Rodrigues, colou grau como médica na Unifacisa. Parabéns e sucesso a toda a família.



Severino Ramalho Leite recebendo o carinho da esposa, Marta, e da filha, Viviane Ramalho, no prestigiado lançamento do livro "Era o que eu tinha a dizer".



No badalado lançamento, o autor recebeu o carinho da esposa, Marta Ramalho, de filhos, genros, noras e netos.



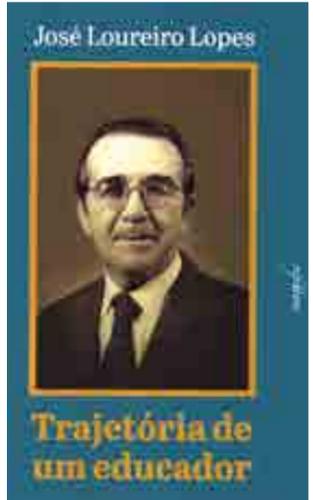
"Era o que eu tinha a dizer", o mais novo livro do escritor e presidente da Academia Paraibana de Letras, Ramalho Leite, foi lançado durante encontro de mais uma edição do Pôr do Sol Literário. No evento, que aconteceu na sede da APL, no Centro de João Pessoa, registramos o autor entre os amigos Fernando Catão, Flávio Ramalho Brito, Gilvan Freire, Helder Moura, Márcio Cavalcanti e Alberto Jorge (na foto de Gilberto Firmino).



Bell Marques, um dos nomes mais famosos no Carnaval do Brasil, vai se apresentar com o show "Bloquinho do Bell", na capital paraibana, no próximo dia 20 de fevereiro.



Rui Leitão, escritor e diretor da Rádio Tabajara, já registrou a sua inscrição para concorrer à Cadeira de número 28 da APL, vaga com o falecimento do acadêmico Monsenhor Marcos Trindade.



O livro "Trajetória de um Educador", do renomado professor José Loureiro Lopes, não terá lançamento oficial e, desta maneira, está sendo enviado a alguns amigos do autor. A edição, da "autografia" (Rio de Janeiro), traz a apresentação do Prof. Francelino Soares.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189



Administrar os próprios recursos e planejar as despesas é saudável para a relação com dinheiro

Idosos buscam cada vez mais independência na vida financeira

Aposentados e pensionistas têm grande impacto no funcionamento da economia e estão cuidando mais do próprio dinheiro

Carol Cassoli
Especial para A União

Dos 537 mil habitantes da Paraíba com, pelo menos, 60 anos, mais de 40 mil são aposentados e pouco mais de 12 mil recebem pensão, segundo dados da Paraíba Previdência (PBPRev) e, em conjunto com levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que esta é uma parcela da população com alta representatividade para o funcionamento da economia. Com experiência acumulada e seu próprio dinheiro na conta, há aposentados que fazem questão de cuidar da própria vida financeira e não admitem interferências externas.

A bibliotecária aposentada Goreth Campos faz parte do público que, apenas em dezembro do ano passado, teve acesso a parte de um orçamento que ultrapassou R\$ 191,3 milhões. Este valor foi destinado às pessoas que estão inativas na Paraíba, assim como Goreth que, após uma vida de trabalho, recebe mensalmente aposentadoria e pensão.

Aos 67 anos, a aposentada afirma que a sociedade subestima os idosos mais do que quis-

quer outras pessoas. No controle de sua vida financeira, Goreth cuida de seu dinheiro com responsabilidade e, por isso, goza de uma rotina saudável e sem preocupações. De acordo com a idosa, que se considera gastadora, o maior problema das pessoas é contrair dívidas que não terão como pagar: "Eu não tenho

Eu não tenho dívidas, tenho compromissos. E cumpro todos eles

Goreth Campos
Bibliotecária aposentada



dívidas, tenho compromissos. E cumpro todos eles", declara Goreth ao destacar que tem quase todas as contas mensais cadastradas em débito automático.

Segundo o especialista em educação financeira, Cássio dos Anjos, o comportamento da bibliotecária aposentada é o ideal para alcançar uma vida financeira saudável. Cássio destaca que as contas devem ser sempre menores que a renda.

"Dados do Banco Central demonstram que 56% dos aposentados recebem o benefício pelo Instituto Nacional do Seguro Social e 52% dos aposentados são os principais responsáveis pelas finanças da casa e, por isso, ter um orçamento fixo e equilibrado é imprescindível", afirma. Ainda de acordo com o educador financeiro, aproximadamente 8% da população endividada tem acima de 65 anos e quase metade afirma não sobrar dinheiro no fim do mês. Além disso, apenas 39% deles possuem reserva de emergência.

"As pessoas aposentadas precisam refletir para evitar o consumo impulsivo. Também é preciso aprender a identificar situações de abuso financeiro", aconselha Cássio.



Cautela com o crédito consignado

Com condições especiais, como juros mais baixos, agilidade na contratação e desconto direto no benefício previdenciário, a oferta de crédito consignado pode se tornar uma armadilha para os idosos. Devido aos diferenciais da modalidade, a empresa de análise de crédito Serasa, alerta a população sobre a necessidade de atenção na hora de contratar o serviço.

Viso como uma estratégia válida em momentos de dificuldades financeiras, o empréstimo consignado é um recurso utilizado, também, para a realização de sonhos antigos, como a compra de uma casa, por exemplo. De acordo com a gerente de eCred da Serasa, Amanda Rapouzo, apesar das condições sedutoras oferecidas pelo empréstimo, é necessário ter cuidado na hora da contratação.

"Além de pesquisar a idoneidade das empresas que oferecem esse modelo de empréstimo, o aposentado ou seus familiares devem mapear os eventuais riscos que envolvem a operação para, de fato, aproveitar as melhores oportunidades do mercado e as mais adequadas para o seu bolso", orienta a responsável pelo marketplace de crédito da Serasa.

Para o educador financeiro Cássio dos

Anjos, analisar empréstimos antes de contratá-los é muito importante, porque não são raras as ocasiões em que este público é alvo de taxas abusivas por possuírem pouco conhecimento do assunto.

Atenta ao que categoriza como "subterfúgios das empresas para enrolar os desavisados", Goreth Campos diz que é preciso desconfiar para evitar as armadilhas para o endividamento. "Tenho dois filhos e nenhum deles precisa cuidar do meu financeiro. Gosto de curtir a vida e, para isso, preciso estar atenta. Bancos, com seus empréstimos e cheques especiais, e empresas de telefonia, com suas contas cada dia maiores, não têm vez comigo", enfatiza a aposentada ao afirmar que, quando necessário, procura a Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado da Paraíba (Procon-PB).

Focada em seu bem-estar, Goreth conta que organiza o financeiro para poder desfrutar do que a vida lhe reservou. Dividida entre sessões de filmes em plataformas de streaming e visitas a museus, ela viaja sempre que pode. "Eu sou esperta, me viro sozinha. Quero viajar, vou. Quero trocar pontos, troco. As coisas mudam e a gente tem que mudar junto", constata.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Qual é a vocação econômica de João Pessoa? (Parte 2)

Semana passada eu republicuei aqui um artigo que escrevi há 12 anos e que à época causou uma certa polêmica e promoveu um debate entre os economistas paraibanos. O artigo perguntava qual era a vocação econômica da nossa capital, João Pessoa.

Passado esses anos sem que alguém me trouxesse uma resposta firme, eu mesmo estou me atrevendo a revelar e fechar de uma vez por todas a minha definição, com base no meu olhar de um "nativo" que mora aqui há pelo menos 41 anos ou um olhar estudioso ou de um turista.

No artigo que eu republicuei na passada, como já me penitenciei, algumas afirmações não correspondem mais a realidade de hoje, pois tudo evoluiu e João Pessoa cresceu e muito.

Citei por exemplo que o nosso turismo era tímido, não tínhamos indústrias importantes, contávamos com uma rede hoteleira precária e quase não tínhamos shoppings funcionando. Isso mudou? Claro e muito. Pulam aos nossos olhos. Não apenas pelo tamanho da sua população que hoje já ultrapassa os 800 milhões, mas pela presença de indústrias de importância

nacional e internacional. Por uma atuação forte do setor da construção civil que expandiu as áreas urbanizadas da nossa cidade em mais de 40%, em especial após o advento do programa Minha Casa Minha Vida e consequentemente forçou o setor público a investir em infraestrutura, saneamento e transporte público etc.

Segundo dados recentes do Banco do Nordeste, o estado da Paraíba tem se firmado bem em relação aos demais da região, crescendo seus indicadores sociais e econômicos e hoje podemos dizer que disputa o quinto lugar no PIB regional com o vizinho Rio Grande do Norte e pelo andar dos acontecimentos acredito que poderemos ultrapassar já nos próximos dois anos. As políticas públicas e sociais adotadas na última década pelo Governo Federal, com ênfase no Nordeste, em muito contribuiu para que a Paraíba pudesse usufruir da renda que circulou em nosso estado. "A soma de toda a riqueza produzida na Paraíba atingiu o montante de R\$ 41,2 bilhões, em 2012, o que significou um aumento de 66,7%, em termos reais, em relação ao valor registrado no início da série (2002), R\$ 24,7 bilhões. O referido

desempenho superou os resultados registrados no Nordeste e no Brasil, cujas economias obtiveram incremento real de 66,3% e 59,1%, respectivamente, no período analisado", apontou relatório do BNB.

Segundo o IBGE, em 2019 a PB atingiu a marca dos R\$ 68,0 bilhões, um aumento de 65% em sete anos.

Nesse contexto, João Pessoa logicamente e dentro do esperado por se tratar da capital do estado, é detentora da maior riqueza comparado aos demais municípios e usufruiu muito do crescimento do estado.

O PIB de João Pessoa representa 31% do Produto Interno Bruto estadual, se consolidando cada vez mais no cenário nordestino como uma das capitais em franco crescimento. Em cifras, segundos dados do IBGE de 2019, isso representa a preços correntes, R\$ 21 bilhões. E quem contribuiu muito para esse cenário foi o setor terciário (setor público, comércio e turismo), acompanhado por uma performance espetacular da construção civil. Mesmo com a chegada da pandemia no início de 2020, que atingiu o mundo e não apenas a

nossa capital, acreditamos que o cenário econômico ainda se portou bem favorável em 2020 e 2021, se considerarmos números divulgados recentemente pelo Sinduscon (Sindicato da Construção Civil) pelo volume de obras em andamento, de vendas e de empregos gerados em nossa João Pessoa.

Nos últimos dois anos fomos surpreendidos pela pandemia, já disse isso. Algumas coisas mudaram, mas a essência da nossa cultura econômica não mudou. Hoje eu posso responder sem nenhuma dúvida: a vocação econômica de João Pessoa está firmemente baseada no Setor Terciário (Turismo, Serviços e Comércio, nessa ordem). Apesar da presença de algumas grandes indústrias de porte nacional e internacional, a indústria da construção civil é quem se destaca tanto em termos de renda como na geração de empregos.

João Pessoa é uma cidade que tem uma forte vocação econômica em Turismo e Serviços e tem futuro para se tornar uma cidade de oportunidades de investimentos, de empreendedores e pra quem quer trabalhar.

O futuro está perto. O momento é oportuno e tem credibilidade para tal.

Inclusão de mães ainda é desafio para empresas



Foto: Freepik

Participação no mercado de trabalho de mulheres que possuem crianças com até 10 anos de idade recuou 7,7% na pandemia

Marina Dayrell
Agência Estado

Quando se olha para a participação das mulheres no mercado de trabalho, um dos grandes funis que se estabelece é o da maternidade. Ao lado das obrigações profissionais, surgem jornadas, muitas vezes, triplas, em que elas precisam dar conta dos filhos e do cuidado com a casa e a família. A pandemia do coronavírus deixou isso ainda mais explícito: sofreram e sofrem as que não puderam trabalhar de casa, enquanto as escolas e demais atividades recuaram, e, também, aquelas que fazem parte de menos de 10% da população brasileira que, segundo a Pnad Covid-19, ficaram em *home office*.

A pandemia fez com que o índice de participação de mulheres no mercado de trabalho atingisse o ponto mais baixo em 30 anos, considerando aquelas acima de 14 anos que trabalham ou estão procurando emprego. No último trimestre de 2020, o número ficou em 45,8%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre as mulheres com crianças de até 10 anos de idade em casa, houve um

recuo de 7,7% na atuação profissional.

Mas antes da Covid-19, a situação já não era satisfatória. De acordo com uma pesquisa realizada pela plataforma de empregabilidade Catho, com 2,3 mil pessoas em 2018, 30% das mulheres deixam o mercado de trabalho para cuidar dos filhos. Já entre os homens, o índice é de apenas 7%.

Pandemia

Índice de participação de mulheres no mercado de trabalho atingiu o ponto mais baixo em 30 anos

Os motivos para as mães estarem fora do mercado podem ir desde, por exemplo, uma demissão pela empresa após a estabilidade garantida pela CLT (a companhia não pode demitir no período que vai desde o descobrimento da gravidez até cinco meses após o parto) ou o próprio pedido de demissão por não ser possível encaixar a rotina

de um filho dentro de horários de trabalho inflexíveis e a ausência de políticas inclusivas para mães e pais na organização.

Após observar que muitas mães iam para o empreendedorismo por não conseguir uma vaga no mercado de trabalho, Daniela Scalco, que tem dois filhos, criou, em 2019, a ParentsIN, *startup* que conecta mães, pais e cuidadores a empresas. Em uma plataforma, as mulheres podem colocar seus currículos e as empresas selecionar candidatas. Além disso, a *startup* faz *workshops* de cultura inclusiva nas organizações para mapear barreiras e identificar soluções de baixo custo para serem implementadas na rotina da companhia.

O mapeamento do grau de maturidade de cada organização quanto às políticas de inclusão de mães e pais envolve um formulário que pode ser preenchido por qualquer funcionário. Há perguntas sobre demografia, políticas, benefícios e práticas, como a presença de programas de gestação, horários e jornadas flexíveis, estrutura para aleitamento materno e auxílio para despesas com babá ou creche.



Experiência em liderar e superar crises

No fim do ano passado, a Ambev Tech (*hub* de tecnologia da Ambev) fez processos seletivos em parceria com a ParentsIN para recrutar duas mães para ocuparem cargos de negócios. Segundo a recrutadora de tecnologia da empresa, Letícia Schmidt, o projeto ajudou a organização a avançar em uma de suas metas, a de ter mais mulheres em posições de liderança.

Uma das contratadas foi Élide Lisboa, agora Agile Master na Ambev Tech. Depois de tirar a licença-maternidade na empresa em que trabalhava, ela percebeu que não teria como voltar à rotina de trabalho com os cuidados da filha, hoje com cinco anos, e pediu demissão. "Foram dois anos bem intensos de cuidados e de total dedicação à educação e à maternidade que não foram fáceis", conta.

Após muitas candidaturas, Élide foi contratada em outra empresa. Apesar de bem recepcionada, diz que a maternidade não era fator determinante no ambiente de trabalho. "Foi isso justamente que pesou para mim, porque eu acabei me distanciando da minha filha, mas não daquela preocupação integral em relação a como ela estava."

Élide defende que as empresas precisam se preparar melhor para a volta

das mães ao mercado, adotando horários mais flexíveis. Durante o processo da Ambev Tech, ela precisou fazer uma apresentação quando a filha estava doente. Preferiu não remarcar e se apresentou com a criança no colo. "Eu achei que fui mal, estava meio desanimada, mas me ligaram falando que eu tinha passado. Foi incrível!".

No começo de 2021, a consultoria Beta Learning também fez o primeiro processo seletivo exclusivo para mulheres com filhos e preencheu uma vaga. Ao longo do recrutamento, a empresa percebeu que muitas das desejadas habilidades comportamentais (conhecidas como *soft skills*) estão presentes nelas.

"Esse processo foi muito importante para entender que criar um ser vivo é um baita conhecimento e que uma mãe que lidera uma casa

/// Criar um ser vivo é um baita conhecimento e uma mãe que lidera uma casa e a criação dos filhos pode usar essas habilidades para o dia a dia da empresa ///

e a criação dos filhos pode usar essas habilidades para o dia a dia da empresa. O gerenciamento que uma mãe tem de fazer para liderar e cuidar de várias coisas ao mesmo tempo pode ser ótimo na liderança de projetos, em cargos que cuidam de pessoas, que dão *feedback*, que estão próximos de gente. Uma mãe que está procurando emprego sabe lidar com o incerto", explica Gabriella Maffei, parceira de negócios da Beta Learning.

O que empresas e mães podem fazer?

Para ser um ambiente mais inclusivo para as mães, as empresas têm um longo caminho pela frente. Já as profissionais que desejam voltar ao mercado de trabalho podem pensar na pausa da licença como um período de aprendizado.

EMPRESAS:

- Criar ambiente acolhedor: para que mães e pais se sintam à vontade na organização, é preciso, primeiro, gerar espaços onde isso seja possível. "Uma boa forma de fazer isso é criando redes de apoio com mães e pais na empresa. Eles se apoiam, dividem experiências", explica Paula Sousa, da Mãellennials.

- Entender as configurações familiares: as famílias não são iguais e, por isso, têm necessidades diferentes. É preciso levar isso em conta quando for analisar demograficamente os funcionários da empresa.

- Rever benefícios e dar autonomia aos funcionários: há uma série de benefícios que facilitam a vida de uma mãe e de um pai e que os ajudam a ficar menos sobrecarregados, como auxílios para pagar creche ou cuidador. É importante não só criar, mas rever se os benefícios estão atingindo seus objetivos. "Existe um buraco enorme entre o que a liderança acredita que tem impacto e o que as pessoas sentem que têm esse impacto de verdade", conta Daniela Scalco, da ParentsIN.

- Maior flexibilidade de horários: uma empresa *parent friendly* (ou seja, amigável a mães e pais) é aquela que entende que a função dos dois é em tempo integral e que não se deixa em casa quando vai para o trabalho. Por isso, é importante que a organização ofereça a possibilidade de trabalho remoto, híbrido e flexibilidade de horários.

MÃES:

- Autoconhecimento: o primeiro passo é tentar entender o que você aprendeu desde que ficou grávida. Faça uma lista com esses itens. "Todas as pessoas que estão envolvidas no trabalho do cuidado desenvolvem habilidades humanas", explica Daniela.

- Pense em como esses novos conhecimentos podem te ajudar na carreira: as habilidades comportamentais, ou *soft skills*, são as queridinhas do momento no mercado de trabalho e ser mãe pode te ajudar a aprender várias delas, como, por exemplo, assertividade, capacidade de liderar, habilidade para tomar decisões com pouca informação, facilidade para delegar e liderança. "Como disse a Cristina Junqueira, do Nubank, ser mãe é o novo MBA. Muitos altos executivos usam os esportes para reforçar habilidades comportamentais. Cuidar de criança tem ganhos equivalentes", conta Daniela.

- Atualize seu currículo e LinkedIn: essas informações devem preencher o espaço que fica no currículo quando uma mãe tira uma licença ou fica fora do mercado de trabalho para cuidar dos filhos. No LinkedIn, quando for adicionar um novo cargo, é possível selecionar a opção 'autônomo' na área 'tipo de emprego' (assim, não será obrigatório listar uma empresa) e descrever o período da licença e o que aprendeu com ela. Caso não queira colocar como autônomo, tanto a ParentsIN quanto a Mãellennials emprestam seus nomes de empresas para que mães possam atualizar o perfil na rede social.

Paternidade não enfrenta obstáculos

Quando se fala em dificuldade para acessar o mercado de trabalho após um filho, é comum focar nas mães, pois, socialmente, ainda se atribui apenas a elas esse papel de cuidar. No entanto, grande parte das dificuldades que essas mulheres enfrentam para permanecer ou voltar ao trabalho também tem a ver com a forma como a paternidade é exercida e encarada pelas organizações.

"As mães sofrem o ônus da maternidade e os pais o bônus da paternidade. Elas têm menos chances de serem contratadas e suas competências são menos percebidas. A sobrecarga do cuidado leva ao *burnout*: mães têm mais tendência a passar por isso. Em relação aos pais, eles ficam com o bônus, há pesquisas que mostram que eles podem crescer e ter salários maiores após os filhos", explica Daniela Scalco, criadora da *startup* ParentsIN.

A própria adoção das licenças maternidade e paternidade é uma amostra da visão social de quem é, em teoria, responsável pela criação dos filhos. Pela lei, são concedidos 120 dias para mães e cinco dias para pais, com opção da empresa aderir ao programa Empresa Cidadã e oferecer 180 dias e 20 dias,

respectivamente. Diante disso, tem cabido às organizações criarem suas próprias licenças, como a licença parental, que serve para homens e mulheres com filhos e prevê o mesmo período de tempo, sendo comum chegar a seis meses.

No entanto, Daniela chama a atenção para o fato de que, além de criar a licença estendida e uma cultura inclusiva, é papel da empresa conscientizar os funcionários para que eles façam uso da licença. "Em muitos casos, são poucos os pais que aderem e a sobrecarga continua na mulher. As responsabilidades precisam ser equiparadas, a licença de cuidado precisa ser equiparada tanto em duração quanto em participação e responsabilidade. Legitimar essas escolhas triplica o fator de retenção profissional".

Uma pesquisa feita na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, nos Estados Unidos, mostrou que mães e pais enfrentaram desafios para reingressar ao mercado. O estudo comparou candidatos que estavam empregados com outros que se afastaram para cuidar dos filhos ou estavam desempregados. Entre os que se afastaram para cuidar dos filhos apenas 5% receberam o interesse das empresas, contra 15% dos que já estavam empregados.

/// As mães sofrem o ônus da maternidade e os pais o bônus da paternidade. Elas têm menos chances de serem contratadas e suas competências são menos percebidas ///



Como a reforma do prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves (na Praça Dom Ulrico) para abrigar o PTHI está iniciando, a incubadora virtual dará andamento às atividades



Parque Tecnológico chega para requalificar o Centro da capital

Atividades vão motivar ações e soluções para uma região que possui um dos mais importantes patrimônios históricos do Brasil

Márcia Dementshuk
Especial para A União

No Centro de João Pessoa, o perfil de um leão em cobre gira agarrado a um cajado, indicando a direção do vento. Invisível a quem “não olha para cima”, o cajado, um dos símbolos das igrejas beneditinas, está no alto da torre da Igreja de São Bento, estilo barroco, construída no século XVII. Contudo, mais imperceptível ainda são os registros históricos da população pobre, trabalhadores que habitavam nessa região da antiga Filipeia; ficaram escondidos sob os remanescentes arquitetônicos que resistiram à degradação pelo tempo. É com essa visão holística, atemporal, que as primeiras propostas de atividades do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação entram em ação, motivando reflexão e soluções para requalificar uma

das regiões cujo patrimônio histórico é um dos mais importantes do Brasil.

Professor do Departamento de História na Universidade Federal da Paraíba, Ângelo Emílio da Silva Pessoa considera que o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação vai “viver” em um lugar não marcado por prédios antigos, “mas por expressões materiais de vidas passadas que direcionaram a cidade até o ponto atual”. Pessoas que ergueram essas edificações andaram por ruelas e caminhos da Filipeia, moravam em palhoças ou se abrigavam em grutas abertas entre as árvores para dormir.

“Quem não sabe de onde vem, não sabe pra onde vai”, lembra o professor Ângelo. A cidade de João Pessoa teve seu núcleo urbano original no lado oeste, às margens do Rio Sannhauá. Depois se expande para

o leste e para o sul. Nesta área à oeste se localiza atualmente o Centro Histórico, com monumentos e prédios tombados pelo patrimônio histórico. A arquitetura contemporânea se desenvolveu nos bairros mais próximos à praia.

“As humanidades precisam dialogar com a vida prática e presente, a partir de uma escala de tempo densa que deverá apontar orientações para o tempo presente”, ressalta o professor. Por outro lado, “a técnica que não considerar essa dimensão da temporalidade, da tradição e do que é herdado – para o bem ou para o mal – se torna uma técnica fria, distanciada e muitas vezes nociva”, complementa, fazendo uma relação entre a tecnologia e a história.

Com o propósito de “Redescobrir os tesouros do Centro de João Pessoa: economia,

arte e tecnologia em um distrito de inovação, compreendendo o entorno do Parque Tecnológico de Horizontes da Inovação”, está em andamento dois concursos promovidos pela Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), no âmbito do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação: o “Programa Ouse Criar – Edição Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI)” e o “Concurso Ideias Inovadoras 2021 - Requalificação do Centro Histórico de João Pessoa”, que conta com apoio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae-PB.

O “Ouse Criar – PTHI” está em curso, é direcionado para estudantes do Ensino Médio (E.M.) das escolas estaduais localizadas no Centro de João

Pessoa; são sete escolas, cada uma com uma equipe; o desafio é criar soluções que estimulem, valorizem e potencializem o Patrimônio Histórico e Artístico do Centro. No “Ideias Inovadoras” concorreram desde estudantes do E.M. até pós-graduandos e inventores independentes; as propostas inscritas já foram avaliadas e os premiados já foram divulgados, no site da Fapesq-PB. Os projetos receberão prêmios em dinheiro e capacitações pelo Sebrae-PB, de maneira que o projeto se desenvolva e possa alcançar o patamar do empreendedorismo.

Neste ponto está planejada uma terceira atividade do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), que é a Incubadora Virtual. “A ideia é que a incubadora do PTHI possa iniciar mentorias para a construção de empresas”, explica Francilene Procópio Gar-

cia, coordenadora do Projeto do PTHI. “A intenção é de que os projetos do Ouse Criar e do Ideias Inovadoras possam continuar sendo auxiliados com mentorias para estudos de viabilidade na transformação desses projetos em negócio. Consideramos que essas ideias possam ser uma sementinha para que, ao final, esses projetos estejam à disposição da sociedade”, revela Francilene.

Como a reforma do prédio do antigo colégio Nossa Senhora das Neves (na Praça Dom Ulrico) para abrigar o PTHI está iniciando, a incubadora virtual dará andamento às atividades. Os processos serão realizados em uma plataforma digital. Segundo Francilene Procópio, a Incubadora Virtual PTHI contará com recursos para o atendimento de startups no início do estudo de viabilidade de formação de empresas.

+ Governo promove reflexão e soluções para valorizar o patrimônio histórico

O modelo de realização do Edital Ouse Criar – Parque Tecnológico Horizontes de Inovação promove uma sinergia entre estudantes do Ensino Médio da rede estadual, do Centro Educacional de Inovação e Tecnologia (Inotech), da graduação em História, pós-graduandos e professores da rede estadual de ensino e da universidade: instituições diferentes, pessoas

de várias gerações; uma diversidade de ideias e percepções que podem aparentar o caos, mas é desse exercício dialógico que se formam ideias consistentes.

Teve início em outubro de 2021. Além de ter um professor mentor para cada equipe, elas contam com a mentoria de um professor e um estudante da Inotech (Escola de Informática do Estado), bem como de um

estudante do curso de História da UFPB. A proposta é que essas equipes entrem em contato tanto com a linguagem digital quanto com a formação histórica do Centro.

As equipes irão encontrar problemáticas, desenvolver e propor soluções para os sete eixos sugeridos no edital: Patrimônio Histórico, Mobilidade Urbana, Iluminação Pública,

Habitação, Economia, Turismo Sustentável e Segurança Pública. Neste momento os estudantes estão na fase de desenvolvimento de “personas” que servirão para simularem a aplicação das ideias e verem a sua viabilidade. Depois disso, será a etapa de Prototipagem na qual será desenvolvido um protótipo da ideia e construído uma espécie de maquete.

“Ao final do projeto, esperamos que os estudantes e professores entrem em contato com uma formação holística sobre a temática, ao mesmo tempo em que entendam e valorizem a história do Centro Histórico de João Pessoa, bem como de seus moradores”, avalia Thiago Silveira, da SEECT, que está coordenando a realização do edital.

Requalificação da região central de JP deve ser inclusiva, diz professor

“Quando o pipoqueiro dialogar com o leão nós, finalmente, teremos uma cidade de cidadãos”. O professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Doutor em História, apresentou essa metáfora sobre a percepção para um processo inclusivo de requalificação do Centro de João Pessoa. O local sofreu um esvaziamento, em termos, de moradores. Ao longo dos anos não houve uma readequação das condições de moradia. “É necessário uma política habitacional que contemple o morador local, o trabalha-

dor que já está lá e melhore suas condições de moradia e de capacitação profissional, além de atrair uma população trabalhadora que se interesse e aspire aquele lugar”, frisa o professor.

Há um projeto em construção na área da tecnologia, o PTHI, que promoverá uma sinergia com a área tombada. O desafio é trazer de volta a vida cotidiana sem expulsar as pessoas que já estão morando lá.

O patrimônio remanescente grandes conventos, mo-

numentos – dá a impressão de que à época vivia uma sociedade muito rica. Mas o professor Ângelo lembra que não: “Era uma sociedade onde viviam escravos, trabalhadores operários, morando em palhoças. Mas os traços dessa população pobre foram desaparecendo e não encontramos registros delas.”

“Encontrei em um documento da Câmara a narrativa de uma briga por água, no século XIX: havia uma cacimba com água onde as pessoas pobres se abasteciam

e o padre passou a cobrar, porque estaria nos territórios da igreja. Acabou gerando um desentendimento. É assim que encontramos os flashes da população pobre andando pela cidade”, afirma Ângelo Emílio.

“As construções da elite eram de pedra e cal, que resistiram a deterioração. Isso não quer dizer que não existissem palhoças. As redondezas da atual Rua Irineu Pinto era chamada de Rua da Palha, porque se concentravam casbres com telhado de palha.

A Rua Beaurepaire Rohan era a Rua do Melão, onde havia comércio de frutas”.

Atualmente, essa população trabalhadora transita e reside no Centro. Chamá-la para dialogar e buscar desenvolver suas vocações e potencializá-las é fundamental para que essas pessoas possam se desenvolver com o desenvolvimento do bairro. Essa é história do diálogo do pipoqueiro com o leão do Mosteiro de São Bento, é uma questão de cidadania.



Série de selos postais destaca os insetos benéficos à natureza

Ligada à educação ambiental voltada ao público infantil, a coleção apresenta animais como abelha, louva-a-deus e joaninha

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Abelhas, libélulas, mi-crovespas, rola-bosta, louva-a-deus e joaninhas. Esses são alguns espécimes da natureza que foram representados, de forma lúdica e traços específicos para personagens infantis, na coleção de selos "Insetos benéficos", criado no final do ano passado pelos Correios e Telégrafos em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Meio-Norte – do Piauí. A iniciativa está ligada diretamente à educação ambiental voltada para crianças.

Os selos começaram a circular no mercado em dezembro, mas segundo a engenheira agrônoma Fábria de Mello Pereira, pesquisadora da Embrapa Meio-Norte, que participou do projeto, há o intuito de retomar a divulgação dos selos com as crianças no período da volta às aulas, realizando campanhas nas escolas. Outra proposta é a de levar este público para visitar a sede da Embrapa Meio-Norte, para que os alunos possam conhecer de perto esses animais, mas tudo vai depender de algumas definições, inclusive sobre o avanço da Covid-19 no país.

Fábria Pereira contou que a equipe da Comissão de Divulgação do projeto ainda pensa em elaborar material para colorir, estórias em quadrinhos e até jogos infantis para tentar atrair a atenção das crianças. Mas as propostas estão em discussão.

Segundo ela, a coleção de selos "Insetos benéficos" é uma forma de conscientizar os meninos e meninas sobre a importância dos insetos, desmistificando a ideia de que eles são maléfi-cos ao homem e ao meio ambiente. "Quando se pensa em insetos vêm logo à mente o medo, o fato de que eles tra-

zem doenças e que devemos exterminá-los. É importante conscientizarmos as crianças para que elas cresçam sabendo que há insetos que são extremamente benéfi-

Coleção foi lançada pelos Correios e Telégrafos em parceria com a Embrapa Meio-Norte do Piauí e cada exemplar custa R\$ 1,80

cos ao meio ambiente e ao ser humano", declarou Fábria.

Dependendo do tipo, esses seres desenvolvem relevantes papéis na natureza, pois ajudam na produção de alimentos, propagação da vegetação, controle biológico e preservação ambiental.

Fábria Pereira, que ajudou na seleção dos insetos que iam ser representados nos selos, explicou que um dos critérios adotados nessa escolha foi o de ressaltar espécimes que, de alguma forma, trouxessem benefícios à natureza e ao ser humano. Um dos grupos destacado foi o de insetos produzidos em biofábricas no Brasil, e que

são comercializados para contribuir com o agronegócio, desempenhando papéis como o controle natural de pragas. "Isso ajuda a reduzir o lançamento de agrotóxico no meio ambiente", frisou a pesquisadora, citando, como exemplo, a microvespa.

A abelha, por sua vez, auxilia na polinização e na produção de alimentos, já a libélula ajuda no controle biológico de pragas ou de insetos que transmitem doenças, como o mosquito da dengue.

De uma forma geral, os insetos escolhidos auxiliam o homem de forma direta ou indiretamente.

+ Cada animal foi pesquisado e retratado com uma característica peculiar

O projeto da coleção de selos "Insetos benéficos" partiu da Comissão Filatélica dos Correios e Telégrafos. "Eles nos procuraram para ajudar a selecionar os insetos e elaborar o material de conscientização", afirmou a pesquisadora da Em-

brapa Meio-Norte, Fábria de Mello Pereira. Ela explicou que, para ser atrativo para o público infantil, o selo foi criado de forma lúdica, com representações artísticas de forma humanizada.

Na imagem do rola-bosta, por exemplo, o besouro apa-

rece fazendo malabarismo. Cada selo, também traz uma característica do inseto. No caso do desenho da abelha está escrito "polinizador", no selo do louva-a-deus vem "controle biológico". Na elaboração dos desenhos, foram utilizadas as

técnicas de aquarela e lápis de cor para as ilustrações que foram aplicadas em computação gráfica, combinando recursos de softwares vetoriais e tratamento de imagem digital.

De acordo com a pesquisadora, o texto do edital referente

ao projeto também foi escrito de forma descontraída, com uma linguagem infantil.

Cada selo custa R\$ 1,80. O processo de impressão off-sete e verniz foi realizado na Casa da Moeda e cada folha dispõe de 24 selos.

SAIBA MAIS

■ Termo biofábricas se refere à estrutura de produção e laboratório responsáveis pela criação de microrganismos com determinada finalidade. Esses seres podem ser mudas vegetais, bactérias ou fungos, que podem manter o controle biológico de pragas e doenças ou agir como indutores de resistência e estimuladores de plantas, entre outras funções. Projetos do tipo são uma realidade graças à evolução da engenharia genética.

■ Nesse projeto, os Correios e Telégrafos, por meio da área da Filatelia, homenageiam os 30 anos do Tratado de Assunção, que resultou no Mercado Comum do Sul (Mercosul), possibilitando, dentre diversas atividades, a criação das Emissões Filatélicas com Temática Comum.





Foto: Marcos Russo

Foto: Guilherme Drovos/Botafogo



PARAIBANO DE 2022

CINCO DIAS PARA A BOLA ROLAR

Competição volta a ter 10 equipes e começa na próxima quinta-feira, com duas partidas

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Começa na próxima quinta-feira (3) a 112ª edição do Campeonato Paraibano de Futebol, principal competição da 1ª divisão do futebol do estado. Dez equipes vão disputar o título estadual, diferente do ano passado quando apenas nove brigaram pelo título. A competição também vai garantir vagas para os clubes paraibanos disputar os principais torneios regionais e nacionais do país. Os finalistas garantem participações na Copa do Brasil de 2023. O campeão vai direto para fase de grupos da Copa do Nordeste, enquanto o vice participa da fase preliminar do torneio. A competição também garante duas vagas para equipes paraibanas no Campeonato Brasileiro Série D de 2023.

Maior campeão estadual (30 títulos), o Botafogo chega para reconquistar a hegemonia perdida há duas temporadas. O clube passou por uma reformulação no elenco, perdendo jogadores importantes como o zagueiro Willian Machado, o volante Juninho e o meia Marcos Aurélio. Em contrapartida, se reforçou com as chegadas do zagueiro Leandro Camilo, Anderson Paraíba e o atacante Siló.

Já o Campinense vai defender o bicampeonato consecutivo. A Raposa manteve a base que conquistou o Paraibano de 2021 e o vice do Brasileiro Série D. Renovou com o ídolo, o goleiro Mauro Iguatu, e com o goleador Olavo. O rubro-negro também se reforçou com o meia Juninho, ex-Botafogo. A última contratação anunciada pelo clube foi o zagueiro Vinicius Santana.

Entre os clubes do chamado "Trio de Ferro", o Treze é quem terá o maior desafio. O Galo tem no seu calendário oficial apenas a disputa do Campeonato Paraibano. O clube enfrenta uma crise financeira, em função de processos por dívidas trabalhistas. A atual diretoria trabalha na reestruturação administrativa e esportiva. Para a disputa do Estadual foi anunciado um pacote de 24 atletas com a missão de retornar as competições nacionais.

"Montamos um time dentro do atual limite financeiro do clube. O grupo de atletas e membros de comissão técnica que aqui estão foram selecionados com a missão de reerguer o Treze e colocá-lo em cenários das disputas nas principais competições regionais e nacionais. O primeiro passo é buscar a conquista do Campeonato Paraibano. Sou ciente dos atuais problemas administrativos que estamos enfrentando e a ajuda financeira do torcedor trezeano tem sido fundamental para que possamos honrar os compromissos. Não tenho vergonha alguma de pedir ajuda ao torcedor, pois ele é quem nos impulsiona dentro e fora de campo para tornar o Treze ainda maior", pontuou Olavo Rodrigues, presidente do clube.

O Auto Esporte volta a participar da competição depois de ter disputado a 2ª divisão no ano passado. O alvirrubro chega para tentar o título no ano que simboliza o aniversário de 30 anos, desde a conquista do último título estadual. O time tem Jazon Vieira no comando técnico, conta com a experiência do meia Eneerico e com o retorno do atacante Rafael Freitas.

Sertão mais forte
No Sertão, o Sousa vem embalado pela bela campanha na temporada passada. O "Dinossauro" foi vice-campeão paraibano e conseguiu participação na Copa do Brasil e a vaga na fase de grupos da Copa do Nordeste, voltando a disputar o torneio depois de nove anos. Para a disputa do Paraibano manteve parte do elenco. Conta com os retornos do meia Esquerdinha, do atacante Arthur e do lateral-direito Iranilson. Em busca de seu 3º título, o alviverde será comandado pelo técnico Tardely Abrantes, um jovem e ex-jogador do clube.

/// **Acredito que nesta temporada podemos ter alguma surpresa, pois o nível técnico do futebol paraibano está bem nivelado. Creio que o campeão não virá do grupo do chamado 'Trio de Ferro'** ///

O Nacional de Patos, às vésperas do início do Campeonato Paraibano, entrou numa grave crise financeira com os jogadores se recusando a treinar na última quinta-feira e, até o momento, sem nenhum jogador registrado no BID da CBF. Dirigentes estão se mobilizando para contornar a situação para que o "Canário do Sertão" não seja prejudicado.

O Atlético, por sua vez, é o clube que é dono do maior jejum de títulos entre os clubes do Sertão. O Trovão quer conquistar o título que não vem desde 2002. A diretoria

formou um elenco com 29 atletas e crê na possibilidade da reconquista do Estadual nesta edição.

"O nosso trabalho tem sido desenvolvido com muito foco e compromisso. Dentro de nossas limitações financeiras, monitoramos e contratamos o que entendemos ser o melhor para o Atlético. Nosso objetivo, a princípio, é de conseguir calendário para as disputas do próximo ano, sem esquecer de lutar pela conquista de nosso segundo título", comentou o presidente Paulo Albuquerque.

Entre os dez clubes na disputa, apenas três ainda não conseguiram o título no Estadual, CSP, São Paulo Crystal e Sport Lagoa Seca. Ambos tentam nesta edição, fazer história e entrar na galeria de clubes campeões do futebol paraibano.

"Acredito que nesta temporada podemos ter alguma surpresa, pois o nível técnico do futebol paraibano está bem nivelado. Creio que o campeão não virá do grupo do chamado 'Trio de Ferro'. Temos condições de fazer uma boa campanha, se classificando entre os primeiros colocados de nosso grupo. A nossa pretensão é de ficar nas primeiras colocações para adquirirmos calendário para o próximo ano", disse Júlio Rocha, supervisor de futebol do Sport Lagoa Seca.

O CSP, comandado por Josivaldo Alves, aposta nos garotos formados na base e no elenco que conseguiu o acesso, com destaque para o lateral Igo, o atacante Júnior Mandacaru e o goleiro Wallace. "Vai ser um campeonato difícil, mas acreditamos que nossa equipe tem condições de ir bem longe na disputa", disse Josivaldo. Já

o São Paulo Crystal também segue a mesma filosofia do CSP com jogadores formados nas categorias de base. Vai disputar o Brasileiro da Série D e com o time superior ao do ano passado, agora comandado pelo técnico Ederson Araújo. Vem de dois bons resultados em amistosos quando empatou com o Treze em 0 a 0 e venceu o Sport Lagoa Seca por 1 a 0, ambos em Campina Grande.

Os jogos agendados para a primeira rodada do Paraibano são: Atlético x Botafogo, Auto Esporte x Sousa, Campinense x Nacional de Patos e Sport Lagoa Seca x Treze. Na sequência o CSP estreia contra o Campinense. Já o Sport Crystal vai enfrentar o Botafogo, jogando fora de casa.

Nesta edição, os clubes foram divididos em dois grupos. No A estão Atlético, Auto Esporte, Botafogo, São Paulo Crystal e Sousa. No B estão CSP, Campinense, Nacional de Patos, Sport Lagoa Seca e Treze. Segundo o regulamento, na primeira fase, os times de cada grupo se enfrentam entre si, em partidas de ida e volta.

Os últimos colocados de cada chave serão rebaixados para a 2ª divisão de 2023. Já o primeiro colocado de cada grupo avança direto para as semifinais. Os outros dois semifinalistas serão conhecidos na disputa por repescagem. O segundo colocado do grupo A enfrenta o terceiro do grupo B e o segundo do B enfrenta o terceiro do A. Os vencedores de cada duelo garantem vaga nas semifinais. O campeão será conhecido em jogos disputados em ida e volta, com decisão nos pênaltis, - em caso de empate por saldo de gols, nos dois confrontos.

Maior vencedor do Campeonato Paraibano, o Botafogo somente estreia no dia 9 de fevereiro, contra o São Paulo

TABELA DA PRIMEIRA FASE DO ESTADUAL

- **1ª rodada**
3/2
Campinense x Nacional
Atlético x Botafogo
Auto Esporte x Sousa
5/2
Sport LS x Treze
- **2ª rodada**
6/2
CSP x Campinense
7/2 -
Atlético x Auto Esporte
8/2
Nacional x Sport LS
9/2
Botafogo x SP Crystal
- **3ª rodada**
12/2
Treze x CSP
13/2
SP Crystal x Atlético
22/3
Sousa x Botafogo
22/3
Sport LS x Campinense
- **4ª rodada**
16/2
Nacional x CSP
17/2
Auto Esporte x SP Crystal
13/3
Campinense x Treze
Atlético x Sousa
- **5ª rodada**
2/3
SP Crystal x Sousa
3/3
CSP x Sport LS
6/3
Treze x Nacional
12/3
Botafogo x Auto Esporte
- **6ª rodada**
9/3
Sport LS x CSP
Auto Esporte x Botafogo
10/3
Sousa x SP Crystal
Nacional x Treze
- **7ª rodada**
15/3
CSP x Nacional
16/3
Treze x Campinense
Sousa x Atlético
17/3
SP Crystal x Auto Esporte
- **8ª rodada**
7/3
Atlético x SP Crystal
25/3
Campinense x Sport LS
26/3
CSP x Treze
27/3
Botafogo x Sousa
- **9ª rodada**
28/3
Auto Esporte x Atlético
29/3
Sport LS x Nacional
30/3
Campinense x CSP
31/3
SP Crystal x Botafogo
- **10ª rodada**
2/4
Treze x Sport LS
Nacional x Campinense
3/4
Botafogo x Atlético
Sousa x Auto Esporte

Copa de Águas Abertas terá a participação de 260 atletas

Competição, que será disputada na Praia do Bessa, contará com 30 clubes de oito estados nos dias 5 e 6 de fevereiro

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A Copa Brasil de Águas Abertas - Troféu Ana Marcela Cunha, contará com a participação de 260 atletas de 30 clubes provenientes de oito estados da Federação. A informação foi passada pela Federação de Esportes Aquáticos da Paraíba (Feap) que realiza a competição junto à Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), abrindo a temporada nacional de 2022 da modalidade. As inscrições foram encerradas no último dia 24.

“É a primeira vez que realizamos este tipo de evento, com essa grandeza. Será com certeza uma experiência muito boa, até para incentivar outros eventos locais. Estamos ansiosos e torcendo para que tudo funcione bem”, afirmou Antônio Meira, vice-presidente da Feap.

A Copa Brasil de Águas Abertas é voltada para atletas que vão da categoria Petiz à categoria Sênior M (11 anos acima). A competição acontece em paralelo ao I Troféu Ana Marcela Cunha, este voltado para os nadadores de 7 a 12 anos de idade.

As provas vão dos 500 metros aos 5 quilômetros, sendo os percursos de 500 e mil metros para atletas de 7 a 12 anos e 1,5 km, 2,5 km e 5km para nadadores de 11 anos acima (incluindo masters). Medalhas, certificados e troféus serão oferecidos aos ganhadores. No sábado, 5, as provas começam às 7h20 com a largada dos 2,5 quilômetros masculino da Copa Brasil já a última disputa do dia tem largada às 9h25 com os 500 metros do Troféu Ana Marcela nas categorias Mini Mirim e Pré Mirim Feminino. No domingo, 6, às 7h20 acontece a largada dos cinco quilômetros masculino da Copa Brasil já a última disputa do dia, a prova de um quilômetro feminino do Troféu Ana Marcela, tem largada às 10h10.

As premiações, troféus e medalhas, contemplarão os atletas por categoria e sexo. Haverá entrega de troféus para as equipes colocadas entre as três melhores de cada categoria. A Copa Brasil de Águas Abertas - Troféu Ana Marcela Cunha, acontece nos dias 5 e 6 de fevereiro, na Praia do Bessa em João Pessoa.



Foto: Satiro Sodré/rededoesporte.gov.br

A Copa de Águas Abertas que será realizada em João Pessoa tem como prêmio o Troféu Ana Marcela, em homenagem à atleta medalhista olímpica do Brasil

Aberto da Austrália

Rafael Nadal enfrenta Medvedev na final e pode estabelecer um novo recorde

Agência Estado

A decisão da chave de simples masculina do Aberto da Austrália, o primeiro Grand Slam da temporada, em Melbourne, será entre Rafael Nadal e Daniil Medvedev neste domingo, às 5h30 (horário de Brasília). Campeão do torneio em 2009 e vice em outras quatro edições, o espanhol dominou do início ao fim a partida contra o italiano Matteo Berrettini, na primeira semifinal e marcou as parciais de 6/3, 6/2, 3/6 e 6/3 para alcançar a sua 29ª final de Major e a sexta

na Austrália. Também em quatro sets, o russo fez 7/6 (7/5), 4/6, 6/4 e 6/1 contra o grego Stefanos Tsitsipas.

Aos 35 anos, Nadal tenta conquistar o seu 21º troféu de Grand Slam, o que faria dele um recordista isolado em número de títulos, superando as 20 conquistas dos rivais Roger Federer e Novak Djokovic. O sérvio e o suíço têm duas finais de Grand Slam a mais que o espanhol.

A vitória também foi especial para Nadal por outros dois motivos. Ele comemorou seu triunfo de número 500 em quadras de

pisos duros e o 75º no Aberto da Austrália. O ex-número 1 do mundo e atual quinto colocado busca o seu 90º título no circuito profissional e o segundo na temporada. Há três semanas, venceu um ATP 250 também disputado em Melbourne.

Nadal tem nove vitórias seguidas neste começo de 2022, situação contrastante com o fato de a presença do espanhol ter sido colocada em dúvida antes do torneio, primeiro pela lesão no pé esquerdo que comprometeu seu desempenho durante todo o segundo semestre de 2021 e depois pelo recente

diagnóstico de Covid-19 em dezembro.

Adversário de Nadal na final marcada deste domingo, Medvedev terá de superar um retrospecto negativo contra o espanhol no circuito profissional. O atual número 2 do mundo só venceu uma vez em quatro confrontos até o momento - uma das derrotas foi na decisão do US Open de 2019.

A segunda semifinal foi das mais movimentadas, teve dois adversários jogando um tênis incrível nos dois primeiros sets, um “showzinho” de Medvedev com a arbitragem no fim da

segunda parcial e terminou com uma vitória imponente do russo na reta final após 2 horas 33 minutos.

Vice no ano passado - perdeu para Djokovic -, Medvedev tentará um feito ainda inédito no circuito desde o começo da Era Aberta, podendo se tornar o primeiro a faturar um Grand Slam logo no evento seguinte a seu primeiro título deste porte, algo que só aconteceu no feminino. A última a alcançar tal feito foi a japonesa Naomi Osaka, ao faturar o US Open de 2018 e o Aberto da Austrália de 2019.

Foto: Divulgação/USOPEN



O espanhol Rafael Nadal pode conquistar seu 21º Grand Slam se conseguir derrotar o russo Daniil Medvedev na decisão do Aberto da Austrália, nas primeiras horas deste domingo

Fortaleza é mais um grande desafio, hoje, para o Sousa

Na história dos confrontos entre as equipes, os cearenses se saíram melhor e venceram duas vezes pela Copa do NE

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Foto: Jeffersonemanoel/Sousa

O Sousa volta a entrar em campo hoje, às 18h, no Estádio Castelão, para encarar o Fortaleza, na capital cearense, pela sequência da segunda rodada da Copa do Nordeste. O alviverde vem embalado depois da vitória frente ao CSA-AL, no último fim de semana, pela estreia da competição. Para os cearenses será a primeira partida oficial na temporada.

Na história do confronto entre as duas equipes, melhor para o Fortaleza. No Castelão, vitória por 3 a 0, já no Marizão, o placar foi 1 a 0 para o "Leão". Os dois jogos, coincidentemente, foram disputados na Copa do Nordeste de 2013, ano que marcou a 1ª participação do Sousa no torneio. Naquela edição, as duas equipes disputaram a competição pelo grupo B, que também contava com o Confiança-SE e Sport-PE.

Mesmo jogando fora de casa, o vice-campeão paraibano de 2021, comandado pelo técnico Tardelly Abrantes, vai tentar somar pontos para continuar brigando na ponta da tabela. O treinador do "Dinossauro" admite admirar o trabalho do técnico adversário, ao mesmo tempo, mas segundo ele, a ideia é de montar um esquema tático capaz de trazer na bagagem, um bom resultado para sua equipe.

"Eu admiro e estudo o trabalho de Vojvoda, é um trabalho que enche os olhos ao ver a competitividade e a forma que ele faz o time jogar. Mas evidentemente que estudamos as qualidades e as deficiências de nosso ad-



Jogadores do "Dinossauro" nos últimos ajustes para o grande desafio deste domingo diante do Fortaleza, no Estádio Castelão, às 18 horas

versário. Vamos entrar focados na partida que pode ser decidida no detalhe. Mesmo sabendo que vamos enfrentar uma das maiores equipes do Brasil, acredito na dedicação de meus atletas para que possamos conseguir um bom resultado", comentou o comandante sousense.

O adversário do Sousa

tem o comando técnico do argentino, Ruan Pablo Vojvoda. O treinador está há oito no clube, e nesse período já fez história. Em 2021, ele levou o clube à 4ª colocação do Campeonato Brasileiro Série A, melhor classificação da história do clube, que pela primeira vez também vai disputar a Copa Libertadores da

América, nesta edição. O treinador quer começar bem na Copa do Nordeste para dar sequência ao bom trabalho realizado na equipe leonina.

"Já consegui grandes feitos no clube. Esse ano será uma temporada importante e mais desafiadora que a do ano passado. Compreendo as expectativas dos torcedores

por grandes conquistas. Taremos cinco competições para disputar e quero iniciar bem a Copa do Nordeste para continuar com o bom trabalho e planejamento de bons resultados ao longo da temporada", pontuou Vojvoda.

Na Copa do Nordeste, o Sousa está no grupo B ao lado de CRB-AL, Altos-PI, Náutico

-PE, Bahia-BA, Botafogo-PB, Ceará-CE e Floresta-CE. Com três pontos, o Sousa divide a liderança do grupo com o CRB-AL. No grupo A com Atlético-BA, Campinense-PB, Fortaleza-CE, Globo-RN, Sampaio Corrêa-MA, Sergipe-SE, Sport-PE e CSA-AL. O confronto de hoje marca a estreia da equipe cearense na competição.

Treze tem Presidente Vargas liberado para treinos

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Visando a preparação para a disputa do Campeonato Paraibano, o Treze realizou todo seu trabalho de pré-temporada no município de Queimadas, Região Metropolitana de Campina Grande, devido a realização de reformas no Estádio Presidente Vargas, principal praça de Centro de Treinamentos do clube. No entanto, a diretoria alvinegra adiantou as reformas e conseguiu a liberação para a realização dos treinos da equipe no PV. Agora, às vésperas do início da com-

petição, os comandados de Flávio Barros podem treinar no PV e finalizar os ajustes, antes da estreia no Estadual.

De acordo com o diretor de patrimônio no clube, Paulo Guimarães, o próximo passo é conseguir a liberação para o Treze consiga realizar seus jogos como mandante no Campeonato Paraibano, também no PV.

"Finalmente o PV ficou pronto para treinamentos com uma grande contribuição financeira do torcedor trezeano. O nosso objetivo agora é também conseguir a liberação para que possamos jogar as nossas partidas pelo Campeonato Paraibano. Restam alguns ajustes técnicos recomendados pelo Corpo de Bombeiros. Cumprindo essas exigências, podemos sim realizar jogos oficiais em nossa praça esportiva", pontuou.

Pensando na estreia do Estadual, o clube anunciou a chegada de dois reforços, o atacante Jeffinho e o volante Renato Conceição, que chegam para suprir uma baixa

As atividades dos jogadores passaram a ser realizadas no Estádio Presidente Vargas após a reforma do gramado



Foto: @cassiano13oficial

inesperada no elenco do alvinegro. O clube perdeu o volante João Victor após uma lesão grave em um dos ligamentos do joelho direito. O atleta passou por uma cirurgia para a reconstrução do ligamento cruzado anterior do joelho direito. De acordo

com o médico do clube, a cirurgia foi bem-sucedida e a previsão da volta do jogador aos gramados é de aproximadamente de sete meses.

"O atleta já havia passado por uma cirurgia no mesmo local. Com essa nova contusão, foi neces-

sário outra cirurgia para reconstrução do ligamento cruzado anterior. O processo foi tranquilo, iniciamos o trabalho de fisioterapia e reestruturação do atleta. A previsão é de que sua recuperação ocorra em torno de sete meses", confirmou o

médico Alisson Almeida.

No Campeonato Paraibano, o Treze está no grupo B com CSP, Sport Lagoa Seca Campinense e Nacional de Patos. O Galo vai estreiar contra o Sport Lagoa Seca, como visitante, em Campina Grande, no dia 5 de fevereiro.

7 meses

será o prazo de recuperação do jogador João Victor, que passou por uma cirurgia

COPA DO NORDESTE



O lateral direito Erick se empenhou bastante nos treinamentos visando o jogo deste domingo contra o CSA, no Rei Pelé

Foto: Guilherme Drouas/Botafogo

Hoje é dia da estreia do Belo

Botafogo faz o seu primeiro jogo oficial da temporada diante do CSA, no Estádio Rei Pelé, a partir das 16 horas

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após o adiamento do jogo contra o Sergipe, por causa do número elevado de jogadores do time sergipano contaminados pela Covid, finalmente o Botafogo vai estreiar neste domingo na Copa do Nordeste. O Belo entra em campo hoje, às 16h, no Estádio Rei Pelé, em Maceió, para enfrentar o CSA. O jogo terá arbitragem de um trio baiano, comandado pelo árbitro Ricarle Gustavo Gonçalves Batista. Os assistentes são Jucimar dos Santos Dias e Luanderison Lima dos Santos.

Para o técnico do Botafogo, Gerson Gusmão, o adiamento do jogo contra o Sergipe mais atrapalhou do que ajudou, porque todo o planejamento já estava pronto para a estreia. “Se nós tivéssemos sido avisados com mais dias de antecedência teria sido diferente, mas foi tudo em cima da hora e não pudemos mudar muita coisa. Além do mais, esperávamos também fazer a nossa primeira partida fora de casa, contra um ad-

versário de Série B, mais qualificado tecnicamente, já tendo jogado uma partida e com mais ritmo de jogo. Mas, aconteceu e agora não temos que ficar lamentando”, afirmou.

Gerson Gusmão admite que conseguir um empate em Maceió pode vir a ser um resultado positivo, mas preparou a equipe para tentar a vitória.

“Eu procuro sempre trabalhar meu time para vencer e coloco isso na cabeça dos meus jogadores. A gente respeita o adversário, mas não podemos temer. É entrar em campo e dar o máximo para sair de campo com um resultado positivo. É claro, que dependendo das circunstâncias do jogo, o empate pode vir a ser um bom resultado, mas vamos enfrentar o CSA da melhor forma possível, buscando a vitória”, acrescentou o treinador.

Gerson disse ainda que o time titular em Maceió deverá ser o mesmo do último jogo-treino e a única dúvida está no comando de ataque, se entra com Adilson Bahia, ou Gustavo Coutinho.

CSA

Após perder para o Sousa na estreia, no Marizão, o CSA voltou a jogar na última quinta-feira, pelo Campeonato Alagoano. O time goleou com facilidade o Jaciobá por 5 a 0, no Estádio Rei Pelé, em Maceió. Na oportunidade, o técnico Mozart e os atletas Gabriel e Wellington não puderam participar porque foram infectados pela Covid. Eles estão em quarentena e também estão fora do jogo deste domingo contra o Botafogo. O auxiliar técnico Denis Iwanura vai dirigir a equipe contra o Belo. Ele gostou da apresentação da equipe contra o Jaciobá e disse que o que aconteceu na estreia da Copa foi um acidente.

“O que aconteceu contra o Sousa foi um acidente. O time não é aquele e sim este que enfrentou o Jaciobá. Vamos procurar a recuperação contra o Botafogo jogando o mesmo futebol de quinta-feira. Em relação ao time que enfrentou o Sousa, o treinador vai poder contar com o goleiro Marcelo Carná e o lateral Ernandes.

01/02 na Usina
20H Energisa

Verão 2022

PALCO
TABAJARA O SOM DA
PARAIBA

MARKETING EPC



Caburé



Freetoxx

AO VIVO AM 1110 / FM 105.5
na TV ALPB

e nas redes sociais:

f y RÁDIO TABAJARA

PARCERIA

REALIZAÇÃO





Devoção que completa cem anos

Fevereiro marcará o centenário de inauguração do monumento a Nossa Senhora de Lourdes, erguido ao lado da Catedral Basílica, em João Pessoa

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Localizada na Praça Dom Ulrico, na área histórica da cidade de João Pessoa, a estátua erguida em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes, ao lado do adro da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, está completando cem anos de existência. De acordo com o assessor cultural da Arquidiocese da Paraíba, Augusto Moraes, o monumento foi inaugurado no dia 11 de fevereiro de 1922 e, desde então, representa um bem cultural e religioso do município e da Igreja Católica paraibana.

Para ele, o monumento simboliza uma homenagem especial à Nossa Senhora de Lourdes, com grande valor para os fiéis. "A estátua foi uma promessa, mais uma homenagem feita pelo monsenhor Francisco de Assis Albuquerque, para colocar aquele monumento à Nossa Senhora de Lourdes. Ele mesmo mandou trazer o projeto e a escultura da França e foi montada aqui, erguida na praça pessoense", conta o assessor.

Conforme o historiador Cristiano Amarante, mestre em Ciências das Religiões, a estátua é uma homenagem à devoção a Nossa Senhora de Lourdes que vem do século

França

Existe uma relação entre a devoção a Lourdes com as irmãs do Colégio das Neves

XIX, mais especificamente do dia 11 de fevereiro de 1858. Nessa data, na pequena vila de Lourdes, na França, a religiosa francesa Bernadette Soubirous tem uma visão e encontra uma imagem da Virgem Maria em uma gruta.

"Ela teve uma visão com a Virgem Maria em Lourdes no século XIX. E a partir dessa visão ela tem frequentemente visões dessa imagem Mariana, normalmente trajada com uma roupa branca, uma fita azul e com um terço na mão. Essa é a origem do mito, é a origem da devoção a Nossa Senhora de Lourdes", explica o estudioso.

Na época, a cidade de Lourdes, na França, era uma pequena vila como tantas outras da Europa, a exemplo da cidade de Fátima, que hoje é um importante centro religioso, mas que na época da aparição em 1917 era uma pequena vila. "Se você visitar essas cidades, você tem o lugar da aparição que é a pequena capela e uma grande basílica. Em Lourdes, você tem a gruta onde as pessoas vão para pegar a água, se benzerem com a água ou beber da água, e você tem ao lado uma grande basílica, feita em homenagem a essa aparição", detalha o pesquisador.

Segundo o historiador, a aparição da Virgem Maria na vila de Lourdes aconteceu quatro anos depois que foi aceito o dogma da Imaculada Conceição pela Igreja Católica. "Então, tem tudo a ver a questão da Imaculada Conceição, o dogma da Imaculada, que fala que Maria é aquela que foi concebida sem mácula nenhuma para poder ser a mãe do Cristo. Essa devoção na Europa surge quatro anos depois da aprovação desse dogma pela igreja", acrescenta.

A imagem de Nossa Senhora de Lourdes chegou à Paraíba 64 anos após a aparição e o surgimento da devoção na vila francesa. Sobre a estátua pessoense, Cristiano Amarante destaca que seu surgimento em 1922 ocorreu através de um dos párocos da Catedral como forma de homenagear Nossa Senhora e as religiosas que já coordenavam o Colégio das Neves, cuja congregação é de origem francesa.

"Por esse motivo o incentivo da construção daquele monumento em 1922. A construção tem a ver com a própria figura Mariana e com o Colégio das Neves em virtude da congregação que estava lá ser origem francesa", afirma.

Existe, portanto, uma relação com a devoção de Lourdes e com a congregação das irmãs que eram do Colégio das Neves. A chegada dessas religiosas à Paraíba, conforme o estudioso, não foi por acaso, pois no final do século XIX e início do século XX, com a criação da Arquidiocese em 1894, uma série de religiosas chegou ao Brasil, em sua maioria europeias: francesas (Congregação das Neves ou as Damas do Recife), alemãs e outras.

A chegada dessas irmãs aconteceu naquele momento quando se difundiu no Brasil um processo de beatos, isto é, pessoas leigas fazendo visitação e evangelização, no século XIX. "Você vai ter mulheres piedosas que não eram freiras, mas era dado o nome de beatas e seguiam determinados grupos, como as beatas do Padre Ibiapina, do Padre Cícero", elenca o pesquisador.

Nesse sentido, como forma de reduzir o crescimento de beatos de forma popular, a igreja começa a atrair para o Brasil congregações oficiais para ficarem em escolas, orfanatos, como uma forma de se estabelecer. E foi assim que chegou a Congregação do Colégio das Neves que, em 1922, também foram homenageadas com a imagem em frente ao prédio que abrigava o antigo Colégio Nossa Senhora de Lourdes.



Imagem de Nossa Senhora de Lourdes quase sempre é confundida com a de Nossa Senhora das Neves

+ Importância histórica para a PB

Conforme a diretora executiva do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), Tânia Nóbrega, por conta de seu valor histórico, a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves encontra-se tombada pelo órgão, por meio do Decreto 20.132, de 2 de dezembro de 1998. Embora não esteja explicitado nesse documento, também estavam protegidos toda a área do entorno da igreja, incluindo a praça e a estátua erguida a Nossa Senhora de Lourdes, no adro da Catedral.

Aliado a isso, o monumento possui ainda um decreto individual de tombamento. Assim, a estátua está formalmente tombada pelo Iphaep e, segundo a diretora, simboliza um bem muito importante para a memória afetiva e religiosa da população paraibana, em particular da cidade de João Pessoa.

Segundo o professor Cristiano Amarante, desde a sua construção, a estátua não sofreu tantas restaurações ou intervenções com o passar dos anos, tanto na base, quanto na própria imagem. Porém, ele observa que o monumento nem sempre é identificado como sendo de Nossa Senhora de Lourdes, mas sim de Nossa Senhora das Neves, por estar junto à Basílica.

Para ele, isso demonstra que sua influência histórica é ainda maior do que religiosa, mesmo tendo uma grande representatividade para a população católica. "A imagem em si se preserva. A devoção de Lourdes é algo em nível universal. As pessoas recorrem ao Santuário de Lourdes

diversas vezes. Agora pode-se observar que quase nem sempre as pessoas conseguem identificar que é de Lourdes, mesmo que ela tenha uma certa influência dentro do processo da fé", avalia o historiador.

Ele ressalta que o que marca as influências de fé das pessoas são ações, como acender velas, deixar votos ou fitas, e que essas atividades não são encontradas no gradil onde está a imagem. Portanto, acredita que a população tem o respeito por ser uma imagem de Maria, mas o referencial decorativo (contemplação a Lourdes) e histórico é maior do que referencial religioso.

A estátua permanece acompanhando toda a transformação na Praça Dom Ulrico (antes, Largo da Catedral), que com o passar do tempo foi sendo modificada até a estrutura atual. "Ela faz parte da história daquele espaço e a influência histórica marca mais do que a religiosa. Mas a devoção também tem grande peso", completa.

O assessor cultural da Arquidiocese, Augusto Moraes, explica que a escultura paraibana é feita em bronze e na cidade de Lourdes, na França, existe uma idêntica a ela. Portanto, a estátua de João Pessoa é uma cópia existente em vários países do mundo, pois muitos fiéis compraram na época em homenagem à santa.

E onde tem a devoção a Nossa Senhora de Lourdes normalmente existe ali uma imagem muito similar. Um exemplo é a paróquia dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, no Bairro das Trincheiras, também na capital paraibana.

Foto: Evandro Pereira

Praça Dom Ulrico e a Catedral

Localizada ao lado da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, a estátua foi construída no terreno da Praça Dom Ulrico e, de acordo com o inventário do 'Parafba Criativa' da UFPB, está inserida em uma área tombada pelos órgãos federal e estadual de proteção ao patrimônio histórico e artístico cultural.

A praça era chamada antigamente de Largo da Matriz (Largo da Catedral) e antes de receber o nome atual já era um lugar de encontro. Depois recebeu um novo nome em homenagem póstuma ao chamado benemérito prior do Mosteiro de São Bento, Dom Ulrico Sanntag, de origem alemã, que dedicou sua vida a auxiliar os mais pobres.

Dom Ulrico era um monge que morava no Mosteiro de São Bento e, após a sua morte, em 18 de maio de 1912, foi homenageado através da Praça Dom Ulrico. Em meio às modificações desse espaço, depois veio a imagem de Nossa Senhora de Lourdes (em 1922), além das ruas que passariam pelo local.

Além da estátua erguida a Nossa Senhora de Lourdes, no pátio da Catedral, na mesma praça também existe um marco de pedra, que estaria a 43 metros de altitude em relação ao nível do mar, colocado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), em 1922, que marcaria o marco zero da cidade de João Pessoa.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Centro Histórico de João Pessoa inclui a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, localizada no ponto onde a cidade de João Pessoa teria nascido administrativamente, pois, assim que chegaram à Paraíba, os colonizadores começaram a construção dessa igreja, onde já foram erguidas quatro construções.

Dessa forma, a Catedral faz parte do surgimento de João Pessoa, fundada oficialmente em 1585, com o nome de Nossa Senhora das Neves. Ela já sofreu três demolições sucessivas de templos, sendo a atual idêntica à quarta reconstrução, realizada pelo vigário Francisco Melo Cavalcanti.

Essa igreja foi benta na última década do século XIX e é o quarto templo a ser construído no mesmo local, em homenagem à padroeira da cidade. Segundo dados do Projeto de Extensão vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, 'Memória João Pessoa', a primeira igreja teve sua pedra fundamental lançada em 4 de novembro de 1585.

Barão do Abiaí

Aderiu à República ao sentir a Monarquia "sufocada"

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, político e advogado Silvino Elvídio Carneiro da Cunha é mais conhecido como Barão do Abiaí. Ele nasceu em Alhandra, a 35 quilômetros de João Pessoa, em 8 de agosto de 1831. Morreu a bordo do vapor Olinda, em 4 de abril de 1892, perto do litoral recifense. Foi considerado visionário por causa de alguns projetos que seus adversários achavam "mirabolantes e inconclusivos". Fala-se que ele não fiscalizava as próprias obras que autorizava. E uma delas foi a de ligar diversas linhas telegráficas, pretendendo inaugurar o Sistema Morse Postal entre a Cidade da Parahyba do Norte – a atual João Pessoa – e Recife.

Seus biógrafos, que não são poucos, admitem que "o Gato Ruivo" – assim chamado por causa da cor de seus cabelos – teve papel destacado e importante na política da Paraíba, atingindo pontos culminantes de sua administração pela atividade que exerceu como chefe e orientador do Partido Conservador, cuja agremiação fora fundada com apoio no poderio de sua ilustre família. Filho do comendador Manoel Florentino Carneiro da Cunha e de Rita Maria da Mota, o paraibano nasceu no Engenho Abiaí, onde hoje ainda existe a casa em que viveu.

Tendo iniciado os estudos com professor particular, aos 15 anos seguiu para Pernambuco, onde fez o curso preparatório indispensável ao ingresso na Academia de Olinda. Dali, retornou à Paraíba, após titular-se em Direito, para se dedicar a atividades públicas, na época só confiadas a pessoas ilustres, cultas, apatacadas e nobres. Casou-se em 1850 com Angelina Bezerra Cavalcanti de Albuquerque, de tradicional família da aristocracia rural brejeira. Seu nome era tão importante que o município paraibano de Pitimbu e

respectiva praia, no litoral sul do estado, foi batizado como Barão do Abiaí, em sua homenagem, no período imperial.

Além de ser presidente (governador) três vezes da Província da Parahyba do Norte, também se destacou, de forma notória e elogiosa, ao governar o Piauí, o Maranhão e o Rio

Grande do Norte. O escritor José Octávio de Arruda Mello afirma que "ele era ávido pelo poder e defensor incontestável da Monarquia, mas não hesitou em aderir à República, quando sentiu que ela havia perdido o fôlego". Seu título de Barão do Abiaí foi concedido através do Decreto Imperial de 18 de janeiro de 1882. Vinte e três anos antes, Dom Pedro II esteve em Mamanguape e sete anos depois a Monarquia deu seu último suspiro no Brasil, em 15 de novembro de 1889.



Ilustração: Tônio

Barão do Abiaí governou a Paraíba em três oportunidades, mas também esteve à frente da administração de outros três estados: Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte

Preocupação maior: a política e o jornalismo tomaram conta de sua vida

O Barão do Abiaí – por sinal o segundo surgido nas plagas paraibanas – conviveu ao lado de profissionais advogados, com experientes atuações no foro da capital. Nessa época, já vinha exercendo intensa atividade jornalística como um dos mais dedicados batalhadores de A Imprensa, que circulou de 1857 a 1862 a serviço do Partido Conservador.

Além da sua atividade forense, o que mais fascinava o jovem bacharel era a vida atante do jornalismo a que tanto se apegou no

desejo de melhor servir ao seu partido político. Depois de fazer circular A Imprensa, organizou, com outros correligionários o Jornal da Paraíba, órgão do Partido Conservador, com período de circulação de 28 anos (de 1862 a 1890).

Esse jornal foi a sua maior preocupação de político e homem de imprensa e, como raríssimo na Paraíba, há registros da "dedicação e sacrifício" do seu dirigente. Viveu os últimos anos do Império entregue às suas atividades de chefe do Partido

Conservador, inspetor da Alfândega e diretor do Jornal da Paraíba. Mesmo com o advento da República, o jornalista-barão ostentava sua insígnia de nobre tupiniquim, daí a se tornar o alvo das conversações maldosas que circulavam nas altas rodas sociais.

E de onde veio o termo Abiaí? Teodoro Sampaio afirma que deriva do tupi apihay, que significa "rio dos homens varões". É um rio de pequeno percurso, com nascente na Fazenda Cabocla, em Alhandra, ao sul de

João Pessoa, e que desemboca no Oceano Atlântico, a 12 quilômetros de distância, cujos afluentes são os riachos Papocas e Taperubus.

Há quem ligue o etno abiaí aos discípulos da religião do Camdomblé, depois chamados pais de santos, ao passarem pelo ritual da lavagem dos fios de contas. Coincidentemente, Alhandra é chamada de "Cidade da Jurema Sagrada", um rito afro-indígena, criado pelo sincretismo dos descendentes de índios e africanos que ainda vivem

nas cercanias, desde os tempos dos aldeamentos criados pelos jesuítas.

Um desses descendentes, de origem afro, é chamado de Zé Pilintra, entidade espiritual lembrada na figura de um negro que, se por um lado é respeitada e adorada, por outro foi marginalizada e maltratada. É considerado o patrono dos bares. Nenhum biógrafo do Barão Abiaí dá conta se os cultos afro-brasileiros eram praticados no âmbito da Fazenda Abiaí. Sabe-se que ele e a baronesa consorte eram católicos praticantes.



A primeira casa à esquerda, localizada na capital paraibana, era utilizada pelo Barão do Abiaí como sua residência de verão; já a outra casa, à direita, era onde o jornalista, político e advogado morava no município de Alhandra, a 35 quilômetros de João Pessoa



Foto: Reprodução

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Como se comunicar de forma inclusiva?

Inclusão, mais do que um termo da moda, precisa ser algo constante em nosso cotidiano. E isso também se estende à forma como nos comunicamos. Mas como podemos nos comunicar de forma inclusiva, para que as pessoas, com as suas peculiaridades e diferenças, se sintam acolhidas e respeitadas? Para aprender sobre o assunto, busquei na internet e encontrei algumas publicações que estão disponíveis para consulta do público em geral, a exemplo do 'Manual de Comunicação Inclusiva', produzido pela Meiuca para o Carrefour; e do 'Guia TODXS NÓS de Linguagem Inclusiva', desenvolvido pela [DIVERSITY BBOX] Consultoria para a HBO.

De cara, posso dizer que aprender a se comunicar de forma inclusiva exige vontade: de ler/estudar sobre o assunto e de abdicar de antigos conceitos, não apenas do ponto de vista linguístico, mas principalmente cultural. Além disso, é essencial adotar uma postura empática. Conforme o Guia TODXS NÓS, existem muitos grupos que não se sentem representados pela dicotomia ele/ela, por exemplo, e reivindicam visibilidade. Assim, "modificar e atualizar a nossa linguagem é um movimento saudável".

com diferentes características e identidades. "É uma garantia de respeito, valorização e acolhimento da diversidade humana". Na prática, o que tais guias/manuais sugerem? Muita coisa interessante. Inclusive, há diversas opções na Língua Portuguesa para escrever de forma inclusiva e falar com todas as pessoas. Confira abaixo algumas orientações de como usar linguagem neutra:

- adotar termos comuns de dois gêneros, bastando para isso excluir o artigo (por exemplo: substitua "os agentes são competentes" por "agentes são competentes");
- sujeito oculto ou indeterminado (em vez de "nos anos 60, o homem pisou na lua pela primeira vez", use "nos anos 60, pisou-se na lua pela primeira vez");
- uso da palavra pessoa (a linguagem oral e escrita deve colocar a tônica na pessoa. Ex.: em vez de dizer "as lésbicas, os gays, os bissexuais, os transgêneros, os intersexo", diga "pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais" ou "pessoas LGBTQIA+");
- uso do pronome ILE (para evitar os pronomes "ela" e "ele" e suas contrações, as pessoas não-binárias podem utilizar "ILE");
- substituição do termo homem (por muito tempo, a palavra "homem" foi

usada para definir a raça humana. Mas temos como "humanidade", "pessoa" e "seres humanos" são mais inclusivos);

- uso do "e" como forma de neutralizar o gênero (a proposta é passar a usar o som da letra E no lugar do O ou A. Por exemplo, em vez de "todos, todes"; em vez de "amigos/amigas", diga "amigues");
- importante: "@" e "x" são recursos muito utilizados, mas podem não englobar todas as pessoas, pois dificultam a experiência de leitura para alguns grupos, como pessoas

cegas ou com baixa visão, com dislexia, analfabetas funcionais ou elementares, ou aquelas que simplesmente desconhecem esse código/iniciativa.

Adotar linguagem inclusiva é um processo cultural e político. Denota respeito pelas pessoas e suas diversidades e promove reflexões: sobre quem somos, o mundo em que vivemos e a sociedade que queremos.

Assim, que tal começar a exercitar a comunicação inclusiva a partir de hoje?



Imagem: Reprodução

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte X

Trio Melodia – O grupo vocálico surgiu – pode-se dizer assim – quase que meio por acaso. Fredson Cerqueira, que nascera em Nazaré-BA (1937), logo na infância rumou com a família para o Rio de Janeiro, na primeira metade dos anos de 1960, onde o pai se estabeleceu com uma sapataria. Verá o leitor como esse fato é relevante. Como gostava de "cantar no chuveiro", Fredson conseguiu aparecer, algumas vezes, nos programas do Chacrinha. Um dia, no estabelecimento do pai dele, apareceram os amigos comuns Welton Santana e Noel, que já o conheciam de vista, e aproximaram-se mais ainda. Conversa vai, conversa vem, sem maiores pretensões falaram de cantar, e juntos cantaram. Verificaram, ali mesmo, que bem que poderiam passar a cantar juntos já que sabiam de cor e salteado algumas melodias.

Curiosamente, Noel já era integrante de um grupo que despontava no universo musical: Nilo Amaro e os Cantores de Ébano, onde pontuava com aquela voz de baixo profundo, cujo espaço também havia sido ocupado por Noriel Vilela (lembram-se de 'Uirapurú' ou de 'Leva eu Sodade!'). Assim, propuseram-se a formar um trio melódico e sair por aí, "caminhando e cantando e seguindo a canção...". O nome foi sugerido por um dos fregueses da sapataria que havia comprado um famoso calçado da época, de marca Melodia, que,

como era moda, sugeriu o nome em inglês The Three Melodies. Os três novos amigos gostaram da sugestão e de pronto acataram a sugestão, que, posteriormente, os dirigentes da primeira gravadora acharam por bem adotar, porém no vernáculo... Surgiu assim, então, o Trio Melodia.

Curiosidade: não sabiam, nem de longe, da existência de um mais antigo Trio Melodia, composto por Paulo Tapajós, Nuno Roland e Albertinho Fortuna, que havia feito sucesso na Rádio Nacional, nos anos de 1940/50. Então, simples coincidência... Depois de alguns ensaios, a primeira apresentação cativou os produtores e caçadores de talentos da poderosa CBS que os convidou para um habitual teste de gravação. À frente de tudo estava o produtor Rossini Pinto, conhecedor de repertórios musicais internacionais e exímio criador de versões. O resto é história: adaptações de "clássicos" da música popular norte-americana estavam em voga na Jovem Guarda.

A experiência do produtor os levou a gravarem melodias que se consagraram entre o público em geral, independentemente de faixas etárias. E, assim, todas as faixas do álbum viraram hits de sucesso, com destaque para 'Canção de Verão' ('A Summer Song'), 'Vale do Rio Vermelho' ('Red River Valley'), 'Marilú' ('Ellie You – You Left Me') e a indefectível 'Se seu amor fosse pra mim' ('For Lovin' Me'). Passada

a onda da Jovem Guarda, foi-se com ela o Trio Melodia, mas deixou-nos, gravado, em nossa memória afetiva musical, o seu completo repertório.

Os Vips – Em princípio, os irmãos Antonucci costumavam cantar domesticamente. Individualmente, os irmãos Antonucci, Ronald Luís (SP, 1941) e Márcio Augusto (SP, 1945-Rio, 2014) infiltraram-se na Rádio Bandeirantes (SP), de onde rumaram à TV Tupi, em 1964. Buscando um espaço, apresentaram-se também no programa 'Drink Musical', da TV Tupi-SP, em junho de 1964. Daí, foram convidados a apresentarem-se no 'Programa dos Bairros', da grade da TV Bandeirantes-SP. Por uma dessas facetas pregadas pelo destino, como não havia espaço/tempo para apresentações individuais, a produção sugeriu-lhes que cantassem em dupla.

Após rápido "treino de corredor", toparam o desafio e saíram-se tão bem que foram aprovados. Como os "olheiros/caçadores de talentos" estavam atentos, de pronto já se propuseram a levá-los à gravadora Continental. Já em dupla, improvisaram o nome do grupo. Como estava sendo exibido nas telas cinematográficas da Época o filme 'Very Important People' ('Gente Muito Importante'), esta foi a senha: VIPS. O

sucesso foi impulsionado pelo programa 'Jovem Guarda', mormente por Roberto Carlos que lhes cedeu várias de suas criações para apresentações e/ou gravações: 'Faça alguma coisa pelo nosso amor', 'Emoção' (Roberto e Erasmo) e 'A Volta' (Roberto e Erasmo). Essa última, juntamente com uma versão para 'I Should have known better' ('Menina Linda'), dos Beatles, ainda hoje nos despertam "tantas emoções".

Dos Beatles, os Vips ainda gravaram 'Things We Said Today' ('Coisas que acontecem', numa versão de Erasmo), 'Thank You Girl' ('Obrigado Garota', versão de Alan/Miranda) e 'Michelle' (versão de Rossini Pinto). Márcio, após o casamento com Lilian Knapp (Leno e Lilian), deixou a dupla e rumou para o Rio de Janeiro, onde se fez diretor e produtor da poderosa Som Livre.



Foto: Reprodução

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Seu preço é justo?

Há uma série de pré-requisitos para se trabalhar no ramo da gastronomia, onde muitas pessoas não sabem o que é para ser colocado no valor de uma empresa legal para ela funcionar. Quando me refiro a uma empresa legal é aquela que tem CNPJ, paga os tributos... e uma série de mais coisas.

Não existe fórmula mágica para funcionar um restaurante sem ter suas obrigações financeiras e fechar bem no final do mês. Existe sim uma fórmula que é única e essa vem a partir de um planejamento do qual você quer direcionar.

Vamos na minha linha de raciocínio: eu tenho um lanche que é um pão, carne de hambúrguer artesanal, queijo, molho e salada, somando tudo isso acrescento dez vezes o valor e é igual ao meu custo final?

Vamos para a regra mais correta, onde uma empresa montada, pagando aluguel e vendendo o mesmo produto.

Você vai cair quando começar a ler isso: custo do meu lanche: pão, carne de hambúrguer artesanal, queijo, molho, salada, energia, aluguel, gás, água, imposto sobre o produto vendido, contador, folha de pagamento, EPIS de funcionários, IPTU, Internet, coleta de lixo, sistema operacional de venda, cerca de 27,5% do iFood se utilizar, delivery, que dá um valor de R\$ 300,00 mês, mais taxa de entrega a uma cooperativa, percentual cobrado pelas operadoras de máquinas de pagar no cartão... e por aí vai.

Essa é a realidade de quem vai enfrentar um negócio do ramo de gastronomia, que muitos não sabem e acham que tudo são flores e muito fácil.

Tá na moda ensinar a empreender. Quem vê acha tudo muito fácil, mas é muito difícil manter uma empresa no Brasil, principalmente no ramo de alimentação.

Aprenda a vender primeiro, depois você vai aprender a ser empreendedor. Não é fácil, mas é totalmente possível você, seguindo essa regra complicada que eu expliquei, para que saiba que o mais difícil é conquistar sua clientela.

Em outra oportunidade vamos falar sobre isso também!

Esse jogo não é para quem quer se aventurar e apenas vê se dará certo. Esse jogo é para quem é profissional e sabe jogar de verdade. Não se aventure financeiramente sem buscar um profissional qualificado para saber se o que você pensa é aquele resultado que espera.

Como sempre falo, não estamos em época de brincar de ser empresário em um novo normal, que deixou muitas empresas à falência e com dívidas muito altas. E tem empresas que ainda não reabriram suas portas.



Foto: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Omelete crocante

Ingredientes

- 2 ovos
- 2 colheres de sopa de creme de leite
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 200g de queijo de coalho pré-cozido fatiado fino
- 4 fatias de queijo prato
- Azeite

Modo de preparo:

- Em uma frigideira antiaderente, coloque uma colher de chá de azeite, as fatias de queijo de coalho por toda a frigideira, deixando formar uma crosta, bata os ovos com sal, pimenta e o creme de leite e coloque sobre essa crosta na frigideira e abafe com uma tampa. Quando a omelete estiver no seu ponto, coloque as lâminas de queijo prato e dobre como uma tapioca. Estará pronto e bem recheado!

QUENTINHAS

Esta semana cheguei de viagem de São Paulo. Uma das coisas que mais me chamaram a atenção foi a não obrigatoriedade do cartão de vacina da Covid-19. Achei uma falta de respeito muito grande.

Como também as companhias aéreas, em especial a GOL, pois foi a que viajei, também não cobrar de nenhum passageiro o mesmo cartão de vacinação, alegando que só é pedido em voos internacionais.

Mesmo longe de casa, pude acompanhar em alguns blogs que a coisa aqui na capital paraibana é muito séria ainda com eventos livres como um puxado por um trio elétrico, além de eventos acontecidos no litoral de Cabedelo.

Essa conta será cobrada muito em breve, e quem vai sofrer novamente é aquele que diz ter sofrido desde o começo da pandemia. E será tarde! Vamos aguardar alguns meses.

PITADAS A GOSTO

A história da gastronomia fala que a omelete surgiu na antiga Pérsia. Ovos batidos eram misturados com ervas picadas, fritos até ficarem firmes, e depois cortados em pedaços, para formar um prato conhecido como kookoo. Acredita-se que essa receita alcançou a Europa através do Médio Oriente e da África do Norte, onde sofreu adaptações e originou a frittata italiana, a tortilla espanhola e a omelette francesa.

Na França, sua criação é atribuída a Annette Poulard, em 1888, no Monte Saint-Michel, na Normandia. Ela elaborou uma refeição nutritiva e fácil de preparar para os famintos peregrinos que chegavam ao Santuário de São Miguel.

Para além de um partido ou candidato: a consciência

Até onde as pessoas vivenciam na pele os problemas políticos?

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

De acordo com o dicionário, ter consciência de algo é ter o sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior. Existe essa consciência no âmbito da política? Até onde as pessoas sentem ou conhecem sobre o tema? Até onde elas vão nos estudos da questão ou mesmo vivenciam na pele problemas políticos, como a fome, a falta de saúde ou da educação?

Mais do que a escolha de um partido ou candidato, a consciência política vai muito além. Na opinião do professor Luciano Albino não é algo que se aprende em um livro ou curso, mas decorre de uma vida concreta. “A consciência não é uma abstração inesperada do mundo, como alguém que está pensando e chega a uma conclusão. Um pedreiro ou empregada doméstica, por exemplo, tendem a entender muito mais o que é trabalho e exploração do que um teórico”, avalia.

Para o sociólogo, apenas o pensar não gera consciência, e nem apenas o agir. A prática e teoria andam juntas, principalmente no que diz respeito a questões como trabalho, sexualidade ou racismo, por exemplo. Já no que diz respeito

to à política, o professor explica, na prática, que a educação teórica não é o primordial.

“No caso da política, você tem pessoas que nunca foram para a escola, como militantes do movimento LGBTQIA+, ou sem-terra, mas tem uma consciência maior do que um estudante de classe média que nunca saiu da mesa da escola. É um reflexo de uma construção de como não basta apenas falar sobre para criar uma consciência”, ressalta o professor.

Não existe consciência gratuita. Para o acadêmico, é necessário um embate, um conflito do indivíduo consigo mesmo para que o sentimento seja gerado. “É criar uma ideia de si mesmo, mas não de uma maneira abstrata, mas dessa relação com uma realidade concreta. Em busca de uma aceitação no sentido de ter direitos garantidos. Pensar numa aposentadoria, do que é ser homem ou mulher, no racismo”, explica.

Segundo o professor, são questões que afetam o ser humano diretamente que o levam a buscar uma consciência sobre o assunto. É vivendo o racismo, na busca por um emprego ou na preocupação de se aposentar que gera a preocupação com a política necessária para aquele determinado tema.

“A consciência resulta sempre de um enfrentamento, de uma insatisfação diante de algo que causa dor, angústia, ou sofrimento. A consciência é resultado de uma vida que não se contenta com as dores do mundo. A questão da desigualdade, por exemplo, vivemos em um país que poucas famílias concentram a riqueza do mundo. Quem acha que é certo está construindo um Brasil desigual. Mas quem acha errado, essa postura crítica é uma forma de criar consciência, não se cria apenas em um banco escolar”.

Já o professor Luciano Nascimento, do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), acredita que não existe consciência política no Brasil. Na opinião do professor, os partidos políticos não têm uma ideologia formada, enquanto os eleitores são levados pelo reducionismo da política entre direita e esquerda.

“Os partidos funcionam como empresas e não como partidos. Quando falamos de ideologia política, você precisa representar um socialismo, um liberalismo, o republicanismismo, o democratismo. Qual é a ideologia política do partido? Do outro lado, o eleitor não tem consciência política porque em regra realiza um reducionismo sobre a questão política, há uma falsa realidade de que a política é dividida entre direita e esquerda”, comenta.

Para o professor, a política vai muito além do que uma divisão entre esquerda e direita. Ele acredita que no Brasil a ideia e o senso do que é política se perdeu. “Que partido é de esquerda? O que eu posso chamar de direita na realidade brasileira? Primeiro, que política é a criação nobre da mente humana, porque a política é o único dos sistemas da sociedade que não é um código binário, sim ou não, muito menos o reducionismo do direita ou esquerda”.

Ter uma consciência política para ele seria colocar todo o tempo e esforço nesse sistema, entendendo a importância do voto e o governante entendendo a importância da posição. “A política deveria ser o grande sistema da sociedade, onde deveríamos colocar todo o nosso tempo. Quando alguém é eleito, ele é eleito para governar a todos, quem votou nele e quem não votou, deve ter um olhar para toda a sociedade”.

+

“Alma em carne e osso”

Se ter uma consciência política está ligado a toda a sua vivência e junção de ideias ao longo da vida, a religião do indivíduo influencia de forma direta com a sua ideologia política. Mas será que ter ou não essa consciência está ligado à fé das pessoas?

Na opinião do sociólogo Luciano Albino, é possível ver cotidianamente a influência das igrejas, não apenas evangélicas, no poder. “A religião sempre esteve vinculada à política. As denominações, a partir de seus representantes, sempre estiveram muito próximas do poder político do estado. Foi e continua sendo assim com a Igreja Católica e está sendo muito com outras denominações cristãs, como as evangélicas, com maior ênfase as neopentecostais”, aponta.

As igrejas evangélicas chamadas de neopentecostais fazem parte de um grupo denominacional diferente das demais, com ênfase na Teologia da Prosperidade e em atos místicos, como é possível ver na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e na Igreja Mundial, por exemplo.

“A gente vê padres e pastores se tornarem deputados, vereadores, prefeitos. Não há como a política não estar próxima da religião, isso não existe. Ao contrário, as pessoas têm alma em carne e osso, a fé das pessoas está vinculada ao que elas são. Não dá para desvincular da realidade concreta”, analisa o sociólogo.

Questões como família, sexualidade e moralidade, muito fortes no aspecto ideológico das igrejas, são essenciais para a formação política dessas pessoas, não há como haver uma divisão como explica o professor. “Essa discussão sobre religião e política é sempre controversa. Quando falo de aspecto ideológico, as igrejas possuem isso muito forte. São visões de mundo muito segmentadas que são políticas, não dá para separar”.

Segundo Luciano Albino, há uma tensão entre a realidade e o pensamento no momento de criar uma consciência política, independente se isso é feito a partir de uma influência religiosa. “Você constrói

esse pensamento crítico e escolhe uma posição mais próxima do que você entende como correto, a partir dos valores que você defende. Essa tensão embate entre a realidade e o pensamento”.

Formação de opinião

Ter uma consciência política vai muito além de reproduzir o que é escutado, como se observa em igrejas onde líderes religiosos se aproveitam da sua posição para influenciar os fiéis. Ou mesmo quando a população tem sua consciência pautada no que é visto em redes sociais, por exemplo.

“Não é sair reproduzindo o que recebe nas redes sociais porque alguém falou; a consciência política exige uma postura de autonomia de pensamento, de ir atrás, de verificar a informação, de questionar sobre o que estão falando. Essa é a consciência política. Não é assumir uma posição porque todos estão assumindo. É ter condições de pensar a partir dessa relação com o que você pensa e vive”, explica o sociólogo.

Já o professor de Direito Luciano Nascimento é enfático ao afirmar que são raros os momentos em que a igreja se envolveu na política e acertou. “É raro o momento em que ela acerta. Em regra, o dano e o custo são altos”.

Segundo explica o especialista, a legislação brasileira não diz nada sobre os limites em que a religião pode ir nessa influência política. Ele ressalta que há uma liberdade de expressão e religiosa, o que é positivo no que diz respeito à democracia. No entanto, o professor se preocupa com a forma como essa influência aos fiéis tem sido realizada no país.

“Essas igrejas são empresas de arrecadação financeira. Não há limites sobre essa questão na realidade brasileira, porque há liberdade religiosa ou de credo. No entanto, a relação entre os movimentos religiosos e a política é promíscua. A religião vai para a política não com interesses teológicos, mas financeiros e de dominação”.

Foto: Arquivo Pessoal



“

A consciência não é uma abstração inesperada do mundo, como alguém que está pensando e chega a uma conclusão. Um pedreiro ou empregada doméstica, por exemplo, tendem a entender muito mais o que é trabalho e exploração do que um teórico”

Luciano Albino

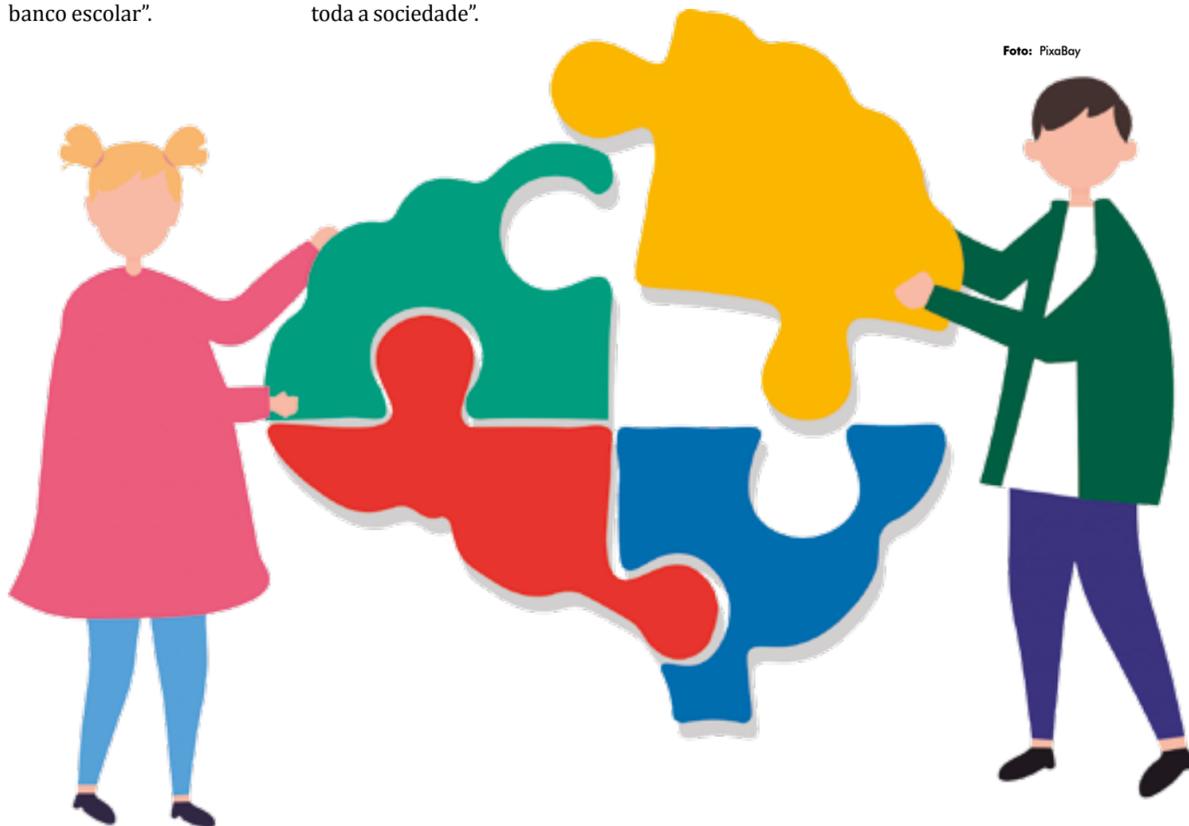


Foto: Pixabay

Consciência influencia no voto e no futuro

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O que esperar do futuro político do país? A falta de consciência política influencia não apenas no voto, mas também no futuro. Seja por conta da corrupção, ou a crise política que o país tem enfrentado, o fato é que cada vez menos jovens têm se interessado em se aprofundar politicamente, seja se candidatando ou mesmo estudando sobre o assunto.

Atualmente governados pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem uma popularidade e índice de aprovação baixos, não alcançando sequer a totalidade daqueles que o elegeram em 2018, as novas gerações não têm se sentido motivadas para o interesse político.

Para o professor de Direito da UEPB Luciano Nascimento, o futuro é preocupante. "Podemos, pelo menos à luz dessa versão, imaginar que nosso futuro é bastante cinza, obscuro, em termos políticos, se nós não construirmos a pedagogia política e mostrarmos aos jovens que eles precisam estar na política. As gerações assumem consciente ou inconscientemente o futuro do país".

Luciano Nascimento explica que as próximas gerações assumem o futuro político, de forma consciente ou não. O fato é: de que forma elas farão isso? "Se não houver essa formação cada vez mais cedo, teremos uma juventude alienada, que se manterá cada vez mais num mundo alienado, observando que a política é o mundo de corrupção. Mas não é; a política é mais importante que a economia, a religião, as redes sociais, o Direito... porque só a política pode realizar o bem-estar comum".

O professor explica que todos fazem parte de uma democracia, onde escolhe-se seus governantes, por isso a importância de formar pessoas que consigam assumir esses cargos de forma responsável no futuro. "Quanto menos nos interessamos por política, mais comprometemos nosso futuro. É uma democracia representativa, temos que eleger nossos representantes, não participamos do exercício do poder, nós delegamos. Mas se somos alienados sobre esse representante, o resultado é desastroso".

Apesar da preocupação com o futuro, o professor ressalta que, a partir de uma metodologia pedagógica, é possível incentivar os jovens na política. "A metodologia indica alguns procedimentos que podem fazer ressurgir uma pedagogia política, como a participação nas associações comunitárias na rua ou bairro onde você mora, os ensinamentos fundamental e médio das escolas públicas, por exemplo".

Além disso, Luciano ressalta a importância dos partidos políticos, junto às escolas, realizarem esse ensino. "Cabe aos partidos políticos, junto com a escola, a construção de escolas políticas para a formação de jovens que virão a ser os representantes que estarão nas câmaras, nas assembleias, no

senado, na prefeitura. Tem que sair dessas formações".

Na opinião do presidente da juventude do Partido dos Trabalhadores (PT) na Paraíba, Pedro Matias, o Brasil passou por um processo despolitizante nos últimos anos, o que influenciou diretamente no interesse dos jovens pela política. "Foi despolitizante principalmente para a juventude que se viu em volta de uma radicalização extrema e agora temos feito o esforço de aproximar a juventude", explica.

Para Pedro, os partidos políticos são essenciais para realizar essa aproximação. "São condições que afetam a juventude e provoca a politização do debate. A antipolítica tomou conta do debate público. 'Eu sou contra tudo que está aí'. A juventude passou a negar a política e a se afastar do debate. A gente tem trabalhado para retomar essa consciência política".

Se identificar com o problema e tentar solucioná-lo tem feito com que essa situação seja revertida. "O processo da pandemia e o desgaste do governo Bolsonaro levaram à uma mobilização grande, todo o negacionismo do governo aproximou a juventude, porque quem está preso dentro de casa por conta de um governo se sente prejudicado. É uma das pautas grandes que nós observamos que o jovem tem discutido bastante".

A estimativa é que um terço dos desempregados é de pessoas entre 18 a 29 anos. "Outra questão relevante é o desemprego e a evasão das universidades. Em 2021, tivemos um dos piores anos de inscrição do Enem, não está sendo discutido melhorias, mas sobrevivência".

Importância do incentivo à votação

A Justiça Eleitoral, apesar de importante para o processo de eleição, não tem a função de influenciar jovens ou idosos a votar, segundo explica o professor de Direito Luciano Nascimento. "A função da Justiça Eleitoral é organizar o processo eleitoral do ponto de vista do Código Eleitoral. Já tivemos o fechamento da Justiça Eleitoral no período militar, além de que somos o único país do mundo que tem uma Justiça Eleitoral e, por isso, ela é extremamente frágil. Não é função dela incentivar a participação no processo eleitoral. É função dos partidos".

Já o sociólogo Luciano Albino acredita que o direito do voto se assemelha ao direito de alfabetização do povo brasileiro. É uma conquista de liberdade que deve ser incentivada. "Isso significa dizer que, mesmo diante de tanto desânimo, o voto é a nossa única arma para mudar as coisas. Mesmo a gente tendo vivido situações tão difíceis, mas é uma conquista incalculável no campo dos direitos, que a gente não pode anular, principalmente a juventude".

O sociólogo comenta que observa em outros países o interesse de jovens pela política de forma mais intensa. Ele afirma que, ver a realidade, se identificar com ela e querer mudá-la, é a principal motivação que leva a esse incentivo.

"Eu sonho com juventude tomando gosto pela política partidária, para a gente renovar o quadro da nossa política. Jovens universitários, recém-formados, ou mesmo que não tem formação universitária, mas estejam trabalhando e vendo a realidade como ela é, e se inspirem para a política, para renovar nossos quadros. A gente observa isso mundo afora e eu gostaria que isso acontecesse no Brasil".

Ação nas escolas para mudar essa realidade

Além da educação básica, de português, matemática e geografia, as escolas precisam ensinar as crianças e adolescentes a entenderem o que é política. Essa consciência, segundo explica o sociólogo, não está ligada a influenciar os alunos a seguirem determinada linha ideológica ou mesmo a votarem em partidos específicos.

"Cada escola deve criar as condições para que o aluno, como sujeito político, ensine a pensar no sentido histórico e político. É ensinar como o Brasil foi construído historicamente, trazer os elementos históricos e a partir daí viabilizar esse ambiente de discussão, de contestação, questionamento".

Fazer pensar, esse deve ser o papel da escola, não de forma dogmática, mas deixando o aluno livre para criar a sua própria consciência. "É um espaço favorável à crítica; não a dogma. Por isso que a escola tem que ser laica, não pode assumir uma postura religiosa, é esse ambiente favorável ao embate, ao questionamento, a dúvida, que deve-se criar na escola. São canais que favoreçam aos alunos a construção de uma cultura política".

Dentro desse entendimento, é ideal que o aluno tome uma posição política. O professor ressalta que não existe discurso neutro quando o assunto é esse. "Ou você vai apoiar uma estrutura desigual, ou se revoltar contra ela. Não existe essa ideia de que haja alguém no mundo que não tem um discurso ideológico, todos somos ideológicos, porque a ideologia significa tomar partido. Não existe discurso neutro, construir uma argumentação é tomar partido".



Foto: Arquivo Pessoal



A antipolítica tomou conta do debate público. 'Eu sou contra tudo que está aí'. A juventude passou a negar a política e a se afastar do debate. A gente tem trabalhado para retomar essa consciência política"

Pedro Matias



Foto: Arquivo Pessoal



Política é a criação nobre da mente humana, porque a política é o único dos sistemas da sociedade que não é um código binário, sim ou não, muito menos o reducionismo do direita ou esquerda"

Luciano Nascimento



Foto: Pixabay

Conscientização no pulsar da vida cotidiana

“Neste país, só os ricos merecem um olhar de verdade”

Ana Flávia Nóbrega

anflavia@epc.pb.gov.br

Longe dos grandes pensadores, centros acadêmicos e núcleos de partidos e organizações políticas, a consciência política reside, principalmente, no cotidiano social dos cidadãos. O despertar para o papel de cada indivíduo na sociedade, diante da própria vivência com os espaços ou cidades onde residem, já é capaz de gerar conscientização política.

Maria Aparecida, de 34 anos, era faxineira em um restaurante que, diante da crise agravada pela pandemia da Covid-19, foi fechado. Hoje, a mulher vaga pelas portas de entrada de supermercados diversos de João Pessoa e, ao lado da família de três filhos, tornou-se pedinte.

Maria, como tantas outras, senta na porta dos mercados e expõe toda a fragilidade e vulnerabilidade vivida. Ali, sentada tentando conseguir algum trocado ou alimento, a mulher ainda exerce a função de mãe, cuidando das crianças que dificilmente param. Mesmo com tudo isso, nada passa fora do campo de sua visão. Quer seja um olhar desconfiado ou de repulsa, até o comportamento mais singelo que pensa na ajuda.

“Eu fico aqui sentada, cuidando dos meninos, pensando se vou ter o que comer e dar de comer para eles quando che-



Foto: Pixabay

gar no barraco que ainda tenho. Mas, mesmo assim, vejo tudo. Todo dia alguém sai [do mercado] mais triste do que entrou com o preço das coisas, está difícil para todo mundo, sabe?! Não tenho como dizer que não, é só olhar para a minha situação. Mas são momentos como esse que a gente para e pensa no valor que temos. A maioria das pessoas que me olham, mas não me enxergam e eu sei o motivo. Neste

país, só os ricos merecem um olhar de verdade”, explica Maria Aparecida.

O olhar fragilizado e invisibilizado guarda uma angústia no peito pelo não voto nas últimas eleições. Segundo a mulher, o valor do voto e do cidadão se evidencia nos momentos de maior dor e precisão, como o que ela vive. Para Maria Aparecida, a sua situação atual pode ser modificada com o resultado

das eleições, em busca de uma gestão mais pautada em questões sociais.

“Eu não votei, sabe?! Nessas últimas eleições. Estava tão ocupada com outras coisas na vida, pensei que um voto a mais ou a menos não faria diferença e ainda que esse cara [presidente Jair Bolsonaro, do PL] seria diferente pelas coisas que ele falava. A diferença ele é, ele só pensa e só faz pelos ricos. Se estou passando

de necessidade hoje é por conta disso também e não vou repetir nestas [eleições] agora, tenho que ter valor”, finaliza a mãe que, aqui neste espaço, aparece com nome figurativo por medo de perder algum tipo de ajuda que recebe nas portas de supermercados pelo posicionamento.

O processo de conscientização política não acontece de uma hora para outra e nem tampouco através do voto nas

eleições. Este se apresenta como resultado dessa construção coletiva do lugar onde as pessoas, principalmente mais vulneráveis socialmente, devem estar, pelo que podem lutar para viver e sonhar. Obtido, principalmente através da educação, mas sem ignorar o conhecimento popular com potencial transformador.

Henri Lefebvre, sociólogo e filósofo francês, nascido em 1901, levantou teorias de que as cidades deveriam ser lugares que encorajam a liberdade de expressão, diversão e criatividade, mas as cidades modernas tomaram forma que reflete os interesses de empresas poderosas e do capitalismo. A partir disso, o cientista postulou que os pobres e a classe trabalhadora, além de outros grupos marginalizados, não têm direito à opinião nesse local, sobre como as cidades são construídas e como o espaço social é utilizado.

Por conta disso, as cidades e a sociedade, como um todo, deveriam ser reconstruídas a partir do interesse dos oprimidos como uma reivindicação do direito à cidade e a liberdade de construí-la e participar dela de forma ativa. Essa mudança, no entanto, só é possível se a população marginalizada chegar à conscientização política através da formação. Isto porque, é através dela que os indivíduos poderão tomar forma de atores sociais e transformar a realidade em que vivem.



Limitar o saber político a partidos e universidades elitiza o pensamento

Tárcio Teixeira, assistente social do Ministério Público da Paraíba (MPPB) e presidente do Partido Socialismo e Liberdade (Psol) na Paraíba, ressalta que limitar o saber político a partidos e lugares do pensar é um ato de elitizar esse pensamento e afastar o popular.

“O critério da realidade não é o único, mas ele nos forma e molda nossas ações. Eu, antes de ler Marx, já entendia que minha mãe era explorada e que temos lado nessa disputa de classes. Limitar o saber aos partidos e universidades é o que as elites querem para desqualificar outros saberes. A cultura popular é um grande exemplo da grandiosidade do nosso povo em seu pensar e agir político”, ressalta Tárcio Teixeira.

No pulsar da vida cotidiana, no campo popular, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) trabalha, de forma ativa, no processo de conscientização política dos seus assentados e crianças. É através de tal consciência que Maxwell Castelo Branco, um dos diretores do movimento na Paraíba, em específico de formação política, credita o fortalecimento do campo popular e dos cidadãos na busca por melhores condições de vida e justiça social.

“A formação é um instrumento e princípio do MST. Não acreditamos na transformação do sujeito e do sujeito político sem que ele passe por um processo de formação. Atingir um nível de consciên-

cia política é outro nível de formação, o que vai desencadear isso é um processo de formação para que ele se veja enquanto sujeito e instrumento de transformação social, que nós somos. O que muda a minha visão de mundo é o meu processo de formação, me tornando sensível a olhar os fatos, a paisagem, o que está ao meu redor e fazer uma leitura política disso, me indignar ou não com isso”, declara o diretor.

É a educação que garante o reconhecimento dos indivíduos como sujeitos capazes de mudar seu meio social. “É isso que garante, para nós, que os cidadãos se reconheçam como sujeitos políticos, protagonistas de suas histórias, sujeitos de luta e de classe. Porque a gente só se identifica

como classe se tivermos esse instrumento de formação para esse despertar. A maioria das pessoas passa por um processo de formação, mas às vezes ela não desperta para a consciência política. Então temos um processo voltado para isso, utilizando a educação como um instrumento libertador e transformador. É preciso e importante socializar e democratizar o saber e os processos formativos para que você possa tornar os sujeitos protagonistas”, afirma Maxwell Castelo Branco.

Em tempo, por perseguição política e ameaças de morte, integrantes da linha de frente do MST são orientados a não compartilharem fotos em redes sociais ou publicá-las em outros espaços.



Foto: Pixabay



O que muda a minha visão de mundo é o meu processo de formação, me tornando sensível a olhar os fatos, a paisagem, o que está ao meu redor e fazer uma leitura política disso, me indignar ou não com isso

Maxwell Castelo Branco



Foto: Arquivo Pessoal



A cultura popular é um grande exemplo da grandiosidade do nosso povo em seu pensar e agir político”

Tárcio Teixeira



Fotos: Pixabay

Juntas, redes sociais e artes potencializam a conscientização política

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavia@epc.pb.gov.br

O trabalho de conscientizar as pessoas politicamente não é fácil, principalmente em um cenário onde há o constante e crescente afastamento das pessoas do processo de participação e decisão política.

“Venhamos e convenhamos, não está nada fácil viver, é bem mais fácil ficar longe disso tudo! Então, soma-se a isso a ideologia política dominante, de que os outros que devem resolver por nós, aí muitas pessoas preferem sair do meio dessa confusão que ser parte dela. Mas a realidade uma hora faz essas pessoas saírem do canto. É como cantava Chico Science: ‘Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar’”, diz o assistente social Tércio Teixeira, servidor do Ministério Público da Paraíba (MPPB) e presidente do Partido Socialismo e Liberdade (Psol) na Paraíba.

Seja no cotidiano social, nas ruas, nas rodas de conversa, centros de formação de movimentos ou, nos dias de hoje, utilizando as redes sociais como ferramenta para comunicar e gerar a conscientização política, o cidadão tem uma maior possibilidade de chegar à participação ativa na construção coletiva dos espaços em que ocupa, modificando a sua realidade.

Para Laianna Janu, mesetranda em comunicação e pesquisadora das relações políticas, as redes sociais ocupam um papel muito importante na

missão de gerar o despertar para conscientização política nos dias de hoje.

“Ocupar todo e qualquer espaço é importante, imagina na internet que alcança tanta gente e em tão pouco tempo? Definitivamente, ignorá-la não é uma boa estratégia para quem pensa em massificar o processo de politização da sociedade. Mas há também o processo de despolitização, já que não é só falar sobre política que está politizando o debate. Na verdade, pode se estar disseminando muitas mentiras, fake news e frases do senso comum que não abrem espaço e diálogo para a construção da consciência política. Então é realmente mais uma estrutura muito difícil, mas super importante de ocupar. E com estratégia, trabalhos de formação de influenciadores engajados com conscientização vão furando bolhas e formando o público que pode passar a selecionar melhor o que consumir e onde se informar”, relatou a pesquisadora.

A arte também se apresenta como um poderoso papel para gerar conscientização política. Marginalizados, artistas tomam, cada vez mais, espaço no compartilhamento de produtos artísticos capazes de denunciar situações vividas, evidenciar histórico de sofrimentos e mirar a consciência política e social da situação como um salto de melhora de vida.

Na Paraíba, Bixarte, poetisa, escritora, atriz e rapper, é um dos maiores nomes expoentes do Rap nordestino. Maxwell

Castelo Branco, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), observa a arte como de extrema importância para que a sociedade atinja a conscientização política.

Em seus versos, a rapper deixa evidenciado a força que a arte pode ter nesse processo: “A força tá viva/ Entre nós tá espalhada/ Falando sem medo/ Eu quero respeito pro povo do gueto/ Eu sempre meto meu peito/ Sempre me calando/ Se esforçando pra eu parar/ Mas o trono é das bicha e ninguém vai me tirar/ E ninguém vai me tirar” (letra de ‘Rap de Favela’, com participação de Rafa Rasta).

“A arte é um grande instrumento de transformação social e contribui significativamente para um processo de identidade do sujeito e de luta. Eu conheço o trabalho de Bixarte e o trabalho tem um processo de leitura muito intenso, com fundamentação dialogada com a realidade vivida. Mas isso não é uma regra, a gente lembra de Cora Coralina, uma mulher analfabeta, e seus versos eram incríveis, porque as pessoas e o cotidiano social também produzem conhecimento através da sabedoria popular, que precisamos valorizar. O MST trabalha muito com a arte compreendendo como um despertar, um instrumento transformador. Para além da terra, a arte, a educação e a cultura formam os sujeitos e são de muita importância no processo de conscientização política”, finaliza um dos diretores do MST na Paraíba, Maxwell Castelo Branco.

Foto: Arquivo Pessoal



“

Ocupar todo e qualquer espaço é importante, imagina na internet, que alcança tanta gente e em tão pouco tempo? Definitivamente, ignorá-la não é uma boa estratégia para quem pensa em massificar o processo de politização da sociedade”

Laianna Janu

